



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

ENZO CARMIGNOLLI GOMES

**JOVENZ
WEBSÉRIE DOCUMENTAL SOBRE A GERAÇÃO Z**

**GOIÂNIA
2026**



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

ENZO CARMIGNOLLI GOMES

JOVENZ
WEBSÉRIE DOCUMENTAL SOBRE A GERAÇÃO Z

Produto Websérie apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Direito, Negócios e Comunicação, sob orientação do Professor Doutor Rogério Pereira Borges.

GOIÂNIA

2026

FOLHA DE APROVAÇÃO

ENZO CARMIGNOLLI GOMES

JOVENZ

WEBSÉRIE DOCUMENTAL SOBRE A GERAÇÃO Z

Data da defesa: 08 de junho de 2026.

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério Pereira Borges

Profa. Me. Sabrina Moreira de Moraes

Prof. Me. Antônio Carlos Borges Cunha

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente meu pai, Donizeti Gomes, que financiou não só minha faculdade, mas também meus equipamentos, cursos, computadores, softwares, gasolina, comida, teto e amor até eu conseguir seguir sozinho. Obrigado amigão!

Tão importante quanto foi o auxílio diário da minha mãe, Miriam Carmignolli Gomes, que me proveio com comida, conforto, alento e entusiasmo, mesmo quando eu simplesmente não era capaz de tê-lo. Eu te amo mainha.

Fora os parentes imediatos, agradeço aos meus maravilhosos amigos.

Obrigado Vitor Domiciano Leite por revisar cada um dos meus vídeos para o TikTok e nunca tecer uma singular crítica a eles, principalmente por ser do curso de medicina e não ter ideia de nada sobre jornalismo.

Obrigado Ricardo Zanluchi Ribeiro por ter me ajudado nas gravações do projeto, mesmo nunca tendo mexido em uma câmera antes.

Obrigado Kézia Pimentel e Emanuelle Mattos, por passarem esses 3 anos comigo, em meio a dezenas de trabalhos e disciplinas, para no final serem minhas produtoras na gravação da apresentação do programa.

Obrigado Gustavo Alves pela camaradagem como colega de turma e pela ajuda também na gravação da apresentação.

Agradeço também meu querido orientador Rogério Pereira Borges. O nosso tempo investido nesse projeto valeu cada segundo.

Por fim, agradeço minha namorada Sophia Azevedo de Lorenzo, minha companheira mais próxima nesse processo, fazendo sempre questão de me empurrar pra frente, quando eu adoraria ficar parado.

RESUMO

O produto no formato Websérie Documental, com o tema “Jovens”, tem como objetivo demonstrar a variedade de vivências, histórias e opiniões de indivíduos da geração Z. Com 22 entrevistados na cidade de Goiânia, Goiás, 5 episódios e mais de duas horas de conteúdo, o produto foi pensado para as novas necessidades do jornalismo contemporâneo, se adequando às plataformas de vídeo e estudando a possibilidade de reaproximação do público jovem à profissão e propiciando um local de fala seguro à esta geração.

PALAVRAS-CHAVE: Websérie. Jovens. Jornalismo. Entrevistas.

ABSTRACT

This Documentary Webseries, with “Youth” as its theme, has the objective of demonstrating the Variety of experiences, stories and opinions of the individuals from Generation Z. With a total of 22 people interviewed in the city of Goiânia, Goiás, 5 episodes and more than two hours of content, the product was idealized for the contemporary needs of journalism, adequating itself for video platforms and studying the possibility of reapproximating with the Youth demographic, while proporcionating a safe space of speech for the Generation.

KEYWORDS: Webseries, Youth. Journalism. Interviews.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I.....	10
REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
1. Juventude.....	10
1.1 Geração Z.....	11
1.2 Tópicos em debate.....	12
1.2.1 Lazer.....	13
1.2.2 Amor e sexo.....	13
1.2.3 Religião.....	14
1.2.4 Vícios.....	15
1.2.5 Futuro.....	17
CAPÍTULO II.....	19
2. Formato do programa.....	19
2.1 Plataformização.....	20
2.2 Websérie documental.....	22
CAPÍTULO III.....	25
3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	25
3.1 Trabalho de Conclusão de Curso I.....	26
3.2 Trabalho de Conclusão de Curso II.....	27
4. MEMORIAL DE PRODUÇÃO.....	30
4.1 Memorial geral.....	30
4.2 Episódios.....	44
4.2.1 Episódio I - Lazer	44
4.2.2 Episódio II – Amor e Sexo.....	45
4.2.3 Episódio III – Religião.....	46
4.2.4 Episódio IV – Desafios.....	46
4.2.5 Episódio V – Juventude.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICES.....	51

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Características atreladas à websérie delimitadas

Figura 2 - Posters criados para divulgação

Figura 3 - Logotipo do canal "Cray"

Figura 4 - Logotipo Programa JOVENZ

INTRODUÇÃO

A carência de espaços seguros para a juventude contemporânea se expressar se faz visível na tendência do distanciamento destas pessoas do jornalismo. A Geração Z, a primeira nata-virtual, passa grande parte de seu tempo nas plataformas e redes sociais, utilizando-as como principal fonte de lazer e informação, entretanto, o jornalismo atual, com todos os seus problemas, demonstra uma forte desconexão para com este público, que nunca esteve tão acessível quanto agora.

Deste modo, surgiu a ideia de produzir a websérie jornalística “JOVENZ”, para que estas pessoas tivessem esse espaço para participarem e exporem suas opiniões, com o rigor jornalístico por trás da produção. Um importante aspecto do projeto foi relativo ao processo de captação de fontes, em que se divulgaram vídeos e posters descrevendo o projeto, direcionando os interessados para um formulário de inscrição. Este procedimento serviu como uma peneira para adquirir-se indivíduos propostos a tratar em maior profundidade sobre suas opiniões.

As entrevistas foram conduzidas em depoimento, com um roteiro semiestruturado, em locais e horários determinados pelos próprios entrevistados.

“JOVENZ” foi dividido em 5 episódios, cada um com um dos temas abordados na entrevista. Os temas selecionados foram lazer, amor e sexo, religião, desafios e juventude. Os episódios foram apresentados em tom bem-humorado e descontraído abrangendo a introdução do tema, comentários sobre as entrevistas e o encerramento, pelo autor deste trabalho. A produção, captação de imagens, som, edição de vídeo e design também foram realizados pelo autor deste trabalho.

Ao conversar com estes jovens, notamos a diversidade das juventudes brasileiras, além de como eles lidam com um mundo cada vez mais complexo e difícil, se abrindo e desconstruindo imagens preconceituosas da Geração Z.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1. JUVENTUDE

O jovem é um sujeito de múltiplas definições. Grande parte das áreas das ciências humanas e biológicas conduziram estudos sobre as peculiaridades destes indivíduos, entretanto é impossível definir o jovem com visões exclusivamente biológicas, psicológicas ou sociais.

Na legislação brasileira, por exemplo, o jovem é definido pelo Estatuto da Juventude (Lei n. 12.852, de 2013) como “as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos” (Brasil, 2013, art. 1º, §1º).

Porém, a juventude não é um espaço temporal delimitado da idade X à idade Y, nem seria um período exclusivo relacionado ao corpo ou a mente, mas sim um fenômeno social que depende de diversos fatores para vir a ser, como destaca Nildo Viana:

No entanto, já há muito tempo historiadores, antropólogos, sociólogos, entre outros cientistas sociais, vêm apresentando um amplo material informativo e diversas reflexões e análises que desmentem as concepções biologicistas e psicologistas. Apesar de não haver unanimidade neste grupo sobre a questão da juventude, pelo menos houve um avanço comum na superação dos obstáculos ideológicos e na compreensão de que a juventude é um fenômeno social. (Viana, 2009, p. 147).

A depender do ambiente em que a pessoa está inserida sua juventude pode ser mais ou menos duradoura. Sob a vulnerabilidade social, os indivíduos tendem a passar pela integração precoce no mercado de trabalho e a adoção de diversas responsabilidades não adequadas à idade. A consequência disto é o pouco tempo para reflexão, que afeta diretamente o desenvolvimento saudável daquele jovem.

Neste período variável, o indivíduo passa por um processo de ressocialização. O mundo adulto o propõe, em termos gerais, em seu desenvolvimento, independentemente de sua condição biopsicossocial. Claro, como vimos anteriormente, as condições influenciam nos resultados, mas a presença da mudança é absoluta.

Deste modo, a juventude é uma massa de indivíduos passando por uma profunda transformação. Essa fase dá origem à vida adulta, etapa muitas vezes priorizada pela sociedade por ser considerada sólida, responsável, definitiva.

O jovem é visto como aquele que ainda é incompleto, destacado sob uma ótica negativa de incapacidade. Também é visto como um sujeito eivado de frequentes erros, mas que tem espaço para cometê-los.

Como define Juarez Dayrel (2003, p. 42), “A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma.”.

Ela se mostra como um período singular da vida humana. Mesmo que tenha objetivamente menos estabilidade, não se resume na transitoriedade; é, em si, única, específica e relevante de ser analisada de maneira separada dos demais períodos.

Por exemplo, a criança é socializada em sua família, enquanto o jovem é ressocializado nas instituições da sociedade. No sistema capitalista, é preparado para o mercado de trabalho, tendo uma nova escolha profissional ou vocacional no horizonte, além da perspectiva de desenvolvimento no campo de relacionamentos interpessoais e a expectativa de construir um relacionamento romântico com outro indivíduo.

Nessas instituições, como a faculdade, os cursos profissionalizantes e a vida profissional, o jovem é guiado pelos adultos, que controlam estas instituições. O jovem assume função de aprendiz, pois tem a função de eventualmente tomar as rédeas dessas instituições.

Entretanto, este processo de mudança não vem sem revoltas com o paradigma. Nildo Viana (2004, p. 48) descreve que "Como os jovens não constituem uma massa amorfa, há a recusa, a crítica e a contestação sob as mais variadas formas."

Segundo dados do Censo Demográfico do IBGE de 2022, voltando a definição normalista fechada do Estatuto do Jovem, no Brasil temos precisamente 45.294.128 de cidadãos brasileiros com idades entre 15 e 29 anos¹.

Mesmo com o envelhecimento da população, indicado pelos relatórios do instituto, os jovens ainda compõem a expressiva parcela de 22,3% de todos os que neste solo habitam, mostrando a força e relevância destes indivíduos para a sociedade em geral.

1.1 GERAÇÃO Z

O termo amplamente adotado para delimitar os jovens atuais é "Geração Z". Vinda após a Geração X e os Millennials (também conhecidos como Geração Y), logicamente foi selecionada a próxima e final letra do alfabeto romano.

Mesmo sem um consenso do período delimitado em que estas pessoas nasceram, ainda é possível definir os indivíduos da Geração Z ao compará-los com os aspectos políticos, econômicos e sociais das outras gerações (Dimock, 2019).

Definida como a geração que nasceu entre os meados do final dos anos 1990 até o final da década de 2010, a separação surgiu do fato de que a Geração Z nasceu no apogeu da transição

¹ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/22827-censo-demografico-2022.html>

entre os meios analógicos e digitais, além de ser a primeira a crescer com amplo acesso à internet.

Estas peculiaridades, tornaram seus jovens os primeiros a terem padrões psicológicos e comportamentais influenciados pelas logísticas dos meios digitais (Twenge, 2017).

A sua corrente integração deles à força de trabalho, à política e ao mercado consumidor, fez com que o interesse na Geração Z como objeto de pesquisa acadêmica e informal, aumentasse de maneira considerável desde o início da década de 2010 (Google Trends, 2026)².

Deste modo, para fins deste trabalho acadêmico, definimos a Geração Z como aquela que foi criada já com o acesso à internet, mas que experienciou a integração dos dispositivos móveis na sociedade.

Mesmo assim, este período de integração ultrapassou países e realidades diferentes em épocas diferentes. Desde 2005, saímos de 21% da população com acesso à internet para 93,6% em 2022 (IBGE, 2022)³, o que significa que ainda podem existir jovens que não se adequam aos critérios aqui apresentados.

Entretanto, esta diferença não os exclui da categorização, como escreve Michael Dimock (2019):

Como foi o caso no passado, isso significa que as diferenças dentro das gerações podem ser tão grandes quanto as diferenças entre gerações, e os mais jovens e os mais velhos dentro de um mesmo grupo geracional podem sentir ter mais em comum com gerações vizinhas do que com aquela à qual foram atribuídos. Isso serve como um lembrete de que as próprias gerações são grupos inerentemente diversos e complexos, e não simples caricaturas. (Dimock, 2019, p. 1, tradução nossa)

A diversidade é um fundamento da cultura jovem, porém, como supracitado, ela não é só uma expressão individual, mas sim uma externalização de condições que permeiam grupos inteiros.

1.2 TÓPICOS EM DEBATE

Dentro do programa, cinco episódios foram planejados, cada um tratando sobre um aspecto basilar da juventude.

Os episódios seguiram os temas:

1. Lazer
2. Amor e sexo
3. Religião
4. Desafios (englobando os temas vícios, família, trabalho e futuro)

²Disponível em: <https://trends.google.com.br/explore?geo=BR&q=%2Fm%2F03xvj3&date=all>

³ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/22827-censo-demografico-2022.html>

5. Juventude

1.2.1 LAZER

O paradigma da maneira como os jovens se divertem sofreu uma grande mudança pela evolução da internet, das plataformas e das redes sociais. As experiências se tornam hiperpersonalizadas com a interferência dos algoritmos, que se adaptam a cada clique dos indivíduos.

Mesmo que os jovens ainda saiam de casa para ir a bares, baladas, casas de amigos, dentro de suas bolhas virtuais experienciam um mercado de entretenimento diferente das outras gerações. As mídias tradicionais como o cinema, a televisão e revistas perderam espaço para os influenciadores, canais do YouTube com diversos níveis de produção e páginas em redes sociais.

A ocupação do tempo livre muito se influencia não só pela renda, mas também pelo gênero. A prática esportiva é estatisticamente mais aderida pelo público masculino, enquanto a leitura pelo feminino. Independentemente das diferenças do lazer entre os gêneros, o consenso dos estudos é que os jovens enxergam suas casas como principal espaço de lazer, não o mundo externo (Nordari et al., 2016). Esta preferência pode ser efeito da insegurança dos espaços públicos ou a carência de eventos culturais relevantes à cultura juvenil contemporânea.

O Smartphone se demonstra a máquina de entretenimento preferida dos jovens. Navegar na internet está na rotina de entretenimento de 84,5% deles, enquanto sair de casa fica para trás por diversos pontos percentuais, alcançando somente 53,4%⁴

1.2.2 AMOR E SEXO

O nível de liberdade sexual da sociedade moderna aumentou com o tempo. A globalização, a emancipação feminina, a revolução sexual, o facilitado acesso à pornografia virtual e a difusão dos métodos contraceptivos foram os principais diferenciais que permitiram os jovens contemporâneos a conhecerem este aspecto da sociedade em idades cada vez menores.

A introdução aos relacionamentos amorosos e sexuais passou a ter menos restrições para os jovens da geração Z. Não se vê os relacionamentos somente como namoros e casamentos tradicionais, levados no sentido estrito da monogamia, exclusividade e patriarcalismo, mas sim em uma diversidade de modos, que ultrapassam os conceitos anteriormente citados:

⁴ Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/PT7DNj9m7XRxc4336wqdMmG/?lang=pt>

Assim, na sociedade brasileira, nas últimas décadas, constata-se a modernização dos costumes, principalmente nas camadas médias e altas dos grandes centros metropolitanos. Tais mudanças se expressam através da liberdade do exercício da sexualidade para ambos os sexos fora de uma relação estável, do aumento de arranjos conjugais, da ampla aceitação do divórcio e da maternidade voluntária. (Falcke; Zordan, 2010, p. 4)

A geração Z sustenta uma visão positiva do amor, mesmo com a variedade dos tipos de relacionamento. Pode-se dizer então que sustentam a percepção de tipos diferentes de amores, com ampla aceitação de situações como a poligamia, homoafetividade, não-exclusividade, desde que haja consentimento entre os relacionados (Risk et al., 2023).

Ela também tem uma visão determinada de que a divisão dos papéis na vida conjugal, já não é mais uma realidade. Raramente se questiona a mescla dos papéis tradicionalistas de homem e de mulher nos relacionamentos.

Um estudo conduzido pelo Departamento de Enfermagem Materno-Infantil da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 2017, com adolescentes entre 15 e 24 anos de escolas públicas e privadas, descobriu que 50,8% já haviam “ficado” ou namorado com alguma pessoa antes de seus 15 anos⁵.

Não somente isto, 18,4% destes indivíduos já haviam tido relações sexuais antes dos 15 anos, etapa delimitada como “adolescência precoce”.

A introdução precoce não necessariamente se traduz em relacionamentos catastróficos que maculam o futuro destes jovens. Dentre indivíduos de 20 a 31 anos, 60,7% indicam estar em um relacionamento, com 69,1% desses caracterizados como relacionamentos longos, com entre 1 e 4 anos de duração (Falcke; Zordan, 2010)⁶.

Entretanto, um problema especial da geração Z é o da pornografia. O amplo acesso aos materiais pornográficos pela internet, faz com que entre os 50 sites mais acessados no Brasil, 6 deles sejam sites de pornografia (SimilarWeb, 2026).

A percepção majoritária dos estudos sobre a pornografia na contemporaneidade é de que esta traz aspectos negativos ao relacionamento, dentre eles uso problemático, autopercepção negativa, comportamento sexual de risco, redução da satisfação, segredo, infidelidade, redução da intimidade, violência contra a mulher, objetificação, submissão feminina, idealização de como o corpo deve ser e de como o desempenho deve acontecer (Baumel et al., 2019).

1.2.3 RELIGIÃO

⁵ Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/VzTXH8svfWGswLTdcbPTWFK/?lang=pt>

⁶ Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/39108>

A mudança no panorama da religiosidade brasileira é nítida. A diminuição da adesão à religião se nota na porcentagem crescente da população que se declara “sem religião”. De 1,6% em 1980, para 9,3% em 2022, cerca de 16,4 milhões de brasileiros, com destaque às pessoas autodeclaradas amarelas e pretas, demonstraram este novo paradigma (IBGE, 2022).

Ao tratarmos dos jovens, nota-se que a mudança se amplifica. O Censo 2022 do IBGE apontou que o ápice dos “sem religião”, se encontra dos 15 aos 29 anos.

Além disto, é relevante observar a conversão dos católicos romanos para o evangelismo, movimento que se amplificou em todas as faixas etárias nas últimas décadas. O número de evangélicos é ligeiramente maior entre aqueles de 15 a 29 anos, se comparados com a faixa etária entre 30 e 60 anos. Também é notavelmente maior do que na faixa dos 60 aos 80 anos ou mais.

A religião evangélica se torna cada vez mais dominante nas novas gerações. Numa pesquisa conduzida com jovens universitários da baixada fluminense, com 19 a 35 anos, a quantidade de evangélicos foi mais que o dobro da quantidade de católicos romanos, alcançando os 35,99%⁷. Os sem religião compuseram 31,04% dos entrevistados (Flexor; Rodrigues; Silva, 2020).

Deste modo, é notável a ascensão dos sem religião e da alta conversão de jovens ao evangelismo. Os indivíduos sem religião, tem um perfil que anda lado ao lado com a Geração Z:

Temos nos deparado com um perfil predominante de pessoas sem religião: jovens, com memória religiosa fragilizada, com significativa crítica à instituição, descontentamento com a liderança religiosa, manifesta desafeição religiosa. São pessoas que se afirmam ter crenças, mas são crentes ao seu modo, de uma forma que não lhe parece vincular a alguma instituição religiosa, sem participação ou participação irregular em cultos. (Ritz; Senra, 2022, p. 325)

Por outro lado, a ascensão evangélica se nota pelo grande investimento das congregações em grupos infanto-juvenis e na adequação de seus discursos ao público jovem.

1.2.4 VÍCIOS

A Organização Mundial da Saúde conceitua o vício como:

O vício é uma doença crônica. Ele afeta o cérebro de uma pessoa e altera seu comportamento, de modo que ela passa a agir de uma forma que lhe causa danos. A pessoa se torna incapaz de parar de consumir uma droga ou de se envolver em determinado comportamento (apostas, compras) a ponto de isso se tornar prejudicial. (Organização Mundial da Saúde, 2019, p. 1, tradução nossa)

⁷ Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/VzTXH8svfWGswLTdcbPTWFK/?lang=pt>

Sob esta perspectiva, os jovens da geração Z tem vícios diferentes das anteriores. Um dossiê da empresa de pesquisas do mercado consumidor MindMiners sobre bebidas mostrou que entre maiores de 18 anos, o grupo que menos consome bebidas alcoólicas, com 22 pontos percentuais a menos do grupo com maior consumo, é a faixa etária dos 18 aos 24 anos. Somente 45% dos jovens nesta faixa bebem, dentre os 55% que não o fazem, 58% dizem “não ter interesse” no álcool⁸.

O fumo também se transformou. O consumo de cigarros teve diminuição substancial nas últimas décadas. Entretanto na geração atual, aqueles que ainda fumam passaram pela ascensão dos cigarros eletrônicos, também conhecidos como “vapes”.

Os vaporizadores de nicotina, mesmo proibidos pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), giram um mercado bilionário pelo seu apelo singular à juventude. O cheiro agradável, sabores impressionantes, como manga e morango ou mirtilo e coco, a economicidade (cada vaporizador pode ter até 150.000 “tragadas”) e a conveniência, fizeram com que os jovens introduzissem ainda mais cedo no vício a nicotina.

O Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD), realizado pela Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), indica que 8,6% dos indivíduos dos 18 aos 24 anos fumam atualmente, 4,1 pontos percentuais abaixo da média das idades superiores⁹.

Ainda de acordo com o LENAD, ao considerarmos a quantidade de ex-fumantes (aqueles que abandonaram o fumo definitivamente, mas já foram tabagistas), em conjunto com a de fumantes atuais, notamos uma substancial diminuição no vício entre as faixas etárias. Dos jovens com 18 a 24 anos, 10,1% tiveram ou têm vício em fumo, enquanto a média das outras gerações é de 24,76%.

Sobre o consumo dos cigarros eletrônicos, a faixa dos jovens de 18 a 24 anos desta vez se destaca de maneira negativa, 25% já usou, estatística 21,33% maior do que das outras idades.

Entretanto, o mais novo dos vícios da geração Z é o uso de aparelhos eletrônicos e redes sociais. Este vício se concentra no aparelho celular, o conhecido Smartphone.

Um estudo colaborativo entre professores da Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e Universidade Estadual do Ceará (UECE) apontou que

⁸ Disponível em: <https://mindminers.com/blog/o-dossie-das-bebidas-edicao-2024/>

⁹ Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/85272d44-b84f-49a0-905a-63e9af51d5c7>

76,5% dos alunos da UFC e da UECE entrevistados tinham dependência do celular, com mais de 6 horas diárias em frente à tela, com o ápice do vício em indivíduos com 24 anos¹⁰.

1.2.5 FUTURO

Os jovens estão se tornando um recurso cada vez mais escasso. A lenta inversão da pirâmide etária, propulsionada pela melhoria na qualidade de vida e nos avanços da medicina, assola de imediato os países do hemisfério norte político, mas também se torna uma realidade gradualmente observável no Brasil.

Os problemas ocasionados por esta inversão não são o objeto de estudo do presente artigo, entretanto, causam aflição à toda a sociedade e colocam um grande peso sob os ombros da geração presente.

Os jovens não são somente incentivados, como por vezes forçados a terem planos para o futuro, que hoje se faz mais volátil que nunca. A angústia e o sofrimento psicológico ocasionado por estas incertezas permeia todas as gerações, mas em especial, dados os acelerados processos de mudança na economia, costumes e mercado de trabalho do século 21, aflige profundamente os Millenials, a Geração Z e quando tiverem idade para passarem pelo processo da ressocialização, as próximas gerações (Viana, 2019). Como disserta Pappámikail (2022, p.18):

[...] fala-se em particular da alunização da juventude porque esta se traduz numa força que mobiliza indelevelmente o futuro para o presente na medida em que força o jovem, na condição de aluno, e em diferentes etapas do percurso, a projetar-se no futuro, antecipando um projeto de si sob o qual, para mais, impendem inúmeras incertezas.

Para corresponder com os projetos de futuro, os jovens se submetem cada vez mais a condições incompatíveis com a moral e as leis. Um exemplo é o da precariedade do emprego jovem, que surge historicamente em momentos de instabilidade econômica, que tende a impulsionar estes indivíduos à informalidade, quase sempre contra suas vontades.

Mesmo com o repertório histórico da incerteza juvenil, as gerações atuais passam por um problema diferente. Não somente os jovens sem instrução, mas também os jovens instruídos, do ensino médio completo aos mestrados e doutorados, estão passando pela carência de empregos, encontrando condições precárias naqueles que são contratados (Oliveira et al., 2011)

¹⁰ Disponível em: <https://revista.domhelder.edu.br/index.php/veredas/article/view/4913>

A narrativa construída sob este fenômeno do desemprego jovem é a de uma geração acometida por uma grande preguiça e ausência de capacitação, que ao conseguir empregos deles logo sai, os levando a serem funcionários indesejáveis. Entretanto, não existem diplomas, MBAs e doutorados que ultrapassem o problema matemático da oferta e procura de empregos (Pappámikail, 2022), muito menos do cálculo da adequação salarial ao custo de vida.

Em tempos distópicos, com o avanço do autoritarismo, da mudança climática, da guerra, pandemias e a precarização do mercado de trabalho, compreender como os jovens, que viverão as consequências do presente caótico, se planejam e pensam sobre suas perspectivas, se torna ainda mais importante para compreender os próximos capítulos da sociedade.

CAPÍTULO II

2. FORMATO DO PROGRAMA

O sucesso de um programa audiovisual depende diretamente de seu formato e de quão interessante ele é para o público-alvo. Neste sentido, deve chamar a atenção destas pessoas, enquanto as informa com os princípios éticos do jornalismo em mãos. A mercantilização do jornalismo é um fenômeno amplamente estudado e já consolidado na contemporaneidade. Por meio deste processo os produtos jornalísticos passaram a priorizar a produção de valor não só para o telespectador, mas também para os anunciantes (Andrade, 2013).

A partir dos anos 60, a modernização das empresas jornalísticas brasileiras aumenta gradualmente a preocupação com a produção de conteúdos rentáveis em um mercado cada vez mais competitivo. Este processo industrializa o jornalismo no país, que anteriormente vivia um período mais opinativo. A profissão passa então por uma profunda mudança, que eventualmente gera a lógica atual do jornalismo, com a precarização da profissão, mesmo com grandes investimentos e avanços tecnológicos nos processos comunicacionais.

Esta rigidez mercadológica atrapalha o espaço de experimentação nas grandes empresas de jornalismo, que se preocupam excessivamente com o mercado e pouco com o primor notícia veiculada. Pesquisas contantes sobre o público espectador e anunciante passam a direcionar o jornalista aos tópicos que atraem estas pessoas, não aos tópicos que são socialmente relevantes (Andrade, 2013).

Troca-se então o agendamento baseado em critérios de noticiabilidade por contra-agendamento hiper específico, em que os anunciantes e os consumidores delimitam exatamente aquilo que os atrai, construindo bolhas de conteúdo que descredibilizam a prática jornalística, mas apetece a lógica do mercado. Seria então um espécime de rede noticiosa, como descrito por Gaye Tuchman (1969), em que um pequeno grupo de pessoas, neste caso os anunciantes, influenciam a produção jornalística por meio de seu poder monetário e suas informações privilegiadas, definindo os critérios editoriais que regem uma redação.

Neste sentido, programas infantis e para jovens deixaram de ser veiculados na televisão aberta, estando presentes somente em canais da TV a cabo durante o final dos anos 2000 e início dos anos 2010, para finalmente serem extintos no final da década e início dos anos 2020. Esta mudança, proporcionada não somente pela mercantilização da produção jornalística, mas também pela transição nas tendências de consumo dos jovens da Geração Z (Nodari et al., 2016), deixou uma carência de representação desta população nas mídias tradicionais.

Deste modo, a internet se tornou o espaço de discussão e expressão dos novos jovens, não somente pela facilidade e por terem sido criados neste paradigma, mas também pela carência de espaços nas mídias tradicionais para se expressarem. Os jovens se distanciam do jornalismo pois o jornalismo se distancia dos jovens. Poucos veículos da grande imprensa abrem editorias e cadernos que levem a sério as problemáticas da juventude contemporânea. Muito disso se deve ao imediatismo relacionado ao processo de mercantilização (Andrade, 2013). O jovem atual foi criado em um mundo em que o jornalismo parece distante, chato e decadente, desconstruir esta ideia de pessoas que cresceram com ela, demandaria esforço e tempo, para um retorno financeiro pequeno no curto e médio prazo.

Entretanto, reestabelecer essa conexão com os jovens atuais e futuros é uma missão que não permeia somente a lógica do mercado atual, é um investimento a longo prazo na manutenção da viabilidade da produção jornalística de qualidade. O desejo de informação e representação é presente nestas pessoas, mas ao serem escanteados, se voltam a meios alternativos de acesso à informação, como páginas sensacionalistas no TikTok e Instagram ou influenciadores¹¹. Observando este cenário no mercado jornalístico, viu-se então o espaço para uma produção que concedesse espaço para os jovens da Geração Z tratarem de assuntos que vissem pertinentes, de maneira sólida e segura. Baseando-se nisso, surgiu a ideia de criar a websérie jornalística deste trabalho de conclusão de curso.

2.1 PLATAFORMIZAÇÃO

A plataformização da internet foi o que a tornou uma verdadeira instituição (Hjavar, 2015). Ao considerar o formato do programa como uma websérie, se tornou imprescindível se adequar a logística que vem transformando o meio. A escolha foi o YouTube, o segundo site mais acessado do mundo e a maior plataforma de compartilhamento de compartilhamento de vídeos da história (SimilarWeb, 2026). Escolheu-se especificamente o YouTube teve com a premissa de sua relevante capacidade de ser uma vitrine de conteúdo jornalístico independente, além da recente efetivação da adequação da imprensa à lógica da plataformização.

A diminuição do consumo da TV e o crescimento substancial do acesso à internet por todos os tipos de aparelho (IBGE, 2022), demonstra uma transformação clara na lógica do consumo de conteúdo. A grande mídia também passa por uma corrente transição para as plataformas digitais, aberta por produtores de conteúdo individuais, que lentamente legitimaram a prática do jornalismo nestes meios. Grandes empresas brasileiras, como a Globo,

¹¹ Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2025>

Record, Band e SBT compreenderam que não somente no streaming está o público, mas também nas plataformas gratuitas como a referida anteriormente.

Este processo, que se iniciou no final dos anos 2000 com a publicação de trechos dos tradicionais telejornais nos canais das emissoras no recém-formado YouTube, se ampliou com o tempo. Atualmente observamos um cenário em que as grandes empresas jornalísticas criam produtos exclusivos para as plataformas, com variados níveis de sucesso.

Um exemplo recente deste fenômeno é o caso da ge tv, canal do YouTube do programa Globo Esporte, que foi convertido em um hub para a transmissão gratuita de partidas dos campeonatos que envolvam clubes brasileiros, jogos da seleção brasileira, podcasts, reportagens e melhores momentos de jogos. Somente 5 anos de existência, o ge tv acumulou 15,6 milhões de inscritos (Youtube, 2026)

O jornal americano The New York Times (NYT) abriu seu canal em outubro de 2006, primeiramente publicando os conteúdos de seu próprio site na plataforma. 20 anos depois, o canal do NYT é sede de reportagens e documentários exclusivos. Também é notável a valorização do jornalismo independente no YouTube, no sentido de indivíduos ou grupos de indivíduos não associados à grande imprensa terem grande sucesso em suas empreitadas na plataforma.

Canais de jornalistas de formação, como os de Isabela Boscov (Isabela Boscov), de Iberê Thenório (Manual do Mundo), do canadense John Ruskin (NardwuarServiette) e do americano Dan Toomey (Good Work), alcançam frequentemente visualizações na casa dos milhões, além de gozarem de uma liberdade editorial ampliada.

A plataformização erode as relações trabalhistas dos jornalistas, as precarizando, desestruturando os vínculos empregatícios que sempre foram historicamente fracos e insalubres na profissão (Nicoletti; Figaro, 2022). Entretanto, essa precarização pode ser também o caminho para a reestruturação da profissão, em um fenômeno de desconcentração do 4º poder da mão das empresas jornalísticas tradicionais, voltando-o para jornalistas independentes que controlam por meio de suas criações o valor agregado aos seus serviços.

Mesmo com os diversos problemas da plataformização, as plataformas se demonstram importantes locais de mediação entre o público, os jornalistas e a grande imprensa, onde cada um alimenta o outro por meio da produção de diferentes conteúdos (Bolaño; Barreto; Valente, 2022). Desta forma, a adequação do produto às plataformas se demonstrou imprescindível. A mediação conduzida por essas abre espaço para a experimentação e a liberdade criativa, mesmo que submetida à lógica dos algoritmos. As produções audiovisuais independentes ganharam um

espaço ímpar com o advento das plataformas, não aproveitar este espaço é desperdiçar uma clara oportunidade de ampliar o alcance destas iniciativas.

2.2 WEBSÉRIE DOCUMENTAL

Hergesel (2018, p. 1), define as webséries como:

A websérie é uma narrativa midiática produzida, prioritariamente, em linguagem audiovisual, de maneira serializada, cujos episódios ficam disponíveis para acesso nos espaços on-line passíveis de circulação, especialmente os sites de armazenamento de vídeos.

Deste modo, podemos notar um tema chave que ultrapassa este produto, o meio on-line. A websérie, por princípio, é veiculada na internet. Ela surge pela transição do público jovem da televisão para os meios virtuais durante o final dos anos 2000.

Junto da ascensão das plataformas e da mercantilização exacerbada do jornalismo, as novas gerações passaram a consumir cada vez mais os conteúdos virtuais. Em busca de maior interatividade com este público, empresas de entretenimento passaram a colocar em seus sites spin-offs e extensões narrativas, na busca de impulsionar suas presenças no público juvenil. Porém, a diferença entre as webséries, das séries veiculadas na web, está no espaço para novos produtores e na interatividade com o telespectador (Hergesel, 2018).

Estando disponibilizadas nas plataformas de vídeos, as webséries ficam no mesmo espaço que as grandes produtoras estão. O grande poder financeiro das empresas permite a divulgação por anúncios pagos e a realização campanhas de publicidade, porém isto não nega o fato de que a seus conteúdos estão disponibilizados no mesmo local da que de um produtor individual, podendo ter igual, se não menor repercussão que a deste (Jenkins, 2009). A experimentação e produção independente é uma das características chaves descritas por Souza (2022) em sua teorização das características atreladas à websérie.

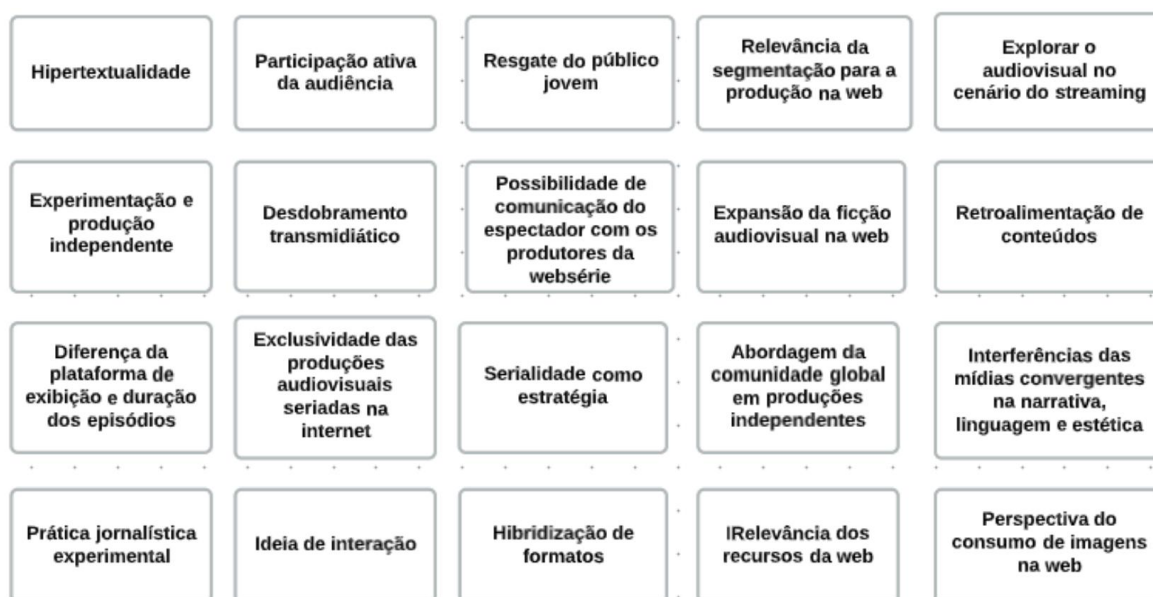
Outro aspecto importante sobre esta nova linguagem audiovisual é a possibilidade de contato direto com o público. As plataformas como YouTube, TikTok e Instagram disponibilizam campos para comentários, qualquer um podendo compartilhar sua opinião sobre o produto, discutir o conteúdo com outros telespectadores e mandar mensagens diretas para o produtor. Claro, esta interatividade se demonstra completamente opcional, mas é um importante aspecto para o sucesso e a relevância de uma websérie.

Sob a ótica do jornalismo, as webséries, em sua maioria, tomam um aspecto documental, abordando temas delimitados em uma sequência de episódios. Estes temas podem ser dos mais diversos, como a websérie documental do linguista Tom Scott, *Tom Scott: England*, que

contempla viagens e visita aos mais diversos locais da Inglaterra, buscando atividades e avanços científicos interessantes para reportar, ou a websérie documental *Boravê*, do jornalista Iberê Thenório, que documenta o processo de fabricação de diversos produtos pelo Brasil.

Este formato se demonstrou extremamente adequado para a ideia do programa produzido neste trabalho. Inspirado nas webséries documentais supracitadas, “JOVENZ” se enquadra em diversas das características atreladas à websérie delimitadas por Souza (2022).

Figura 1: Características atreladas à websérie delimitadas



Fonte: Souza (2022)

Para a Geração Z, que como anteriormente definimos, nasceu e cresceu durante a plenitude da digitalização, a websérie documental revela ser um produto com a capacidade de reconectar o jornalismo e a juventude. O produto jornalístico atual concorre com inúmeras outras fontes de informação, em uma economia de atenção extremamente acirrada. Não se adequar às novas exigências do público jovem é caminhar para o desinteresse e deslegitimação da profissão.

O público jovem requer conteúdo produzido especificamente para as plataformas que ele utiliza, em modelos que o agradam e lhe são familiares. O reaproveitamento não atrai essas novas gerações, é o que indica a pesquisa da Northwestern University, Next Gen News 2¹². Esta também revela que os jovens se sentem sobrecarregados com a quantidade de conteúdo noticioso que é produzido.

¹² Disponível em: <https://www.next-gen-news.com/>

A recomendação dos pesquisadores para o jornalismo no futuro é focar na qualidade e confiabilidade das informações veiculadas, adequar as rotinas produtivas à vida dos jovens que compõem seus públicos-alvo e, por fim, criar uma figura empática e reconhecível para que surja a identificação no emaranhado de conteúdos disponíveis.

Atualmente, os jovens demonstram acreditar menos na imprensa tradicional e mais nos indivíduos. As instituições vêm perdendo confiabilidade ano após ano (Quaest, 2025). A websérie documental independente sinaliza ser um chamariz para o público jovem, que é carente de opções de qualidade e que está interessado em encontrar neste tipo de conteúdo algo que se adeque às suas necessidades.

CAPÍTULO III

3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

“JOVENZ” é a websérie documental em que jovens goianienses da Geração Z expõem suas opiniões sobre um tópico específico a cada episódio.

O programa tem o formato de apresentação/exposição do tema intercalada com entrevistas em depoimento. O tom da apresentação é descontraído e cômico, o apresentador, por princípio, também é um jovem, independentemente de ser o autor do TCC.

Se demonstra importante ter um apresentador da mesma idade do público para criar uma conexão com estes, mostrando que o espaço jornalístico está sim aberto para a juventude.

O programa será publicado no YouTube em intervalos de uma semana, às sextas feiras. Por meio da disponibilização dos episódios na plataforma, adota-se a modalidade do jornalismo por demanda, permitindo com que o público consuma o programa quando desejar.

Além da liberdade do momento de consumo, o jornalismo por demanda permite que os episódios sejam consumidos na ordem e quantidade que os telespectadores preferirem. Não é necessário assistir o primeiro episódio para compreender o quarto, justificando a variedade de tamanhos e tópicos cobertos neles.

Outra vantagem é o poder dos algoritmos de impulsionar e apresentar o programa para novas pessoas por meio das páginas de recomendações.

Foi realizada a publicação de diversos vídeos curtos promovendo o programa e convidando mais entrevistados. As plataformas utilizadas foram o TikTok e o YouTube

O trabalho foi desenvolvido em duas etapas, conduzidas durante as duas matérias de Trabalho de Conclusão de Curso.

Durante o Trabalho de Conclusão de Curso I, conduziu-se uma profunda reflexão sobre o formato ideal do programa juntamente com o orientador do trabalho, professor Rogério Borges. Também foi coletado o repertório cultural e a bibliografia para redigir o trabalho escrito, além da produção de entrevistas para um episódio piloto.

No trabalho de Conclusão de Curso II definimos o formato do programa como uma websérie documental, a quantidade e a temática dos episódios foi fixada em 5.

O primeiro episódio, com duração de 30 minutos e 4 segundos, trata sobre o lazer da juventude contemporânea, explorando temas como seus gostos, desgostos, amizades, como se divertem, onde costumam sair e suas histórias.

O segundo episódio, com 25 minutos e 02 segundos, tem o tema amor e sexo, explorando os relacionamentos amorosos da Geração Z, suas sexualidades, identificações de gênero, preferências pessoais em relação à quem gostam e suas relações com o sexo.

O terceiro episódio, com 15 minutos e 35 segundos, trata da religião dos jovens atuais, buscando compreender a origem da fé ou de sua ausência na geração menos religiosa da história recente.

O quarto episódio é o maior dos cinco, com a duração de 51 minutos e 10 segundos. Nele foi compilado uma complexidade de desafios enfrentados pela Geração Z, passando pelos temas da família, trabalho, consumo de álcool e fumo, futuro pessoal e mundial.

O quinto e final episódio do programa conta com 11 minutos e 40 segundos, tratando do tema juventude. Nele os participantes respondem o que pensam que significa “ser jovem”.

O equipamento utilizado para gravar as entrevistas foram uma câmera Canon Rebel SL3, um tripé para câmera portátil Ulanzi OMBRA, dois microfones de lapela Hollyland Lark M2, uma luz Ulanzi vl49, uma luz Ulanzi VL120, um bastão de iluminação Ulanzi VL119 e dois tripés de iluminação Ulanzi MT-78, além de cartões de memória SansDisk de 128GB.

3.1 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I

No início das discussões teóricas sobre o programa, ele foi conceitualizado como uma série documental. Seguindo as referências dos estudos mais recentes sobre as séries documentais, veio à tona o fato de que estas se sustentam sob três pilares: a utilização de imagens de arquivo, entrevistas e relatos dos ocorridos. (Blanco Pérez, 2021)

“JOVENZ”, em sua natureza, não se encaixava nos moldes das séries documentais. Não utilizamos de imagens de arquivo, não temos recriações encenadas por atores e nossa temática não se adequa com aquelas apresentadas pela grande maioria das séries documentais, como as que se destacaram nos estudos, sendo as relacionadas ao *true crime* (que recontam e reconstituem crimes famosos) e as biografias. (Souza; Cajazeira, 2015)

A partir disto, voltamos nossa atenção para outro modelo de produção, que se adequava melhor com a linha editorial do produto, com o princípio do jornalismo sob demanda e com a ideia de episódios divididos por temas.

Os tópicos dos episódios foram uma discussão duradoura. De início, o trabalho tratava sobre as tribos de jovens goianos, delimitando barreiras culturais entre as juventudes, como alternativos, sertanejos, futebolistas, rockeiros etc. Brevemente, após a condução das primeiras entrevistas, esta ideia caiu.

Notou-se que, em um senso geral, os jovens tinham muitas preocupações e metas em comum, porém com diferentes tipos de aproximações para estas problemáticas.

Digo isto pois, mesmo com vontades iguais, como por exemplo, melhorar suas condições financeiras, superar problemas psicológicos etc., cada jovem tinha uma maneira extremamente única de alcançar estas metas.

Percebeu-se uma grande atomização da juventude durante o piloto, onde as pessoas apresentavam gostos e identificações hiper específicas, que acabavam eventualmente convergindo em princípios com outras identificações, muitas vezes completamente diferentes.

Digamos que, no conceito de múltiplas juventudes, como sustentado anteriormente, os indivíduos tomavam caminhos diferentes para um fim comum, o de ser jovem.

Também foi decidido que só usaríamos fontes primárias e não especialistas, ou seja, os próprios jovens. O programa consistiria então de um grande “povo fala”, abrindo espaço, sem julgamentos diretos do apresentador ou de convidados, para o que os entrevistados dissessem.

Seguindo os princípios estabelecidos no referencial teórico, também decidimos por não definir um limite de idade para os entrevistados, deixando a critério destes se se identificavam ou não como jovens.

3.2 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

Os temas foram discutidos e plenamente fixados somente durante o segundo semestre da produção do trabalho. Delimitaram-se então os episódios:

1. Lazer
2. Amor e sexo
3. Religião
4. Problemas (englobando principalmente os temas de futuro, vícios, família)
5. Juventude

Cinco episódios foram produzidos, cada um sobre um dos temas supracitados. Definiu-se também a duração de 15 a 25 minutos para cada. Os episódios foram produzidos sob a lógica de serem publicados nas plataformas digitais, como uma webserie jornalística. Foi decidido que o produto seria veiculado primariamente no YouTube, com cortes sobre a produção e de cada episódio sendo divulgados no TikTok, Instagram Reels e YouTube Shorts, com o intuito de alcançar o máximo de telespectadores possível. Para isso, criou-se uma página no TikTok e Instagram chamada “cray_producoes” e reaproveitado o canal “Cray”, que era usado anteriormente pelo autor para a publicação de trabalhos acadêmicos e pessoais.

Antes do início das entrevistas, também foi decidido que convocaríamos as fontes por meio da divulgação do projeto, sem selecioná-las. Produziu-se então um formulário virtual para inscrição de entrevistados e três vídeos curtos para as plataformas como chamarizes para o projeto, enquanto outros 5 foram produzidos para divulgar o andamento deste.

Também foram realizados dois vídeos que foram publicados no canal do YouTube explicando o projeto e os tópicos a serem tratados. Eles foram editados no software de edição de vídeo DaVinci Resolve, pelo próprio autor.

Também foram espalhados posters pela cidade em pontos estratégicos, como universidades, bares, parques e shoppings. O design continha personagens de programas e jogos da Geração Z, para chamar o olhar do público jovem. Os posters foram projetados no Adobe Photoshop.

O formulário continha as seguintes perguntas:

- Qual seu nome?
- Qual seu contato? (WhatsApp)
- Qual seu gênero?
- Qual bairro/cidade você mora?
- Qual sua profissão/curso?
- Quais assuntos você não estaria disposto a falar sobre?
- Como você ficou sabendo sobre o projeto?
- As perguntas abaixo são opcionais, valeu?
- Qual seu Instagram?
- Qual lugar seria ideal para conduzir a entrevista? (favor colocar o endereço)
- Por que você gostaria de participar do projeto?

Durante esta etapa, 34 pessoas se inscreveram no projeto, entre elas 32 de Goiânia e região metropolitana e outras 2 de fora do estado. Os vídeos divulgados no TikTok e Instagram Reels alcançaram um total de trinta e duas mil visualizações e aproximadamente três mil curtidas. A apresentação dos vídeos teve a intenção de misturar comédia, referências culturais e a chamada para o programa, feita de maneira descontraída, mas séria e profissional.

A partir do formulário, foi realizado o contato com todos os interessados, dos quais 19 aceitaram realizar as entrevistas e , por motivos diversos, abandonaram o projeto. As entrevistas foram conduzidas com um roteiro semiaberto, permitindo que os personagens trouxessem assuntos diversos e não antes previstos. O local das entrevistas era definido pelos próprios

convidados, com a singular exigência de ser um lugar de que gostassem ou que tivesse significância para eles.

As entrevistas foram gravadas com uma câmera Canon Rebel SL3, um tripé para câmera, um microfone lapela Hollyland M2, duas luzes e dois tripés de iluminação portáteis. Foi escolhido o plano americano para a maioria das entrevistas, com a câmera estática. Também foram gravadas imagens de apoio dos locais visitados e quando possível, dos próprios convidados. Decidiu-se por editar os projetos também no software DaVinci Resolve, dadas as experiências anteriores de sucesso e o know-how do autor.

Também se definiu que os episódios teriam períodos curtos de apresentação dos tópicos, gravados no estúdio de televisão do curso de Jornalismo da PUC Goiás, com apresentação do autor. Os trechos de apresentação teriam um roteiro estruturado, sendo o meio de introdução dos tópicos e de fechamento dos episódios. Após debates com o orientador, decidiu-se por conduzir a apresentação em um tom descontraído, sendo coeso com a premissa jovial do programa.

4. MEMORIAL DE PRODUÇÃO

4.1 Memorial Geral

A produção do programa foi extensa, ultrapassando os primeiros 5 meses do ano de 2026. Mas antes disso, acho pertinente contar sobre a breve produção do piloto. De início, precisei conceber uma maneira de entrar em contato com a mais diversa gama de jovens possível. Para isso, encontrei a solução dos vídeos curtos nas redes sociais, que, como exposto no referencial teórico, é o meio que mais alcança os jovens da atualidade.

Entretanto, mesmo sem estar muito certo de sua efetividade, também tive a ideia de produzir posters para espalhar pela cidade. Nesse processo de produção do material gráfico, fiz três variações: uma com o personagem Sonic, do jogo “Sonic the Hedgehog”; outro com o personagem Peter Griffin, de “Uma família da pesada”; e o terceiro com Vegeta, de “Dragon Ball Z”.

Figura 2: Posters criados para divulgação



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Todos os personagens foram selecionados pelo critério de serem populares com a Geração Z, não só por questões de nostalgia, por todos serem inicialmente lançados antes dos anos 2000, mas por terem se mantido relevantes e frequentemente referenciados até os dias atuais. Em conjunto com os posters, projetei a logo das páginas do YouTube, TikTok e Instagram, com o escrito “CRAY”, tomando grande inspiração na logo da Vice, revista americana de conteúdo jovem.

Figura 3: Logotipo do canal "Cray"



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

A palavra Cray é um apelido que me foi dado quando era pequeno, é meu “vulgo” faz anos na internet e em locais que frequento por Goiânia. Achei pertinente utilizá-lo pois é como se fosse um nome artístico, além de evitar que eu empregue meu nome verdadeiro, que é Enzo, cujo atual paradigma não inspira grande admiração.

Durante este período também produzi dois vídeos explicativos sobre o projeto. Neles trouxe todas as ideias de como ele seria, a apresentação, as temáticas e o método de condução das entrevistas, para a compreensão dos possíveis entrevistados.

O primeiro vídeo era menor e mais geral, uma explicação rápida e básica com 2 minutos, chamando para o preenchimento do formulário descrito no capítulo anterior. O segundo, o qual estava atrelado ao primeiro por meio das ferramentas de anotações do YouTube, tinha 5 minutos e explicava os detalhes mais profundos das temáticas e dos aspectos jurídicos do projeto.

O primeiro vídeo foi o que estava nos QR codes dos posters. Em ambos os vídeos havia um hyperlink para o formulário. Utilizei-os não só como uma maneira de esclarecer o programa, mas de também filtrar as pessoas que estariam realmente dispostas a falar ou não sobre tópicos polêmicos como os sugeridos.

Tendo os posters em mãos, fiz a impressão em uma gráfica e passei a espalhá-los pela cidade com alguns amigos, em uma das primeiras vezes que saímos para colar o material nos

postes. Pedia ajuda deles para gravar o primeiro vídeo de divulgação, o qual teve maior sucesso entre todas as produções¹³.

A partir dessa primeira divulgação, as pessoas começaram a se inscrever. Como consequência, passei a entrar em contato com os inscritos e organizar as entrevistas.

Antes disso, para fazer com que a audiência se identificasse melhor com os indivíduos, optei por usar somente seus primeiros nomes, divulgados somente no episódio final do programa, durante os créditos.

A primeira delas foi com um rapaz chamado Arthur. Decidimos nos encontrar na casa dele e de lá irmos até o antigo heliponto do Paço Municipal de Goiânia. A entrevista correu muito bem. Mesmo sendo o tipo de pessoa que tendia a ser direto em suas respostas, consegui deixá-lo à vontade o suficiente para cobrirmos todos os tópicos.

Relevante dizer que mesmo sendo mais arisco, o entrevistado elaborou algumas ideias interessantes, principalmente ao tratarmos sobre o tópico do “futuro”, onde ele declarou não sentir ser importante gastar energia com o ato de “pensar no futuro”, me parecendo ser uma busca por não se sentir ansioso com o que poderia ser sintetizado disto. Foi marcante o visual do heliponto e a calmaria do Paço Municipal, com o horizonte coberto pelas luzes da cidade, foi um bom local para começar o projeto de verdade.

Desde esta primeira entrevista segui um formato de depoimento com roteiro semiaberto. As perguntas do roteiro eram:

- Qual seu nome?
- Qual sua idade?
- Onde você nasceu?
- Onde você mora?
- O que você gosta de fazer para se divertir?
- O que você costuma assistir?
- Onde você costuma ir pra se divertir?
- Na sua opinião, que tipo de pessoa é boa companhia?
- Que tipo de gente você não gosta?
- Qual sua sexualidade? Por quê?
- Você já se teve um relacionamento?

¹³ Disponível em:

https://www.tiktok.com/@cray_producoes/video/7602647927470755080?is_from_webapp=1&sender_de_vice=pc&web_id=7610029280298845712

- Você gosta de alguém?
- Como foi/é esse relacionamento?
- Quais foram suas decepções com o amor?
- Quais foram as suas supresas com o amor?
- Você já fez sexo?
- Você gosta de fazer sexo?
- Como e onde você costuma fazer?
- Que tipo de gente você gosta de levar pra cama?
- Você bebe, fuma ou usa alguma substância? Porquê?
- Você diria ter vício no celular?
- Quanto tempo você usa o celular por dia?
- O que você costuma fazer no celular?
- Você tem uma religião?
- Qual a origem de sua fé/ausência de fé?
- Você costuma ir em templos religiosos?
- O quanto você se dedica à sua religião/O quanto sua religião ocupa sua vida?
- Por que você desacredita/acredita na sua religião?
- O que você gostaria de fazer nos próximos anos?
- O que você acha que vai acontecer no seu futuro?
- O que você faz em nome do seu futuro?
- O que você tem medo que aconteça no futuro?
- Para onde você acha que o futuro do mundo está direcionado?
- E pra você, o que significa ser jovem?
- Você gosta de ser jovem?
- Você se considera uma pessoa jovem?
- De que maneira você aproveita a sua juventude e por que esse periodo é diferente dos outros?

Porém, nem sempre fiz todas elas, e em nenhuma das entrevistas me ative somente ao roteiro, sempre pegando deixas dos entrevistados para buscar algo mais profundo.

A segunda entrevista foi com um rapaz chamado João. Estudante de Direito da PUC Goiás. Foi um processo fácil, pois estávamos no mesmo campus. Durante a manhã, reservei um de meus horários vagos e o entrevistei uma sala vazia do bloco B. João é negro e é uma pessoa com nanismo, forte contraste com meu entrevistado anterior que era branco, ruivo e media 1,90.

O tópico principal que senti na entrevista de João, com meu olhar de jornalista, foi o do desprezo à militância. Em sua opinião, a militância excessiva de sua geração mais machucava e deslegitimava suas lutas pessoais do que o ajudava. Uma boa parte da entrevista desse convidado permeou os tópicos da política e da preocupação com as medidas que buscavam fazer uma retratação quanto a preconceitos históricos, como o patriarcalismo e a escravidão.

João demonstrou pensar que, por exemplo, as cotas raciais não deveriam existir, trazendo uma perspectiva de que o problema principal não é sua cor de pele, mas sim sua renda, o local em que se foi criado e condições, como distúrbios psicológicos e deficiências físicas. Vale a pena dizer que João vinha de família de classe média baixa e demonstrava ser extremamente independente em tudo o que contava.

O terceiro entrevistado foi Hugo, rapaz de classe média que morava no alto do Setor Bueno, região nobre da capital goiana, era músico e estudante de psicologia. Nos encontramos em um estúdio de gravações chamado Creche Cultural, onde o registrei tocando sua guitarra e me contando sobre a cena alternativa de Goiânia.

Hugo já tinha feito parte de diversos projetos musicais, conhecia promotores de shows em pequenos bares “underground” e músicos de renome do rock hardcore goiano, me contando sobre as experiências insalubres que aconteciam nestes lugares. Ele também me introduziu a um assunto que eu iria constatar mais vezes que gostaria nessas entrevistas: o abuso sexual. Não acho pertinente descrever aqui a história de Hugo, mas sua relação com sexo, mesmo após o abuso, parecia extremamente positiva. Diria que ele é um caso de boa recuperação, claro, amparado pelas condições em que cresceu, integrando uma família com condições de pagar psicólogos e terapeutas.

A próxima entrevistada foi Yanna, uma mulher trans que encontrei na Praça da T-25, no Setor Bueno, em Goiânia. Yanna me mostrou algo muito interessante sobre o universo trans durante nossa entrevista, que durou mais de uma hora e meia. A população trans é claramente um grupo excluído e ostracizado. Como um homem branco cis (não falando isto de maneira apologética, mas sim constatando um fato), nunca tive grandes contatos com estes grupos, e o contato que tive foi com pessoas plenamente transicionadas, que ao me informar ser transsexuais, me causaram grande surpresa. Ao conversar com Yanna, conheci um aspecto de um subgrupo deste grupo, o de pessoas trans que não podem transicionar.

Primeiramente, é relevante dizer que não foi só isso que Yanna me contou naquele dia, afinal, foram boas horas de conversa, quando discutimos também, notavelmente, sobre vícios e o equilíbrio deles, mas gostaria de me ater a temática que tratarei a seguir. Yanna é uma mulher trans, negra e pobre. Ela adora beber e parou de fumar após começar a tossir sangue. Ela não

tem dinheiro para pagar sua transição, para comprar as roupas que gostaria de usar e tem medo do preconceito que cairia sobre ela ao transicionar tão tarde em sua vida.

Yanna me contou que o problema não é comprar os remédios, mas sim a necessidade de acompanhamento de um médico endocrinologista para evitar problemas como a trombose, frequente no processo de transição. Entretanto, como ela colocou em suas palavras, “meu sonho era ser uma *gyaruzinha* e estar de vestido aqui agora, mas eu nasci negro, homem, pobre e em Goiânia”.

A próxima entrevistada foi Kézia, minha amiga e primeira mulher cis entre os entrevistados, o tipo de personagem que mais tive dificuldade de conseguir. Para chamar mais mulheres, fiz mais um vídeo de divulgação, no qual, bem-humorado, tentei apaziguar os ânimos daquelas que teriam de encontrar um homem que nunca tinham visto no meio da rua para serem gravadas por ele¹⁴.

Encontrei com Kézia na Praça do Sol, em Goiânia, durante uma tarde de sábado, local bem adequado para a entrevista desta personagem. Ela é uma menina no sentido conservador da palavra. Estava de vestido, maquiagem leve e cabelo solto, sendo entrevistada em uma praça ensolarada rodeada de crianças brincando.

A entrevista seguiu o mesmo modelo do cenário, uma pessoa comprometida com a melhora de vida, que gostava de coisas tranquilas e caseiras, que não bebia nem fumava, mas tinha um forte vício em doces. Dentre as falas da Kézia, me chamou a atenção que mesmo sendo alguém aparentemente estável, ela demonstrava uma grande inquietação com se melhorar, seja fisicamente, psicologicamente ou no sentido intelectual. Essa angústia, originada claramente da insatisfação consigo mesma, foi algo notável nesta personagem, mas também em muitos dos jovens entrevistados.

Quando este tipo de tópico surgia, me aparecia a oportunidade de perguntar sobre a relação destes sujeitos com a psicologia e os remédios. É surpreendente a quantidade de jovens, das mais diversas idades, que usam remédios e drogas para lidarem com suas angústias. No caso da Kézia ela me contou sobre os diversos remédios que toma e que a ajudam a lidar com seus problemas psicológicos.

João Victor foi meu próximo entrevistado. Ele era um estudante de computação que morava no Conjunto Itatiaia, região logo depois do Campus Samambaia da UFG, na parte norte da capital goiana. Nos encontramos na Área II da PUC-GO e realizamos a entrevista no

¹⁴ Disponível em: <https://vt.tiktok.com/ZSHcpnt5f/>

anfiteatro, tendo que mudar de local por conta da chuva, que viria a me perseguir em outras entrevistas também.

Durante a nossa conversa, percebi o rapaz gradualmente se soltando comigo, confiando suas palavras em mim, de certo modo até confidenciando. Tratamos muito sobre como funciona a construção da confiança. Ele me contou sobre como sempre foi uma pessoa fechada, e os métodos que estava usando para se redescobrir como jovem. Após um longo relacionamento, que segundo o próprio fazia com que ele se sentisse preso e não pudesse fazer o que gostava, João Victor me contou sobre como estava voltando a escutar as músicas que apreciava, a sair com os amigos, a andar de skate e estudar com melhor qualidade, tudo isso após um período de desânimo com o fim do namoro.

Após esta entrevista, passei a decupar todas as outras já realizadas imediatamente após gravá-las. Editei os áudios e as transcrevi, separando e anotando partes relevantes e falas marcantes. Durante esse processo, também produzi mais vídeos, alguns como cortes de podcasts, com histórias marcantes dos personagens, outros contando sobre o progresso do projeto, mas sempre focando nos indivíduos e suas experiências pessoais narradas nas entrevistas.

Minha próxima entrevistada foi Emanuelle, outra amiga minha. Fomos até a cafeteria King Experience, durante uma terça de manhã. Localizada na Avenida Universitária, região Leste de Goiânia, seu ambiente tinha um aspecto extremamente gourmet e refinado, algo que inspirava notas de “tech bro” e Avenida Paulista.

Lá, discuti com Emanuelle sobre um assunto muito relevante, a influência dos adultos na formação do jovem. Ela me contou que antes de completar seus 18 anos, sonhava em beber pois seu pai bebia. Isto acendeu uma luz em minha mente, fazendo-me notar um tema muito importante que havia deixado pouco explorado em outras entrevistas: o tema da família.

O tópico família naturalmente surgia nas conversas, mas somente naquele momento notei as relações que muitos convidados haviam feito entre seus presentes e seu passado, conduzidos e costurados pela influência dos genitores. A maior parte dos entrevistados era filho de casais divorciados, algo que por si só já influencia profundamente uma pessoa, e muitos também demonstravam efeitos negativos e positivos em seus comportamentos herdados da família. Emanuelle foi meu pontapé para explorar melhor o aspecto das heranças geracionais.

Depois dela voltei para os homens. Fui até a Primeira Igreja Presbiteriana de Goiânia entrevistar Carlos Weber, militante do Movimento Brasil Livre (MBL) na cidade. Nos encontramos na porta da igreja e começamos a entrevista lá mesmo, pois não tínhamos permissão para gravar no interior. Quando estávamos bem no começo das perguntas, o guarda

do local nos convidou a entrar, podendo, assim, gravar a conversa nas cadeiras do salão principal, com o fundo composto pelos vitrais coloridos dos ícones.

Nas palavras de Carlos encontrei um jovem de 18 anos extremamente convicto daquilo que acreditava. Discutimos primariamente sobre religião e mudança de vida. Por meio da conversão, o rapaz diz ter se tornado alguém melhor, mais sólido e que trilha um caminho de sucesso. Mesmo com essa mudança de perspectiva positiva, de um jovem que, segundo o próprio, não sabia para onde iria e era uma pessoa ruim, Carlos me demonstrou seu lado desesperançoso com a sociedade. Ele tem a crença de que as coisas não vão melhorar, que o poder está na mão do mau e que o modelo democrático falhou em mudar positivamente a sociedade.

Seu ativismo político no MBL, grupo político formado principalmente por homens jovens de direita, recentemente alçado à novo partido nas eleições de 2026, é efetivo, pois acredita que sua missão (coincidentemente o nome do partido do MBL) na terra é a de deixá-la melhor com suas atitudes. Essa missão seria originária do Deus cristão, a quem Carlos atribuía tudo que tem e que fazia.

Pulando para o contrário do espectro político, entrevistei Giuliana. Ela chegou até mim como a primeira mulher cis que não conhecia e se dispôs a realizar a entrevista. Como esta era uma chance de ouro, me políciei no contato, na escolha do lugar, no horário e no meu comportamento durante a conversa.

Penso que as experiências passadas com minhas amigas tornaram muito mais fácil conversar sobre os mais diversos tópicos com as mulheres, afinal, repito, eu, um homem desconhecido, ia colocar uma câmera apontada para elas, no meio do público e perguntar também sobre questões íntimas. A entrevista correu muito bem, tão bem que comecei a adquirir exatamente o que me carecia até então para esse projeto, o olhar dos diversos gêneros sobre a juventude. Conduzimos nossa conversa no Parque Vaca Brava, um dos principais de Goiânia, durante o entardecer.

Giuliana me contou sobre a importância de sua família em suas lutas diárias, como o apoio de sua mãe (mais uma filha de pais divorciados) lhe permitia ser quem ela realmente era. Giuliana é o tipo de pessoa que apareceu mais de uma vez nas entrevistas, que diz que gosta amorosamente de quem gosta, não que é hetero, que é gay ou lésbica. Ela também me contou sobre as experiências negativas e positivas que tem por ser mulher.

Infelizmente, mais uma vez, ouvi os relatos de uma pessoa que foi abusada sexualmente na infância e os desdobramentos que estes atos bárbaros podem ter. Mas ela me contou tudo

isso com uma naturalidade desconhecida. Ao indagar sobre isto, me respondeu com um simples “não gostaria que isso me definisse e trabalho para isso” e tudo fez sentido.

Muitos dos entrevistados apresentaram esta mentalidade, digamos, ativa. Do tipo “se eu não fizer, quem fará?”. No caso da Giuliana era sobre sua história, sua vivência de uma situação indesejável e o que ela, como a pessoa que era, tiraria daquela situação

Em seguida, fiz uma das minhas entrevistas mais tranquilas. Era outro estudante de Direito, o Cauã. O principal ponto que obtive nessa entrevista foi que mesmo uma pessoa extremamente “normal” ainda tem muito a dizer. Cauã apontava como queria uma vida tranquila, com um cargo público decente, construir uma boa carreira, arranjar uma mulher com quem realmente pudesse compartilhar sua vida e como sempre foi uma pessoa quieta.

Entre pausas longas e tempo para pensar, ele se abriu comigo. Disse que gostou tanto de fazer a entrevista, que me pediu para refazermos, pois queria ser mais sincero e contar mais histórias, mas isto ficou para o final do projeto. Minha agenda estava suficientemente cheia.

Neste ponto, já havia coletado mais de 20 horas de material bruto, entre entrevistas e imagens de apoio. A cada dia que passava conseguia sentir o projeto ficando mais sólido, que as ideias contrastantes entre os convidados estavam montando uma boa perspectiva sobre essa comunidade tão ampla de jovens.

Entretanto, também percebi algumas carências. As pessoas estavam muito tranquilas, eram entrevistados normais demais. Claro, muitos deles tinham problemas que não podemos dizer que são o “padrão”, mas senti que faltavam pessoas realmente diferentes. Foi quando eu passei a buscar essas pessoas nos locais certos.

Conversei com convidados anteriores e perguntei se eles não teriam sugestões de pessoas que poderiam estar interessadas no projeto. Isso já me direcionou para algumas figuras interessantes. Deixando um pouco de lado a questão de contatar esses indivíduos, fazê-los se inscreverem no formulário, esclarecer e organizar as entrevistas, a partir de agora descrevo as entrevistas que fiz com pessoas diferenciadas.

O primeiro foi João Pedro, vulgo “JP”, ou para muitos “O terror da T-63”. Como o nome implica, esse rapaz era conhecido pelas tribos alternativas da região da Avenida T-63, uma das principais da cidade de Goiânia. Por qual razão ele era conhecido? Bem, a entrevista dele logo me revelou.

Primeiramente, este homem claramente era maluco, mas o bom tipo de maluco. Realizamos a entrevista em plena madrugada, em frente ao viaduto da Avenida T-63, um cenário maravilhoso, ainda mais por terem começado a reacender o monumento instalado ali naquela

exata noite, após anos de maus cuidados. Ele levou uma cadeira de escritório para se sentar e ficou passeando com ela durante a entrevista, isso tudo no meio da avenida.

Respondendo as perguntas, ele tinha pensamentos muito interessantes. Era um rapaz experimentalista. Quando perguntei sobre vícios, me contou como estava buscando não abusar das substâncias, mas que seguia usando-as com “controle”. João Pedro demonstrou ser um forte advogado da minimização dos danos do uso de drogas.

Fora isso, ele também contou as peripécias em que se meteu quando saía. As substâncias eram uma presença constante e as histórias eram francamente hilárias. Ele disse que adorava testar o limite das coisas, mas sempre de maneira inofensiva. Entrar em festas, invadir locais abandonados, grafitar, “chapar” e caminhar por aí, conversar com moradores de rua e bêbados, essa era a versão de entretenimento dele.

Durante a entrevista de João Pedro, em plena madrugada, uma menina se aproximou de nós, claramente curiosa. Dei um boa noite e começamos a conversar sobre o projeto. Acabava de conhecer Miriam, uma futura entrevistada. Conversamos até por volta das 2 horas da manhã daquela terça-feira. Ela tinha acabado de sair de um serviço freelancer onde disse ter ficado em pé mais de 12 horas. Também afirmava estar acordada há 48 horas.

De fato, ela era uma menina excêntrica. A primeira coisa que discutimos, em um Subway onde paramos para jantar, foi como ela estava acordada há tanto tempo. Ela disse que tomava um psicoestimulante chamado Venvanse, do qual nunca tinha ouvido falar sobre. Ela teria tomado mais de 6 pílulas e afirmava ser viciada no remédio desde que tinha 8 anos, quando foi diagnosticada com TDAH e bipolaridade. Combinamos de conduzir a entrevista em outro dia, dito o fato que ela claramente precisava descansar.

No dia que nos encontramos, ela estava bem arrumada, descansada e com a namorada, um forte contraste da pessoa que eu havia conhecido naquela madrugada. Entretanto, a energia caótica de Miriam ainda emanava daquela menina.

Nos encontramos no Parque Vaca Brava, um local em que várias pessoas pediram para realizar a entrevista, mesmo que morassem a muitos quilômetros de distância. Era uma noite de quinta-feira, nenhuma nuvem no céu, fim da época de chuva, mas por algum motivo uma colossal tempestade caiu.

Estávamos completamente encharcados e decidimos esperar a chuva se apaziguar no Goiânia Shopping. Enquanto isto pude conhecer mais das duas meninas, como haviam se conhecido, as dificuldades que haviam passado nas vidas extremamente conturbadas que tinham e como elas lidavam com isto.

Notamos que a chuva não passaria, e como já estávamos encharcados, decidimos por ir até o parquinho do Parque Vaca Brava, onde havia um brinquedo infantil que era como uma pequena cabana. Após mais alguns litros de água entrarem em nossas roupas, fizemos a entrevista lá, sob fortes chuvas e ventos.

As dificuldades técnicas eram nítidas, de fato era a entrevista que mais tinha dado errado até então, mas eu não me senti frustrado. Aquela menina extremamente rebelde e maluca combinava plenamente com o cenário que estávamos passando.

Durante a entrevista aprendi sobre a Miriam que estava em plena fase de descobrimento, ela tinha acabado de completar 18 anos. Ao mesmo tempo que se achava linda, se achava feia, ao mesmo tempo que dizia que teve uma boa família e uma boa infância, contava histórias de claras situações de abuso alimentar, psicológico e financeiro, fazendo com que durante toda nossa conversa eu enxergasse uma pessoa conflitada, mas extremamente animada com esses conflitos.

A maioria das pessoas não gosta de estar em conflito consigo mesmo e suas memórias, mas ela adorava. Me apontou que a juventude era esse processo de se encontrar, de sentir todas as boas e más emoções, mesmo que muitas vezes existisse o predomínio das más. Essa diria que foi uma das melhores entrevistas que conduzi, por isso a descrição mais extensa.

Depois de Miriam foi a vez da Isadora. Isadora acabava de ter se formado na faculdade e estava procurando seu primeiro emprego na área do jornalismo, sem nenhum êxito. A principal característica dela era a de uma pessoa que não estava animada para o futuro, mas que via com comicidade a situação que se encontrava.

Nos encontramos em uma sorveteria em frente ao Parque Lago das Rosas e dividimos um pote superfaturado de “Gelatto”. Durante a entrevista ela me contou sobre como confiava em um grupo extremamente seletivo de pessoas e como dependia delas. Tinha uma relação que estava florescendo lentamente com sua família, tendo muita consideração por ela, mas demonstrava valorizar muito as “irmãs” que a vida lhe havia dado, no formato de algumas amigas.

Isadora esse demonstrou extremamente fascinada na cultura alternativa, era o tipo de pessoa que exalava a energia de uma cidadã da era digital. Adorava gravar, editar e ver vídeos nas redes sociais, principalmente o TikTok.

Algo que notei durante as entrevistas neste momento foi que, ao perguntar sobre o uso do Smartphone, poucas pessoas se aprofundaram no tópico. A meu ver isto demonstra não só uma resistência a se falar sobre o tema, mas também uma ausência de criação de memórias duradouras proveniente destas horas que se passam dentro da tela.

Alguns dias se passaram e fui de encontro com um dos meus últimos entrevistados. Nos degraus da entrada principal do Teatro Goiânia, encontrei com uma figura vampiresca fumando um cigarro, este era Adão. Em pleno sol goiano das 15h ele portava um casaco vermelho, camiseta vermelha, calça social preta e um coturno comicamente grande, fora todos os acessórios e uma carteira de cigarros no bolso do peito do casaco.

Ele foi extremamente receptivo a todas as perguntas. O rapaz, que já era psicólogo formado, tinha uma visão muito interessante e raivosa das coisas. Ele me contou sobre uma teoria que acreditava sobre “o absurdo da vida”. Os absurdos da vida englobariam tudo que nos traz revolta, e nós podemos escolher ou aceitar estes absurdos, e segundo ele deixar de viver, ou nos revoltarmos com eles, causando mudança e realmente vivendo.

Adão se revoltou com tudo. Com os preços altos, com a ausência de empregos, com a precarização do trabalho, com a banalização da cultura, com a vida em si. Sinto que a entrevista foi uma boa oportunidade para ele externalizar o que pensava ser absurdo, e confesso que a filosofia que ele assumiu era, no mínimo, divertida.

A seguinte entrevista foi com um rapaz que Adão havia indicado. Murilo era em tese meu último entrevistado do projeto.

Nos encontramos na noite de uma segunda-feira na Praça da T-25, onde gravamos em um banco pouco iluminado próximo à grande fonte central. Seguindo o roteiro, encontrei o tópico favorito de Murilo, o amor.

Ele era claramente um homem romântico e apaixonado, mas me elucidou sobre sua contrastante situação atual. Ele acabava de terminar um longo relacionamento entre idas e vindas e estava completamente perdido. O rapaz me contou que a menina com quem tinha passado quatro anos, foi quem o ensinou a amar.

Ele havia crescido em uma casa de pessoas pouco sentimentais, onde demonstrar amor não era visto com bons olhos, tendo então uma história bonita de romance com a sua ex-namorada, a qual me contou e quase chegando aos prantos. O problema era que Murilo tinha terminado com ela por não ter mais tempo para a pessoa que tinha de seu lado, mas o arrependimento desta decisão transparecia em cada uma das palavras que proferia.

Perguntei pra ele se voltaria com sua amada caso pudesse, a resposta foi “quando eu me tornar uma pessoa melhor”.

Enfim, passei a editar os episódios do programa, decupando e roteirizando-os, porém, ao postar mais vídeos no TikTok sobre as entrevistas, acabei atraindo a atenção de mais inscritos.

Encontrei com a verdadeiramente penúltima entrevistada, Gabriela, na Praça Cívica, no Setor Central da cidade, durante a manhã de um sábado. Destaco a importância que ela dava à sua relação com o próprio pai, mesma que majoritariamente negativa. Ela foi a primeira e única pessoa que chorou durante os depoimentos, momento esse que sinceramente, não sabia muito bem como ampará-la sem quebrar profissionalismo inerente ao projeto, mas que acho que fiz bem, pois consegui abrir espaço para que ela tirasse algo de seu peito.

A entrevista final, de verdade desta vez, foi com Henrique, um menino muito carismático e alegre, que se soltou e deu um ótimo depoimento, com visões realmente diferenciadas dos outros entrevistados sobre seu futuro, demonstrando querer ter uma família e seu apreço por viver no Brasil.

Algo muito interessante sobre todos os jovens não foi somente a busca por se responsabilizar e tomar as rédeas da própria vida, mas também a vontade de constantemente se melhorarem. Seja no aspecto financeiro, psicológico, em questão de estudos ou relacionamentos, ninguém queria estar parado, ninguém estava 100% satisfeito, e essa essência se emanou sobre cada uma das entrevistas.

Não afirmo nada nessa exposição, mas penso que a origem desta inquietude e vontade de “subir de vida” seja múltipla.

Primeiro, o mal do século, a ansiedade. Dentre as perguntas que eu costumava fazer, tinha a seguinte: “Você tem algum distúrbio psicológico?”. Não me recordo de uma pessoa entre elas que não tenha respondido, dentre diversos distúrbios, a ansiedade.

Segundo, se observarmos os antecedentes que viabilizam essa tendência, podemos observar o estado caótico em que o mundo se encontra. Como os jovens deveriam reagir à constante instabilidade? Mesmo sendo uma pessoa controlada, é difícil, se não impossível, não estar inquieto com as incertezas do futuro.

Os jovens da atualidade não lidam somente com as suas incertezas, mas a do mundo como um todo. Claro, isto não nega o fato que gerações anteriores passaram pela guerra fria, pela hiperinflação, as diversas crises econômicas e sociais. Mas a perspectiva de esperança que as antigas juventudes tiveram fez parte da energia necessária para conduzir as mudanças que guiaram o mundo até a melhora.

Eu não enxerguei esperança nos jovens entrevistados. Pelo menos não enxerguei esperança sobre o cenário político, econômico e ambiental brasileiro e global. Na verdade, o que verifiquei foi uma expectativa de piora e uma forte concentração das pessoas em desenvolver seu próprio microcosmo.

Ao invés de focar na política, nos crimes, nas injustiças culturais, sociais e ambientais, os jovens estão excessivamente preocupados com garantir o seu básico, em todas as classes da sociedade. Uma mudança interessante que aconteceu nas últimas décadas foi a desvalorização dos cursos de graduação, a empregabilidade de um indivíduo que se forma não é mais garantida. A força da tríade dos cursos de direito, medicina e engenharia, considerados de alta demanda e salário até poucos anos atrás, estão em forte cheque.

Além disto, gostaria de retomar o fato de que a maioria dos entrevistados eram filhos de pais divorciados ou de mães solteiras. O abandono paternal sempre foi um problema no Brasil, mas o divórcio é um fenômeno que vem crescendo exponencialmente. Quais os efeitos disso nestes jovens? Eles me pareceram tender a dois extremos, tendo relacionamentos mais cuidadosos ou a simplesmente se recusando a tê-los.

Durante o decorrer das entrevistas, redigi os roteiros para a apresentação de cada um dos episódios, me restava então somente gravá-los, o que fiz no estúdio de televisão da faculdade de jornalismo da PUCGO. Mesmo em reforma, o aspecto rústico do cenário foi coeso com a proposta do programa.

Pouco depois da gravação da apresentação, entrei em contato com um designer para produzir a logo do programa em um estilo urbano e rústico, com o seguinte resultado na seguinte página.

Figura 4: Logotipo Programa JOVENZ



Fonte: Ronz Studio, disponível em: https://br.fiverr.com/imronalifandi?source=order_page_user_message_inner_link

5.2 Episódios

Com 5 episódios para editar durante o mês final do Trabalho de Conclusão de Curso, muitas escolhas foram tomadas para se adequar às temáticas abordadas pelos diversos convidados.

Primeiramente, realizei a decupagem de todo o material, com mais de 25 horas de entrevistas brutas. Neste processo utilizei a Inteligência Artificial de transcrição, até então gratuita, da Riverside.¹⁵

A partir das transcrições, todas as entrevistas foram lidas, com a separação de trechos relacionados aos temas de cada episódio, organizados em um grande documento que delimitava os momentos iniciais e finais das falas de cada entrevistado, atrelados ao arquivo já editado da entrevista.

As imagens captadas passaram por tratamento e correção de cor durante o processo de decupagem, no software DaVinci Resolve, adequando o arquivo bruto para as tonalidades naturais e estilizadas que eram coesas com os cenários e personalidades das pessoas.

A iluminação, contraste e cores utilizadas se embasaram no aspecto subjetivo que transpareceu a mim em cada uma das entrevistas.

É importante dizer que o processo de edição não foi extremamente rígido, prezei por uma montagem orgânica dos episódios, com falas de entrevistados sobrepondo outras de modo que uma fluísse na outra de maneira imperceptível.

5.2.1 Episódio I - Lazer

Com 30 minutos e 4 segundos de duração, o primeiro episódio do programa também foi o primeiro a ser decupado e editado.

No roteiro, estruturei os assuntos pela seguinte ordem, tentando incluir falas de grande parte dos participantes sobre cada um dos temas:

1. O que gostam de fazer
 - a. Videogames;
 - b. Séries, filmes, animações;
 - c. Leitura
 - d. Música
2. Para onde gostam de sair, e o que fazem ao sair
3. Que tipo de pessoas gostam

¹⁵ Disponível em: <https://riverside.com/transcription>

4. Que tipo de pessoas desgostam

5. Boas histórias

Na estruturação destes tópicos, fiz questão de construir um crescimento na intensidade das opiniões, começando por aqueles com pensamentos considerados mais tranquilos, até os mais alternativos.

É notável apontar que neste episódio, mesmo com extensos cortes às falas dos entrevistados, a duração ultrapassou a meia hora, fazendo com que eu decidisse por introduzir pausas para “intervalos”, replicando o efeito de um programa de televisão, prática comum em vídeos longos do veiculados nas plataformas como o YouTube.

Este intervalo foi uma maneira para quebrar os assuntos em diferentes seções de uma maneira natural, além de possivelmente introduzir anúncios em pontos chave durante a transmissão do programa na plataforma, o que pode ser feito por meio das ferramentas da própria.

5.2.2 Episódio II – Amor e Sexo

Com 25 minutos e 02 segundos, o segundo episódio do programa foi o segundo a ser decupado e editado.

Durante as entrevistas, percebi que alguns dos convidados falavam pouco ou não falavam sobre amor e sexo, mas, os que aceitavam falar, gostavam de entrar mais a fundo do assunto, o que me proveio com uma boa quantidade de conteúdo. Desta maneira, o segundo episódio foi o terceiro maior em duração.

Dentre as escolhas importantes que tomei em sua produção, a principal foi a de tratar do tópico de modo descontraído, porém sério. Nas entrevistas, alguns convidados abriram seus peitos sobre relacionamentos e sobre a vida sexual, por vezes tratando de aspectos traumáticos, como abuso psicológico, sexual e até um caso de estupro.

Enfrentei o dilema de expor ou não estas histórias, até decidir por deixá-las de lado, não acredito que seria benéfico expor meus entrevistados a este ponto, principalmente por serem pessoas novas, muitas delas com pouco mais de 18 anos.

Mesmo assim, ainda fiz questão de trazer as nuances destes tópicos, porém de maneira menos intensa e expositora.

Prezando por um fluxo natural nos temas, a ordem de tópicos foi separada da seguinte maneira:

1. Identificação sexual/gênero
2. Amor

3. Relacionamentos

4. Sexo

5.2.3 Episódio III – Religião

Com 15 minutos e 35 segundos, o terceiro episódio do programa foi o terceiro a ser decupado e editado.

Este foi o mais curto dos 5 episódios. A religião foi de fato o tópico com menor quantidade de respostas sobre. Muitos dos convidados simplesmente não viam a religião como um tema relevante, não tendo nenhuma opinião forte sobre eles.

Entretanto, aqueles que falaram sobre religião, trouxeram uma visão mais aprofundada do assunto a tona. Dentre eles, destaco as pessoas que não tinham uma religião determinada, mas que se diziam “espiritualizadas”, com forte apreço por diversas práticas.

Como o episódio foi mais curto, a ordem também seguiu este parâmetro, tratando de dois tópicos:

1. Qual sua religião?
2. Por qual motivo você crê ou não?

5.2.4 Episódio IV – Desafios

Com 51 minutos e 10 segundos, o quarto episódio foi o maior dos 5, com a mais diversa gama de assuntos cobertos, sendo o último a ser decupado e editado.

A ideia do episódio sobre “Desafios”, surgiu após realizar aproximadamente metade das entrevistas. Uma coisa que notei neste momento foi que, ao explorar as falas dos personagens, eles tendiam a se abrir e expor os problemas que enfrentavam naquele momento, independentemente do assunto que estávamos tratando.

Podíamos estar conversando sobre para onde o entrevistado costumava sair para se divertir, e por algum motivo começávamos a tratar sobre como a família dele não se importava em não saber onde ele estava, o que deslanchava em conversas profundas sobre essa espécie de abandono.

Todos os entrevistados acabaram se abrindo de maneiras similares a esta, criando uma rede de desafios que enfrentavam, que decidi categorizar e dispor no episódio na seguinte ordem:

1. Família
 - a. Relacionamento com os pais
 - b. Divórcio

- c. Abandono paternal
 - d. Ausência dos pais por conta da jornada de trabalho
- 2. Estado psicológico
- 3. Vícios
 - a. Fumo
 - b. Bebida alcoólica
 - c. Substâncias ilícitas
- 4. Futuro
 - a. Planos e perspectivas sobre o futuro pessoal
 - b. Futuro global

Em meio a estes tópicos, destaco algumas tendências que encontrei nas respostas dos participantes. Primeiramente, grande parte deles vinham de famílias com genitores divorciados, separados ou com abandono paternal, abrindo um tema central que era a ausência da figura paterna na vida destas pessoas. Poucos tinham pais juntos, com relações estáveis e amorosas.

Outro aspecto que acho importante comentar foi o abuso de substâncias. As pesquisas indicam um decréscimo no consumo de álcool e cigarro na Geração Z, entretanto, os entrevistados que fumavam e bebiam, fumavam e bebiam muito.

Por fim, a desesperança sobre o futuro global e a ansiedade foram outros temas recorrentes nas entrevistas. Seguindo meu roteiro, no final da entrevista eu perguntava sobre as expectativas dos convidados sobre o futuro global, as respostas foram um misto de desesperança completa e fé tímida de que as coisas poderiam vir a melhorar.

5.2.5 Episódio V – Juventude

Com 11 minutos e 40 segundos, o quinto e último episódio foi o quarto a ser editado, sendo focado uma singular pergunta das entrevistas.

Durante os momentos finais delas, fiz questão de perguntas aos participantes “O que é ser jovem”, produzindo o último episódio como um compilado destas respostas.

A organização deste episódio foi a mais fácil, pois todas as respostas foram fluidas e se encaixaram de maneira espontânea umas nas outras.

Todos os participantes observaram a juventude como um período de experimentação, de se encontrar, com muitos enfatizando-a como um momento para “quebrar a cara” e se reconstruir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futuro do jornalismo reside na internet. Como profissionais em um mundo volátil, precisamos explorar as novas tecnologias, plataformas e formatos de conteúdo, retomando nosso espaço de mediadores da informação.

Durante a produção do programa compreendi que os jovens não se afastaram do jornalismo, mas sim o jornalismo se afastou dos jovens, focado excessivamente no público já consolidado das gerações mais velhas.

Se não tornarmos nossas atenções aos futuros consumidores de notícias, que englobam não só a Geração Z, mas também os adolescentes e as crianças, corremos o sério risco de deixar a importância desta profissão definhando diante de uma população que precisa, mas nunca conseguiu construir uma boa relação com ela.

Analisemos o jornalismo independente que interessa a novas gerações, compreendamos os tópicos que se tornaram relevantes para estes indivíduos, façamos um jornalismo que compreenda que os jovens do presente serão a massa consumidora do futuro, que precisará mais do que nunca de fontes confiáveis de informação.

O programa JOVENZ não me permitiu somente testar tudo aquilo que aprendi durante minha formação, mas também me indicou que existe um anseio, mesmo que tímido, calado pelo grande barulho do fluxo ensurdecido de informação e desinformação da modernidade, que pede por boas histórias, boas notícias, bons espaços de fala.

Somente precisamos escutar este sussurro, para, com muito esforço e paciência, mudarmos o caminho lúgubre do jornalismo atual.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 6 ago. 2013.
- VIANA, Nilton. **O jovem como sujeito social**. *Estudos*, Goiânia, v. 36, n. 1/2, p. 145-154, jan./fev. 2009.
- DAYRELL, Juarez. *O jovem como sujeito social*. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40-52, set./out./nov./dez. 2003.
- VIANA, NILTON. A dinâmica da violência juvenil. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.
- TWENGE, Jean M. **iGen: why today's super-connected kids are growing up less rebellious, more tolerant, less happy — and completely unprepared for adulthood — and what that means for the rest of us**. Nova York: Atria Books, 2017.
- GOOGLE. **Google Trends: interesse de pesquisa pelo termo “Geração Z” no Brasil (2010–2026)**. Disponível em: <https://trends.google.com.br/explore?geo=BR&q=%2Fm%2F03xvj3&date=all>. Acesso em: 10 abr. 2026.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **IBGE contou 32,1 milhões de usuários da internet no país**. Agência de Notícias IBGE, 23 mar. 2007. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13267-asi-ibge-contou-321-milhoes-de-usuarios-da-internet-no-pais>. Acesso em: 10 abr. 2026.
- DIMOCK, Michael. **Defining generations: where Millennials end and Generation Z begins**. Pew Research Center, 17 jan. 2019. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/short-reads/2019/01/17/where-millennials-end-and-generation-z-begins/>. Acesso em: 10 abr. 2026.
- SIMILARWEB. *Top websites ranking in Brazil*. Disponível em: <https://www.similarweb.com/top-websites/brazil/>. Acesso em: 10 abr. 2026.
- DIMOCK, Michael. **Defining generations: where Millennials end and Generation Z begins**. Pew Research Center, 17 jan. 2019. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/short-reads/2019/01/17/where-millennials-end-and-generation-z-begins/>. Acesso em: 10 abr. 2026.
- NODARI, Manoela Pagotto Martins; ROSA, Edinete Maria; NASCIMENTO, Celia Regina Rangel; GUERRA, Valeschka Martins. **Os usos do tempo livre entre jovens de classes populares**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 32, n. 4, e324215, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e324215>
- FALCKE, Denise; ZORDAN, Eliana. **Amor, casamento e sexo: opinião de adultos jovens solteiros**. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 62, n. 2, 2010.
- RISK, Eduardo Name; PIRAN, Marina; OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de; SANTOS, Manoel Antônio dos. **Relações afetivo-sexuais: concepções e representações de jovens universitários de classes médias**. *Psico*, Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 1–15, jan.–dez. 2023.
- COSTA, Simoni Furtado da; MORAES, Claudia Leite de; TAQUETTE, Stella Regina; MARQUES, Emanuele Souza. **Vulnerabilidades sociais e iniciação sexual entre 10 e 14 anos em estudantes do município do Rio de Janeiro, Brasil**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 7, p. 2763–2776, jul. 2022.

BAUMEL, Cynthia Perovano Camargo; GUERRA, Valeschka Martins; GARCIA, Agnaldo; ROSÁRIO, Alini Gusmão. **Consumo de pornografia e relacionamento amoroso: uma revisão sistemática do período 2006-2015.** *Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 24, n. 1, p. 131–144, jan./mar. 2019.

FLEXOR, Georges Gérard; RODRIGUES, Adrianno Oliveira; SILVA, Robson Dias da. **Religião e preferências econômicas e políticas entre jovens universitários da periferia: um estudo exploratório na Baixada Fluminense.** *Sociologias*, Porto Alegre, ano 22, n. 53, p. 138–171, jan./abr. 2020.

RITZ, Claudia Danielle Andrade; SENRA, Flávio. **Pessoas sem religião com crenças: considerações sobre o fenômeno religioso dos sem religião.** *Caminhos*, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 316–334, 2022.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022: religiões: resultados preliminares da amostra.** Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 abr. 2026.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Addiction leaflet*. Nasr City, Cairo, 2019.

MINDMINERS. *O dossiê das bebidas*. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://mindminers.com/blog/o-dossie-das-bebidas-edicao-2024/>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (UNIFESP). **Caderno temático: resultados tabagismo e uso de dispositivos eletrônicos para fumar (DEF) na população brasileira.** São Paulo: UNIFESP, 2025. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/85272d44-b84f-49a0-905a-63e9af51d5c7>

CALLOU FILHO, Cesario Rui; ABDON, Ana Paula Vasconcellos; MONT'ALVERNE, Daniela Gardano Bucharles; SILVA, Carlos Antonio Bruno da; JORGE, Maria Salete Bessa.

Uso de smartphone em adultos e jovens: correlação entre idade, tempo de tela e dependência – SPAI-BR. *Veredas do Direito*, v. 23, n. 4, e234913, 2026.

PAPPÁMIKAIL, Lia. **Futuro incerto e transição para a vida adulta: as novas gerações diante do projeto de vida.** In: *Aproximaciones a los mundos juveniles: diálogos ibero-americanos*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2022. p. 13–28.

OLIVEIRA, Luísa; CARVALHO, Helena; VELOSO, Luísa. **Formas atípicas de emprego juvenil na União Europeia.** *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 66, p. 27–48, 2011.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Futuros em disputa: juventude, educação e projeto de vida no ensino médio.** *TOMO*, São Cristóvão, v. 43, e20795, out. 2024.

BLANCO PÉREZ, Manuel. *Serie documental: el nuevo documental periodístico en la era Netflix*. In: SÁNCHEZ-GEY VALENZUELA, Nuria; CÁRDENAS RICA, María Luisa (coord.). **La comunicación a la vanguardia: tendencias, métodos y perspectivas**. 2021. p. 1998-2012

ANDRADE, Samária Araújo de. **Jornalismo em mutação: estudo sobre a produção de conteúdo na fase do capitalismo avançado.** 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina.

REUTERS INSTITUTE FOR THE STUDY OF JOURNALISM. **Digital News Report 2025: Brazil.** Oxford: University of Oxford, 2025. Disponível em:

<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2025/brazil>. Acesso em: 22 abr. 2026.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 10 abr. 2026.

HJARVARD, Stig. **Da mediação à midiatização: a institucionalização das novas mídias**. *Parágrafo*, v. 2, n. 3, jul./dez. 2015.

GE TV. **GE TV – canal oficial no YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/@getv/featured>. Acesso em: 10 abr. 2026.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; BARRETO, Helena Martins do Rêgo; VALENTE, Jonas Chagas Lúcio. **Para a análise teórico-metodológica das plataformas digitais como estruturas de mediação a partir da economia política da comunicação**. *Avatares de la Comunicación y la Cultura*, n. 24, dez. 2022.

NICOLETTI, Janara; FIGARO, Roseli. **Plataformização do trabalho dos jornalistas: uma outra face da precarização**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 20., 2022, Fortaleza. Anais [...]. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2022. Realização: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

HERGESEL, João Paulo. **A websérie: um mapeamento bibliográfico acerca desse formato narrativo**. *Mediação*, Belo Horizonte, v. 20, n. 27, jul./dez. 2018.

SOUZA, José Jullian. **Websérie documental: um conceito em discussão**. *Triade: Comunicação, Cultura e Mídia*, Sorocaba, v. 10, n. 23, e022008, 2022.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2022.

SOUZA, José Jullian Gomes de; CAJAZEIRA, Paulo Eduardo. **Mas afinal, o que é uma websérie documental?** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), 2015.

FONTOURA, Marina Burdman da; HELICH, Tatiana; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Os realismos do true crime: estratégias narrativas dos episódios-piloto da série ficcional (HBO) e da série documental (Netflix) The Staircase**. *RuMoRes*, v. 17, n. 34, p. 77–94, 2023.

BLANCO PÉREZ, Manuel. **Serie documental: el nuevo documental periodístico en la era Netflix**. In: SÁNCHEZ-GEY VALENZUELA, Nuria; CÁRDENAS RICA, María Luisa (coord.). *La comunicación a la vanguardia: tendencias, métodos y perspectivas*. Sevilla: Egregius, 2021. p. 1998–2012.

TUCHMAN, Gaye. *News, the newsman's reality*. 1969. Tese (Doutorado em Sociologia) – Department of Sociology, Faculty of Arts and Sciences, Brandeis University, Waltham, 1969.

APÊNDICES

APÊNDICE I – ROTEIRO EPISÓDIO I – LAZER

IMAGENS	ÁUDIOS
Cena 1 – Cenário programa JOVENZ câmera principal – Enzo Carmignolli Gomes	“Bem-vindos ao primeiro episódio de Jovenz, com Z. Meu nome é Cray, pode olhar que tá na minha carteira de identidade e esse é o mais novo programa sobre a juventude brasileira. Como esse é o primeiro episódio eu vou contextualizar o que é essa bagaça.”
Cena 2 – Cenário programa JOVENZ câmera secundária– Enzo Carmignolli Gomes	“Nós pegamos diversos jovens da geração Z, a geração que engloba o pessoal que nasceu entre 1997 e 2010, e conversamos com eles sobre os mais diversos tópicos. Por exemplo, o tema do episódio de hoje é divertido.”
Cena 3 – Cenário programa JOVENZ câmera principal – Enzo Carmignolli Gomes	“Não, é sério, o tema de hoje é Lazer. O que os jovens vêm fazendo pra se divertir? Pra onde eles vão, como eles se alimentam, com quem eles se relacionam?”
Cena 4 – Cenário programa JOVENZ câmera secundária– Enzo Carmignolli Gomes	“Tudo isso e muito mais, no Jovenz com Z”
Cena 5 – Hugo tocando guitarra	Trilha sonora
Cena 6 - Hugo	“Eu gosto de tocar guitarra. Eu gosto de assistir filme, eu gosto de ler livro, eu gosto de jogar videogame. De sair, também vocalizar música e tal. E muito shows e tal. E jam sessions e por aí vai.”
Cena 7 - Arthur	“É... Gosto de tocar piano, sair com meus amigos... É... Isso! Eu gosto muito de ouvir música e eu queria também tentar fazer música! Só por diversão”
Cena 8 - Murilo	“Cara, pra me divertir, eu gosto muito de praticar esporte. No geral. Gosto de jogar vôlei, de jogar bola, futebol, ir à academia, dar uma corridinha, fazer qualquer atividade física. Às vezes não precisa nem ser o esporte, tá ligado? Tipo... Vamos sair correndo pela rua? Não. Isso pra mim é superdivertido, tá ligado?”
Cena 9 - Kézia	“Que você costuma fazer pra se divertir? Eu gosto de assistir série. O que você costuma assistir? Eu gosto de Friends, gosto de assistir Teen Wolf, que voltou agora para Netflix. Comédia romântica, dos anos 2000, no geral. De repente 30. Como Eu Era Antes de Você não é comédia, né? É mais um drama. Gosto de assistir 10 Coisas Que Eu Dei Em Você. Esses filmezinhos aí Mas se for pra eu escolher assistir um filme novo, ou um filme que eu já sei que eu vou

	gostar, eu assisto um filme que eu já sei que eu vou gostar.”
Cena 10 - Yanna	“No meu tempo livre? Eu sou muito chato com série, sou muito chato com anime. Youtube? Youtubezão, eu passo mais tempo assistindo Youtube mesmo. Eu gosto de assistir bastante streamer, gosto de VOD de live. Porque é uma coisa de duas horas que eu posso deixar do lado enquanto eu faço uma comida, quando eu como, quando eu desenho, faço qualquer coisa assim. Cara, jogar video game. Acho que a maior coisa que eu faço é jogar video game. que você jogar? Cara, de tudo um pouco mano. Gosto de jogar um valorantezinho. pior jogo de todos os tempos, mas... Jogar um valorantezinho, jogar um minezinho com os amigos. De tudo um pouco assim. “
Cena 11 - Carlos	“Eu gosto de... Anime, mangá, gosto de ler livros clássicos também bastante. Eu gosto de jogar video game. E isso aí meus amigos, são os meus top 5 aí. Hoje eu tô jogando Cyberpunk. Gosto de jogar Ports on Boards também. Arc Raiders. Tô querendo comprar Helldivers. Quero muito comprar Helldivers Gosto de jogos de história, assim. De história pra mim são os melhores. Eu gosto de obras que me fazem pensar.”
Cena 12 - Giuliana	“Nossa, recentemente eu estava jogando muito Warframe, mas eu comecei a jogar Dark Souls 3 e comecei a jogar. Eu baixei hoje, tá baixando inclusive lá na minha casa, Cyberpunk, a DLC Phantom Liberty, que é o Cyberpunk, meu jogo favorito Então se um jogo é considerado disruptivo, bom pra caramba, muito maneiro, tem um motivo, tá ligado? Então eu vou jogar eles. Menos League of Legends, de CS, jogos assim. Jogos que fez tibiis em geral, não, então. É porque eu gosto mais de jogos que tenham uma história maneira, tá ligado? Eu já joguei muito LOL, provavelmente o que eu mais joguei na minha vida. Eu tenho papo de 2 mil horas nesse jogo, muito mal gastos.”
Cena 13 - Henrique	“Mano, o que eu mais gosto, eu tenho tentado fomentar mais meus hobbies de voltar a assistir coisa, mas no geral mesmo, fixo mesmo que eu gosto mais de lazer, é jogar video game. Os jogos que eu mais jogo é Rainbow Six, Overwatch e FIFA, né? Só bomba”
Cena 14 - Adão	“Nossa, eu gosto muito de obras de terror, né? Aí ultimamente eu joguei Resident Evil 4, Eu tinha jogado os remakes também. Joguei o Space Marines 2, né? Pra dar uma quebrada. E

	agora tô no Blasphemous. Blasphemous 2. Gosto muito dessa estética mais gótica. E de terror no geral”
Cena 15 - Giuliana	“Eu gosto de ler mangás e quadrinhos. E manhuás. E quadrinhos, no caso. Eu gosto de assistir filme. Eu amo assistir filme. Eu queria assistir mais filmes, mas eu gosto de assistir filmes com outras pessoas. Então é complicado.”
Cena 16 – João Victor	“Cara, eu me interessei muito por cinema, sabe? Eu gosto de assistir filmes bem dramáticos mesmo. Eu gosto muito de filme com fotografia, com temáticas com cores bem quentes, então com cores que dá pra destacar pra você ver o que o diretor quer passar naquela cena. Eu vejo muito um cara do YouTube que explica muito sobre isso, é o Gaveta. Ele é muito foda. Quando eu vejo um filme eu choro pra caralho também. Acho que ali que é a hora que eu vejo que é de liberar, sabe?”
Cena 17 - Isadora	“Então eu vou contar os outros dois filmes que eu consumo há 10 anos. Titanic, que eu já vi 32 vezes contadas. E Scream, o primeiro. Eu vou falar o primeiro que é o mais clássico.”
Cena 18 – João Pedro	“Ah, mano, eu acho que um pouco de tudo assim, saca? Sei lá, ler alguma coisa, um quadrinho, um mangá, ver um filme. Mas o que eu mais gosto de fazer é ver desenho. Mano... Hanna Barbera, clássicosão. Warner Bros. Desenho antigo bom pra caralho, mano. Ainda mais escapadão, fi. Você fica vendo só os bichinhos... Bom demais.”
Cena 19 - Emanuelle	“Eu leio muito livro de ficção, eu leio muito romance, aventura, fantasia, suspense, thriller. Algum direcionamento assim mais específico, por exemplo, ah, eu gosto de tal tipo de romance, tal tipo de eu gosto muito de comédia romântica, na questão do romance, né, eu gosto muito de comédia romântica, mas eu também gosto muito de livros mais dramáticos. Tem um aplicativo de leitura que chama Scooby, que é li, books, ao contrário, que você consegue registrar suas leituras. Nesse aplicativo registrado eu já fiz livros lidos... pera... 294. “
Cena 20 - Arthur	“Tipo, o meu favorito é o Dostoiévsky. gosto muito da maneira como ele mostra o pensamento dos personagens dele. E eu gosto que muitas vezes eu lendo os livros dele eu me encontro num personagem ou encontro amigos meus nos personagens, sabe?”
Cena 21 - João	“Cara, me encontrar em algum barzinho, que eu fuja do mundo, que eu possa tomar um belo de um negroni. E quando estou fazendo isso, eu

	gosto de pegar um livro meio aleatório, aliás, eu tenho bastante livro, e ler.”
Cena 22 – João Victor	“Cara, eu jogo muito Clash Royale. Minha conta tem 9 anos. Vou fazer 10 agora em agosto. Como eu falei, eu voltei a tocar violão. pretendo agora voltar a andar de skate, porque não andava quando eu era adolescente. E eu também gosto de ouvir música pra caralho, velho E nesses quatro anos foi uma fase bem conturbada minha, onde eu trabalho, faculdade e namoro. Eu acabei deixando eu mesmo de lado ali e focando nessas três. E eu acabei me perdendo, Acabei perdendo os gols que eu tinha, o violão cheio de poeira. Eu sei que quando eu voltei eu senti um negócio diferente. Eu senti mais vivo, Eu me senti vivo, eu me senti que eu posso tocar mais, eu posso andar mais. Eu posso tocar mais música do que eu escutava antes também. Antes eu bati recorde do Spotify mês passado. Mês passado, não, mês atrasado em janeiro. Escutei 9 mil minutos em um mês, velho. Tipo, foi metade do que eu escutava em um ano.”
Cena 23 - Isadora	“K-pop, gosto muito de rap nacional, muito mesmo. Todos os tipos. Eu gostava muito de trap, mas com todo respeito a galera do trap. Eu não aguento mais ouvir a mesma coisa. Meu Deus, trappers, façam coisas diferentes, por favor. Gosto muito de funk, todo tipo de funk. Tem que ser o mais sujo possível, de preferência. Isso ali é muito pesado. Aham, me faz feliz. Gosto muito daqueles... É certo falar compilado? Eu não sei. Que os DJs de funk postam no Soundcloud. E aí tem tipo assim a batida... Aí tem o cara gritando... Não sei o que é, sei o que não sei o que é! Aí volta a batida... Já ouviu? É RJ, é muito bom. Música internacional, assim... Gosto muito de Etelkine, Ariana Grande... acho que é isso. Gosto muito de rock também, Pierce the Veil, Death Tones... Acho que eu corto pro que... Vai me... Mas o que eu mais escuto mesmo hoje em dia é rap.”
Cena 24 - Hugo	“Eu gosto bastante de coisas mais voltadas pro rock e vertentes disso, então tanto shows de shoegaze pra emo, pra hardcore, pra metal, por aí vai Que felizmente a gente tem um cenário bem forte aqui em Goiânia de todas essas coisas assim Então é bem divertido pra mim”
Cena 25 - Cauã	“Normalmente é pra beber, né? Sai mais pra beber. Sai com os amigos pra beber, né? Onde

	você saiu? Já fui em tantos lugares, cara. Palada, Azuri, Soho. Lá na Rua Oito também. Nossa, a rua 8 é bizarra. Não, a balada é tranquila. Você tá ali, é cheio de gente, normal. Não acontece nada de anormal, mas lá na rua 8 parece que tem um espírito encarnado ali que sempre tem alguém estranho.”
Cena 26 - Yanna	“A gente costuma ir com quem que você costuma sair? Opa! A clássica é a rua 8, né? Rua 8, muito bom. Madrugadinha, com os amigos, bebê todas. Aí todo mundo se conhece lá, todo mundo maluco também. Todo mundo na várzea, bebe uma, fica de boa, conversa, aí morre. Começa na rua 8, termina em algum lugar. Sempre em outro lugar. Então basicamente é isso, mano. Rua 8, com a gurizada, bebê umas. Sai com os reais. Eu sou mais de rolê caseiro, mas só um grupinho de amigos, bebendo, conversando. Não sou muito de embalada, essas festas muito...”
Cena 27 - Gabriela	“Eu gosto muito de sair com meus amigos. Tudo bem que é meio complicado por questão financeira, porque não estou trabalhando. E aí eu vou depender dos meus pais pra isso. E também de deslocamento, às vezes é muito longe. Eu não vou ficar gastando com o Uber porque, justamente como eu dependo dos meus pais, eu sempre vou buscar alguma forma de depender menos ou então gastar menos. Então eu provavelmente vou estar indo de ônibus e vou ter que sair mais cedo porque é um ônibus e você tem que sair uma, duas horas mais cedo para chegar naquele horário. inclusive eu tenho um negócio que tipo assim, eu marco de sair, mas aí chega no dia eu não quero ir Aí eu fiquei pensando, meu Deus, eu não quero ir porque eu ia de ônibus E aí é muito longe Tem um ônibus que vai falar lá Aí eu fiquei assim, não quero ir, não quero ir, mas aí eu fiz esse esforço porque eu sei que não tem como eu manter uma amizade, um vínculo, se eu não me esforçar para isso. Até porque as pessoas não vão ficar correndo atrás de mim e eu nem quero que façam isso.”
Cena 28 - Kézia	“É... é... eu gosto muito de fazer a noite de jogos. É... eu gosto muito de a feira. Eu gosto muito de a parque, praça. Eu gosto mais de... de sair, assim, durante o dia. Se... se os rodes são tranquilos? Tranquilos, é. Eu não gosto de nada muito pedrado. Nunca gostei muito de festa, nada disso. Não gosto muito de espaço barulhento, muito barulho assim, não gosto. Não gosto de ficar fora de casa até muito tarde.”

Cena 29 - Carlos	“Ah, depende, geralmente. Quando eu vou com pessoal da igreja, a vai para um hamburgueria, para uma pensaria, a gente faz o rolê vendo a igreja, aí na casa dos outros fazer o reenão de oração. Aí quando eu com meus amigos mais mundanos, vamos dizer assim, eu geralmente acompanhei esse para um bar e tudo, mas eu nunca... Eu não entro pra beber, deus, eu fico lá pra conversar.”
Cena 30 - Henrique	“Mano, juntar geral... Na casa de alguém... Mano, é porque eu gosto muito do dia ensolarado. Não fervendo, mas um dia quente. Então na casa de alguém que tem uma piscina, um churrasquinho bom, um feijão tropeiro, uma música, sei lá, eu gosto da paradinha, sim.”
Cena 31 – João Pedro	“Acho que a pira do rolê é a mesma de estudar algo, saca? Tanto é que... Eu acho que eu me diverti tanto, e eu olhei porque eu posso, sei lá, fazer merda, conversar com o pessoal aleatório, testar coisas que eu nunca testei, eu fiz. Tipo... Sei lá, eu gosto muito de ir para S4, no final aqui da rua, virando com os amigos, só beber uma cerveja lá, descontraí e falar merda. ou sei lá, ir pra rua 8, beber pesado, escutar umas músicas aleatórias que eu nem escuto normalmente, conversar com os moleques que eu nunca vi. Falar um monte de absurdo assim, espalhar fake news, ouvir merda, falar bosta, ficar discutindo coisas que eu nem sei se que eu tô falando tá certo. Eu só tenho que estar lá e falar bosta se o cara tá falando merda anima também, só pelo ponto da conversa. Sei lá, eu acho que... você aprende muito fora do mundo do que preso... dentro, saca? O que me atrai no rolê é ver, conhecer, receber estímulo, aprender pelo estímulo.”
Cena 32 - Hugo	“Hoje em dia eu não estou saindo tanto que nem eu saía antes. Ano passado eu saía bastante. saía praticamente toda semana. Fim de semana sempre tinha alguma coisa pra fazer. Seja na casa de um amigo, seja na minha casa, ou tem algum show, enfim. Esse ano eu não estou saindo tanto, mas... Porque o ano acabou de começar, tô pagando as dívidas do ano passado, não dei dinheiro pra não ficar saindo tanto.”
Cena 33 - Giuliana	“Atualmente eu não ando saindo para o tipo de rolê que eu gosto muito de sair, eu gosto de sair para casa de amigos e conversar. Às vezes beber alguma coisa, comer, eu gosto muito de sair para comer, eu gosto muito de de comer no geral. É o que eu falei, eu gostaria de ir pra casa de um amigo, sentar e conversar, não ficar trem louco,

	louquinho, rir, fazer o rolê e ir embora, tá ligado?”
Cena 34 – João Pedro	“Ter história, acho que o mais interessante assim é poder depois de sentar com os moleques na mesa depois de um absurdo dois, três anos depois vira e fala mano puta que pariu, caralho lembra disso que você rir pra caralho a gente chega assim, pega as fotos antigas e vai vendo e fica puta merda saca criar umas histórias pra gente ir depois e lembrar e também muito pela experiência e vivência por exemplo A gente, depois que gente fez muita merda no ensino médio, depois que gente se formou e cada um saiu pra morar fora, nenhum teve problema, assim, saca? Todo mundo soube se virar, não teve dificuldade, chegava nas faculdades e nos lugares, sabia se comunicar, ia pra festa, não se fudia.”
Cena 35 – Transição com logo do programa JOVENZ	Trilha sonora
Cena 36 - Adão	“Nossa, eu gosto de pessoas que topam tudo. Essa galera é a minha galera. Cheguei falar, ou bora fazer tal coisa. Tinha planejamento, pensamento pra fazer isso? Porra, não. Agora vamos ter que ter. Aí vai lá, gente vai lá, faz. Chega e fala, ou bora, sei lá, marca uma tatuagem pra fazer ou porra, bora. Gosto de gente animada nesse sentido também. pô, pessoal amassa de conversar também umas conversas mais maduras, uns negócios mais reflexivos também. Porque, pô, falar, ficar falando merda é legal, falar merda toda hora dá uma cansada também. “
Cena 37 - Emanuelle	“Hoje pra mim uma boa companhia é alguém que topa comer num restaurante legal, comer boa comida. E... Que topa conversar, uma boa conversa, um bom papo. Acho que seria isso. Eu já tenho meu grupo de amigos que eu considero pessoas tranquilas e quando a gente está em lugares públicos a gente tenta ser mais contido. Tendo feito amizade muito com os meus vizinhos que são boas pessoas.”
Cena 38 - Henrique	“Mano, todo mundo tem um humor muito idiota mesmo. O pessoal é mais nerdão, tem gostos mais específicos assim. Não se limita a parada mais geralzona, sei lá, o cara que vai acompanhar a Gospi do dia todo dia vendo a fofoca do MC Paiva com a Sousou Careca. Não é essa galera. É tipo gente que você olha e fala, caralho. Só mais uma pessoa comum, mas tem seus gostos específicos. Não é nenhum ouvinte de top 50 Brasil, Spotify.”

Cena 39 - Gabriela	“Eu gosto muito da amizade. Eu acho que tipo um dos meus relações mais bonitos. Eu acho que a gente cresce muito tendo amizades. Todas essas pessoas têm personalidades muito fortes. Tipo assim, não de ser... Nossa, pessoa é insuportável, difícil, mas não é isso. Mas elas são... Elas têm uma essência muito forte.”
Cena 40 - Arthur	“Eu gosto de pessoas que eu julgo interessantes, que são pessoas que têm interesses, sabe? Não precisa ser... elas não precisam gostar das mesmas coisas que eu, mas eu acho importante... Eu gosto de pessoas que têm seus interesses definidos e que não têm... problema ou vergonha de falar a respeito deles.”
Cena 41 – João Victor	“Mano, eu tenho todo tipo de amigo, véi. É muito engraçado, porque eu não tenho tópico pra amizade, sabe? Eu tenho tanto de macumbeiro, a cristão, a católico, a teu, cientista, Então, tipo, eu não tenho filtro, tá ligado? Tipo, a galera... que eu vi que é da hora, sabe? Pra colar. Da hora de ser engraçada, autêntica também. A galera tem sua própria identidade, Não perder sua identidade por conta do grupo, sabe?”
Cena 42 – Yanna	“Cara, eu não sei se tem um tipo de gente específico pra eu sair Porque sei lá mano, acho que mais questão... Chega a ser um bagulho meio místico, eu acho que eu sou bem cético sabe? É questão de vibe mesmo, mano eu não acho que um tipo de pessoa específico vai determinar exatamente o quão boa ela é pra sair, sabe? Por exemplo, maior dos meus amigos é o pessoal alternativo, o pessoal da rua 8 tal então o pessoal que tem mais da minha vivência, de morar em periferia, pá, isso que caralho Mas o meu melhor amigo, um dos meus melhores amigos, o Hugo Ele mora no auto do Bueno, É um cara assim, uma condição melhor, e mesmo assim, ele é um cara super gente fina, que a proposta é você ter muito mais prazer em sair com muita gente que, de certa forma, é da mesma tribo que eu, sabe? Pessoal que já veio de uma vida mais sofrida e tal. Então, pra mim, eu acho que é um bagulho de conhecer, mas sabe, de bater legal.”
Cena 43 – João Pedro	“Mano, vou dar o exemplo de uma pessoa que eu adoro estar comigo assim no rolê. É o Gabrielzinho, é um amigo, vou dar o exemplo dele, porque esse é uma pessoa que a sempre faz questão dele, tá preocupado disso. Ele alguém que ele sempre tá disposto, se vira e fala bora, e ele tá afim e fala bora, se ele, desde que ele saiba que não vai ser merda, se ele fazer merda, ele sabe se virar. Porque eu gosto de alguém

	disposta a fazer a bosta e saiba se virar se a merda acontecer. que a gente quer muito entrar e a não conhece ninguém, a vai de penetro, tentar... eita, consegui entrar que nem já aconteceu algumas vezes, pô... tá ali, se você tentar mentir, ele sabe mentir, fala não, pô... nós tá com o Julinho, saca? nós tá com ele, os caralhos?”
Cena 44 – Isadora	“Quando eu estava na escola ele era bem maior, com certeza. Mas hoje eu acho que eu tenho perto... quem faz sentido pra mim mesmo. Eu acho que ele é muito plural, com certeza. Eu acho que, certa forma, elas me completam. Todos que ficam ao meu redor.”
Cena 45 - Carlos	“Olha, eu seria ingênuo se eu falasse que eu gosto de pessoas muito diferentes, mas eu não falo isso de forma negativa. Eu acho que todos nós buscamos pessoas que têm algo parecido conosco. Então, geralmente acabo encontrando pessoas politicamente alinhadas comigo, que têm os mesmos gostos. E pessoas é uma gente que convivem com as mesmas coisas, sabe discutir as mesmas coisas. Eu gosto muito de pessoas que gostam de falar de política e as pessoas que têm a minha volta acabam ali sentindo isso.”
Cena 46 – Cauã	“Cara, tem que ser uma pessoa legal, divertida de você conversar. Não é aquela pessoa chata que tudo que você fala ela quer... Falar no WhatsApp. Ou problematizar ou parecer que... Tipo você falar, comprei uma skin nova no jogo e ele falar, ah não, mas essa aí é feia, tem essa aqui que custa 3x mais. Sabe, esse tipo de cara é muito... xarope, sabe? “
Cena 47 – Carlos	“Mas, sobre achar pessoas que estão aliadas com você, estão dispostas a conversar com você, e vão ser legais com você, cara, eu acho que a gente está na geração mais fácil pra isso, até por causa das redes sociais. A questão é que hoje as pessoas estão muito... ironicamente, né, por causa redes sociais, elas acabam não formando vínculos com as pessoas, elas acabam conversando um pouquinho com aquela pessoa, um pouquinho com aquela, e não acabam formando o laço, não tem esse esforço, até porque é muito diferente você conversar olhando no da pessoa e você conversar na internet. Você sentar pra conversar com a pessoa custa tempo, custa dinheiro, porque você tem que ir pra um lugar. Então as pessoas não estão fazendo mais esse esforço porque elas estão muito... dentro da própria caixinha

Cena 48 – Carlos	Então, acho que um resumo bom vai ser que a pessoa boa pra se relacionar é alguém que busca elevar tanto você quanto a si mesmo no relacionamento que vocês têm. Se vocês têm uma amizade, vocês dois ficam mais felizes, ou desenvolverem alguma coisa, ou alcançarem algum objetivo juntos.”
Cena 49 – Miriam	“Tipo, eu perdoei muitas amizades horríveis, mas eu perdoei e eu, tipo, hoje em dia, 100 % de boa, porque eu perdoei. Tem que perdoar, sabe? Quem somos nós pra não perdoar? A gente vai viver mais 50 anos se a guerra não acabar com a gente. Aí você vai passar com 50 anos odiando o fulano de tal que te tratou mal quando você tinha 14 anos, amor de Deus. Perdoa, sabe”
Cena 50 – Adão	“Pra mim, as pessoas são meu sagrado. Eu não acredito em nada, mas isso pra mim o faz sentido na vida são as pessoas que eu tenho na minha volta. Pra mim, toda a graça da vida.”
Cena 51 – Transição com logo do programa JOVENZ	Trilha sonora
Cena 52 – Arthur	“Eu não gosto de pessoas pretensiosas, eu não gosto de... A coisa que mais me irrita na verdade são pessoas que tratam conversas como algo a se vencer, sabe? E que tentam ao longo da conversa te provar que elas são ou muito legais ou muito inteligentes ou qualquer coisa, sabe? Que não vem a conversa como um fim em si próprio, sabe?”
Cena 53 - Carlos	“Você tá lá conversando com seu amigo, seu amigo simplesmente puxa o celular e tá assim, aham, aham, aham. E isso não é uma geração saudável, as pessoas não sabem se ouvir, olhar num olho do outro e falar as coisas, é uma coisa que mudou muito, as pessoas não têm mais essa capacidade de olhar no outro, de sentar com pessoa mais velha e conversar por duas horas pra ouvir o que a pessoa tem a dizer, é uma coisa que a se perdeu. Mas eu acho que isso é natural, eu acho que não é culpa da nossa geração, não é um problema dela, é um problema é que a gente foi inserido na tecnologia de uma forma muito cedo, cedo, e aconteceu igual com a outra geração.”
Cena 54 – Kézia	“Não gosto de pessoas que querem deixar o ambiente, um clima desagradável no ambiente, tristeza propositalmente, sabe? Querem deixar um clima triste. Não gosto de pessoas que... que se forcem a estar, que está claramente forçando forçada a estar no ambiente, sabe?”
Cena 55 – Yanna	“Você vê um cara certinho, um loirinho de mocaccino, tá ligado? Ou você vê um sertanejo boy, um agro boizão, você fala, esse cara vai encher o saco. Esse cara provavelmente vai ver

	aquelas conversas de Goiânia 1990 vibes. assim... É esse tipo de gente, mas não é como se eu... Tipo assim, automaticamente exclua, sabe? Eu espero que ele abra a boca antes de julgar, sabe? Mas, por exemplo, que ele até aparece de alguém que vai ser um bosta, aí ele abre a boca, que ele é um bosta... Aí é aquilo, não vou brigar com o cara, mas... Eu aqui, porque é eu aqui você aí, tá ligado? Como assim? É... Respeito o cara, desde que ele não mexe o saco, tá de boa, te dar duas opções nesse exato momento.”
Cena 56 – Murilo	“Eu acho que eu não gosto muito. Ninguém gosta, né? Gente que suga energia do rolê. Aquela galera que sempre estrapola na bebida. Estrapolar na bebida, se tudo bem. Mas sempre estrapolar na bebida e fazer merda? Pai. Pai. Gente também que é meio sem noção com as conversas. Eu não gosto de gente que não levanta pra cumprimentar. Não gosto de gente com um aperto de mão frouxo. Eu também não gosto de gente que... Sempre fala só sobre si. Não tem problema falar sobre si, ou conversar, contar histórias, mas tem muitas vezes que eu converso com pessoas novas e eu estou falando sobre alguma coisa e a pessoa transforma aquilo em algo sobre ela e eu nem termino a minha história e ela começa a contar dela. Então isso me incomoda um pouco.”
Cena 57 – João	“A sociedade de hoje está muito mimizenta. A juventude está muito mimizenta. Porque não pode falar algo que chora, berra, faz birra como uma criança. Cara, é como eu falei, a sociedade atual tá muito carente. Eu odeio, eu tenho até nojo de pessoas que tipo assim, são dependentes emocionais de alguém.”
Cena 58 – Hugo	“Eu não gosto de estar junto de gente que sente a necessidade de ser o protagonista das coisas o tempo todo.”
Cena 59 – João Pedro	“Só que eu entendi que se eu tô em um lugar e a pessoa meio que não tá disposta a meia que é sentar no chão e conversar comigo, sentar no chão é uma metáfora, mas que ela tá disposta a... a sentar e conversar, saca? Tirar os... É, então mesmo que eu não... Não que ela se tem que se rebaixar ou que ela precisa subir de nível, mas aceitar, mesmo patamar de uma conversa e não ficar sendo... Não só arrogante, mas disposta a estar ali pra conversar, saca? Porque muitas vezes tem uma pessoa que até é agradável, mas ela não tá disposta a um diálogo ou não quer conversar, os assuntos que até tudo ela fala que não tem uma opinião, assim, saca?

	Porque eu acho que isso é um tato que possa sentar e conversar, saca? Acho que o principal é isso, ela pode até ser arrogante. Mas eu que ela esteja disposta a provar a arrogância dele porque ela é arrogante.”
Cena 60 - Isadora	“Nossa, que difícil! É porque geralmente eu sempre penso tanto no que eu gosto, que o que eu não gosto eu não penso Gente que cheira, Cheira? Cocaína? Sim!”
Cena 61 – Cenário programa JOVENZ câmera secundário – Enzo Carmignolli Gomes	“Bem, aparentemente nós fazemos bastante coisa né. Pode até parecer que o jovem médio da atualidade gosta só de ficar no celular e fumar pen drive, mas confia em mim, a gente faz muito mais do que isso.”
Cena 62 – Cenário programa JOVENZ câmera principal – Enzo Carmignolli Gomes	“Pra te provar que isso é verdade, eu lhe apresento as peripécias que nossos entrevistados contaram pra gente, as boas e más histórias que provam que sim, nós fazemos coisas interessantes as vezes.”
Cena 63 – João Pedro	“A gente devia ter... Sei lá, assim uns... 17 anos e meio, tá ligado? E aí a gente tava no... Não vá cabravar, tava tendo uma puta discussão com Lenny, que é um grande amigo meu. E aí... E aí do nado chegou um louco que era o Paulão mano, louco, louco, doidão, tava cheirado, cheirado, maluco. E ele entrou no meio da nossa briga e começou a brigar com a gente, falou não, sei lá que, você tá falando merda de economia, você é um louco mano, você tá falando bosta. Gente, o que que você tá falando? Ele falou, nem eu sei, tô cheirado, tô... E começou a falar uma monte de merda, começou a rir, a até esqueceu que gente tava brigando, começou a agressar a cara. E aí chegou um outro amigo nosso, futeu louco. E aí o Paulão deu a ideia, mano, vamos deixar o 83, 0 no bar em bar. A gente foi. pintar o Paulo Souza, Boteco Raiz, Ocarroma e foi pingue-pongue, ó, ping, ping, ping, ping, ping, ping, ping, ping, ping, ping, ping, ping, falou, virou assim, Vocês já viram o pôr do salto do de um prédio? E porra, 17 anos, tava começando a ter minhas histórias fudas. Aí eu falei, não. Aí eu falei, é hoje? Aí nós pulamos, já tava meio quebrado assim, terminamos de quebrar ali, entrou. Aí a gente foi subindo, mano. E aí a cada andar que a subia, tinha gente nos andares, sabe? Que eram uns cracudão lá. E a gente tava indo ouvindo barulho dos caras morrendo de medo. menor que a chegou, em sede, a tava dizendo, era sei lá... 1 da manhã quando gente começou isso. hora que gente chegou no topo do prédio, mano,

	começou o do sol. E aí, é o nascer do sol. Aí na hora que a gente viu, mano, foi tipo... Aí que eu virei pra mim e mano, é isso que eu quero, saco? Eu não... Não quero depender de ser milionário pra ter que, sei lá, subir os Alpes e ver a montanha. Eu quero, sei lá, fazer uma merda, subir num prédio abandonado e ver o melhor pôr do sol que eu posso ver na cidade.”
Cena 64 – Kézia	“Teve uma vez até que foi uma formatura da festa da minha prima e eu falei assim, hoje eu vou amanhecer numa festa só pra ver como é que é. Cara, que arrependimento. Porque eu fui chegando, eu fui vendo o dia raiar, sabe, eu tava... de podre, de maquiagem, de vestido, me apertando, de salto e eu longe da minha casa, sabe? Eu só precisava da minha cama e do meu travesseiro. Eu precisava lavar o rosto, sério, velho. Quando você lavou foi gostoso? Nossa, foi muito. Eu tomei um banho e eu dormi. Aí eu consigo me lembrar da sensação. Foi ótimo.”
Cena 65 – Yanna	“Mano, eu acho que no dia que eu bebi pra caralho, foi uma semana, todos, né? Foi tipo uma semana, eu tava com os moleques e com os meus amigos, Victor, grande amigo Victor, grande amigo Chico, três patetas, eu, Chico Victor. e estava bebendo pra caralho. Isso era época que eu estava até na aula ainda, que eu me lembrei. Estava bebendo pra caralho e eu não lembro nada do dia. Eu só lembro que no outro dia eu acordei num porre, estava sem meu passe livre e estava perdida, se não tinha ideia do que estava acontecendo. E eu falei, mano, eu preciso procurar meu passe livre. Comecei a andar pela cidade bêbada de ressaca procurando meu passe livre. E eu andei muito, eu andei muito por aqui, assim, no pulo boeno, descendo ali pra Cabrava e tal. E eu não achava a porra do meu passe livre. Eu comecei a desistir, comecei a entrar em polêmica, falando, puta que pariu, como é que eu vou estudar? sem apurrar meu passe livre, estudar na casa do caralho. E aí, eu já desistindo, assim, eu abaixei a cabeça, olhei pra baixo, assim. Aí nós acalhamos pra baixo, eu pra você, foi Deus, Deus jogou, o anjo jogou meu passe livre lá. Eu olhei pra baixo, em desespero, no cantinho de terra, assim, meu passe livre lá, com o nome bonitinho lá. Eu falei, caralho nem fudendo. Peguei meu passe livre, cheguei em casa, dormi durante 16 horas, eu acho. E foi isso. Outro dia muito louco também, nossa, esse dia foi péssimo. Primeira vez que eu me petei na vida. Tava perto do... Não sei se foi perto da época de pop, mas memória de bebê é foda, Memórias

	não existem. Mas fui sair com os amigos, na casa do meu amigo Richard, que mora bem ali, bem pertinho, muito da hora. E os meus amigos queriam jogar Clash, torneio de League of Legends. É época dos sombrios da vida, jogar League of Legends. Mas aí o Clash, sei, tipo, 7 horas, eu acho, e já eram umas 5 horas da tarde, e os amigos queriam sair pra beber. E eu falei assim, não. Vamos sair pra beber. E eu falei, mano, eu quero beber, mas eu quero muito jogar o Clash, mano. Eu quero muito jogar o Tournamentzão, mano. E eu falei, mano, eu vou beber a quantidade de álcool que eu bebo dentro de 30 minutos, que ao tempo deu poder e eu jogava o joguinho depois. Cara, eu bebi, eu bebi tanto, eu bebi tanto. E, cara, eu só lembro de fragmentos. Eu lembro que na época eu estava super no armário, eu lembro que eu me assominei trânsito pra quatro pessoas e começava a chorar do meio da festa. Eu tava dando um rolamento tático, parecia que eu tava num jogo. Eu tava de trás de uma cobertura assim, colocava a cabeça assim, olhava assim, dava um rolamento pra outra cobertura. Dancei tango com a lata de lixo e eu depetei, desmaiei. Eu só sei que no outro dia eu acordei na minha cama. A minha mãe putazia que minha mãe não sabia que eu bebei, ela descobriu nesse dia. Meus amigos bebassos me deixaram em casa, então foi bêbados deixando o mais bêbado ainda em casa. Eu vomitei no raldo prédio todo, aparentemente, muito paia. E quando eu acordei, coincidentemente tinha tido uma treta na minha rua. Então lá embaixo tava cheio de viatura. E aí, a minha mãe tava muito puta. E meu irmão tava tipo assim, eu acordei, o meu irmão falando, mano, você foi muito pai, não sei o quê, não sei o que lá. E minha mãe muito puta, papo desesperada. E eu ia pra janela tomando viatura, falei, pronto, mano, matei alguém, vai, fudeu. Você é preso, vai me buscar. E eu ainda não é feito, pô. Acordei, mas tava até feito, ainda ficava ebando, que porra tá acontecendo? Aí me explicaram tudo, minha mãe ficou brava comigo. Eu sentei lá pra falar com os caras, e esse cara é o puto comigo quando eu joguei o torneio porque eu apaguei. E aí eu só fiquei de xereca, eu assim, caralho, eu nunca vou dar PT na minha vida.”
Cena 66 – Emanuelle	“E foi tipo... Eu fui pra chupada com dois amigos meus. Na época eu morava com meu tio ainda. E aí a gente foi pra uma chupada perto da UFG. E a gente morava ali na região oeste

	universitário. Então a gente morava no centro e teve que atravessar cidade. E a minha irmã levou a gente nessa chupada. A minha irmã deu carona pra gente nesse evento. E na hora de ir embora era tipo 3 horas da manhã, baixou polícia, acabaram com a festa, a gente teve que ir embora. E... O Uber tava acho que tipo coisa de 150 reais pra ir embora, e a gente não queria pagar esse valor. Éramos 3, mesmo dividindo não ficava caro, ficava 50 reais pra cada um. E aí a gente teve a ideia de ir andando pra ver se o valor diminuía. Porque tava todo mundo pedindo ao mesmo tempo, então por isso que o valor tava caro. E aí, saindo... Logo na saída da festa, um dos meus amigos começou a... A gente tava com os copos de mé, aquela bebida nojenta da choupada, e na porta da festa tinha um morador de rua. E esse cara tava com um corotezinho. E aí o meu amigo começou a negociar o corote com o cara pra trocar pelo mé. Eu sei que no final ele conseguiu trocar esse negócio com o cara e... Aí a continuou andando. Cerca de 500 metros pra frente eles viram uma bananeira. E eles decidiram roubar aquela banana. E eu acho que dos três eu era a mais sóbria. Eu bebi menos que eles. E... Eles decidiram roubar aquela banana. Cara, e aí eles foram tentar tirar a banana do pé, só que o talo da banana é muito grosso pra você, tipo, puxar com a mão. Aí eles começaram a tentar cortar com... Com o tijolo que tinha no chão. E cáutico. Eu sei que por fim eles conseguiram. Uma galera achou engraçado e parou pra ajudar. E eles conseguiram. E eu filmando tudo. É... Eu só tava indignada com a situação já. E pode piorar. E aí... Depois que eles roubaram essa banana, a gente andou mais uns 500 metros, eles tentaram vender a banana pra um cara que tava lá numa borracharia, não conseguiram. E a gente continua andando. Chegou num ponto que tinha uma rotatória e a gente podia pegar pra direita, pra frente ou pra esquerda. E eu falei, cara, é pra frente. A gente veio dali. E eles falaram, não, é pra esquerda. Eu falei, cara, é pra frente, a gente veio dali. E eles falaram que não, que ele era muito perigoso e que a gente tinha que ir pra esquerda. Na hora eu não queria discutir a gente foi pra esquerda. aí hora que eu percebi a gente tava entrando numa rodovia, acho que era BR. E a gente foi andando e eu falava, gente, o Uber tá ficando mais caro. Gente, algo não está certo. O Uber tá falando pra gente dar uma volta. E eles
--	---

	discutindo e a gente foi indo. Eu sei que por fim eu consegui fazer um amigo meu olhar o celular e ver que a gente tava indo pra direção errada. E aí realmente só que isso já tinha meio hora que a gente tava andando pra direção errada. E aí ele falou assim, não, realmente a gente tá indo pro lado errado. Aí era tipo uma BR, não tinha nada em volta, tinha um condomínio fechado a tipo 500 metros pra frente. E aí nesse momento que a gente foi ver o que a gente ia fazer, um amigo nosso que tava pior da situação, ele já tinha perdido a carteira na festa, ele deitou no acostamento. E aí ele deitou no acostamento e ficou lá, a gente decidiu ir pra esse... pra esse condomínio pra pedir o Uber de lá, que a gente pensou que alguém aceitaria mais fácil. Chegando lá, esse amigo nosso deitou de novo no chão e a gente ficou esperando ali o cara chegar, isso tudo com um cacho de banana na mão. Aí o Uber chegou, a gente entrou no Uber, era o que gente entrou no Uber, o nosso amigo que tava deitado no chão falou, cadê meu celular? Ele tinha perdido o celular no acostamento. Então a gente pediu pro Uber voltar no acostamento, gente achou o celular dele e viemos pra cidade, voltamos pra Goiânia. Pra chegar na casa desses amigos nossos a gente tinha que passar pela marginal. E hora que a gente tava tipo, na altura ali do universitário a gente viu que tinha um acidente. Eu pensei, vamos embora. Eles pensaram, vamos ajudar. Aí o Uber parou a gente, desceu, foi ajudar ali no acidente, tipo, tinha um cara com a cabeça estourada, o outro super machucado, tinha perdido celular. E aí a gente foi ajudar esses caras. Aí eu sei que por fim, hora que eu vi que estava tudo bem, eu peguei um Uber e fui embora. Isso tudo com um caixa de banana. Foi top rolez. E esse Uber eles que pagaram, porque eu falei, vocês que fizeram a gente ir pro lado errado. Então vocês vão pagar esse Uber. E aí foi isso. Você repetiria agora? Não. Jamais farei isso novamente.”
Cena 67 – Cenário programa JOVENZ câmera principal – Enzo Carmignolli Gomes	“E esse foi o primeiro episódio de Jovenz, com Z.”
Cena 68 – Cenário programa JOVENZ câmera secundário – Enzo Carmignolli Gomes	“Se você gostou, que bom! Se você não gostou, que bom também! É assim que a sociedade evolui.”
Cena 69 – Cenário programa JOVENZ câmera principal – Enzo Carmignolli Gomes	“Fica atento pro próximo episódio, onde nós vamos falar sobre um tema polêmico, que nem mamilos.

	E tem tudo a ver, por que nosso tema é amor... e sexo. Até o próximo episódio, de Jovenz, com Z”
--	--

APÊNDICE II – ROTEIRO EPISÓDIO II – AMOR E SEXO

IMAGENS	ÁUDIOS
Cena 1 – Cenário programa JOVENZ câmera principal – Enzo Carmignolli Gomes	“Olá, e bem-vindos ao Jovenz, com Z, o programa que fala sobre os mais diversos assuntos da nossa geração. Meu nome é Cray e sem muita enrolação, vamos falar sobre o tema que interessa e que tá no título do vídeo. ”
Cena 2 – Cenário programa JOVENZ câmera secundária– Enzo Carmignolli Gomes	“Sim, hoje é dia de falar de amor.”
Cena 3 – Cenário programa JOVENZ câmera principal – Enzo Carmignolli Gomes	Como a geração Z ama? Será que nós amamos? Dá pra encontrar um amor no século da putaria?
Cena 4 – Cenário programa JOVENZ câmera secundária– Enzo Carmignolli Gomes	Isso tudo você confere no Jovenz, com Z
Cena 5 - Adão	Eu heterossexual. 100 % heterossexual? Eu me atraio por tudo que feminino. Se o gênero... Pra mim se for feminino bastante, eu não ligo pro gênero não. Esse é o pote
Cena 6 – Giuliana	Sou bissexual, graças a Deus! Eu gosto de ficar com pessoas. Desde que elas sejam legais. E se ela é legal. E é meu tipo, que é qualquer tipo. Eu quero ficar com essa pessoa. Se ela é bonita aos meus olhos... E eu to aqui no microfone. Enfim. Se ela é bonita aos meus olhos e se ela é legal, provavelmente eu teria algum interesse nessa pessoa.
Cena 7 – João Victor	Cara, eu sou... Por enquanto eu sou hétero. Sei lá, ou por enquanto não, sei lá. Eu muito estranho. Tipo assim, eu sou hétero, mas eu tenho uma dúvida de ser bissexual. Mas eu nunca... Sei lá. Nunca experimentei. Nunca experimentei. E eu acho que eu sou hétero por nunca ter essa curiosidade de experimentar. só não é forte o suficiente Se a sociedade não julgasse, acho que ia.
Cena 8 – Hugo	Eu sou heterossexual. 100 %? Sim. Por quê? Não gosto de cara. Tipo, quando eu era mais novo, não lembro exatamente da idade, eu tive um primo que abusou um pouco de mim. E não sei se tem alguma coisa a ver, mas tipo, então, tive parte da experiência pro lado de lá mesmo não sendo por vontade própria, nem nada do tipo, Mas não gostei naquela época, até hoje não gosto, nunca tive curiosidade, nem nada do tipo, então acredito que 100%. Tipo, eu não penso a respeito mais, não me afeta em nada. Já no período eu fiquei um pouco perturbado, depois que eu entendi o que estava acontecendo, porque eu era bem novo Sempre que alguém pergunta alguma coisa, tipo, não, é assim, isso já aconteceu, foi de tal jeito, tal. Não é um incômodo, mas meio que superei.

Cena 9 – Kézia	Hetero. 100 % hetero? 100 % hetero. Por quê? Nunca senti atração por outro sexo.
Cena 10 – Gabriela	Eu sou bissexual. E aí as pessoas acham que bissexual só se relaciona com homens e mulheres, não é bem assim. É com qualquer pessoa que a gente esteja à vontade pra isso e queira se relacionar.
Cena 11 – Emanuelle	Eu sou heterossexual bi festinha. O que é o bi festinha? Cara, eu só gostava de beijar mulher em festa e tipo, só beijar mulher. Não é algo que tipo assim, nossa, vou namorar uma mulher, vou transar com uma mulher. Não, eu gostava de beijar e vai embora
Cena 12 – Miriam	Quando eu me identifiquei como lésbica eu achava que eu era rádio e fã. Então eu realmente acreditava que era realmente o pensamento político que era que eu ia seguir pro resto da minha vida. Depois eu vi coisas que eu não concordava mais tanto e fui me afastando, tipo assim, até eu não me declarar fã de nenhum jeito, sabe?
Cena 13 – João Pedro	eu sou alguém que não gosta de entrar nisso então falo que minha sexualidade sou eu, saca? Eu me sinto atraído por coisas que eu gosto E não por pessoas É claro que eu vou ter preferências Só que você tem preferências e não tem sexualidade. Então... Sei lá, se eu vejo um menino e eu acho que que tem nele me atrai, eu posso ficar com ele. Se eu vejo uma menina e o que eu vejo nela me atrai, eu posso ficar com ela. Eu não tento reprimir muito em, sei lá... Porra, desmeixo o arpejo assim, saca? Quando aparece um personagem, eu não vou falar... Tipo, eu não vou falar que ele não é gostoso sendo que eu achei gostoso. Só porque eu vou me reprimir por sexualidade? Não, pô, vou falar. eu sempre gostei de roupas andrógenas, sempre gostei tipo de usar vestido. Nunca me preocupei, tanto é que, sei lá, eu cheguei a ter um vestido que eu usava, que eu achava mais confortável. Sempre foi algo natural pra mim.
Cena 14 - Yanna	Hum, como é que explica isso? Cara, recentemente eu tive que explicar isso pra muita gente, tinha que explicar pra meus pais, pra minha sogra, então foi um trabalho muito difícil, até hoje eu não sei exatamente como falar abertamente, que difícil, né, que é realmente difícil. Mas mano, eu sou trans, eu sou uma mina trans, mulher trans, que sou pobre e fodido, então não consegui ter a verba pra começar a fazer transação, sabe, tomar hormônio. Então é muito, às vezes as pessoas não

	levam a sério, sabe? Achem que eu tô pela modinha, atenção, coisa do tipo, sabe, mas... Sei lá, acho bem páia, mas eu me vejo como uma mulher trans, eu quero muito capeta dona, os caras e todo. eu sou uma mulher trans, é isso O pessoal da minha faixa etária, no geral, tem muito aquele papo, né? De que isso aqui é fazer da vida, trampo, faculdade, estudar, sei o quê. Ah, eu quero arrumar um trampo porque eu quero comprar um carro, não o E, mano, literalmente eu só quero um trampo pra pagar meu semadinho, sabe? E aí chega até ser uma coisa meio triste pra mim, mano, porque eu fico pensando assim, caralho, tipo... Eu... Me encontrei trans desde os meus 14, sabe? Porque eu bati uma arteira e assim, não, caralho, eu sou trans. E eu já tô com 21 e até hoje eu não tive essa oportunidade, sabe? De... Não tive essa oportunidade de ser quem eu sou ainda, sabe? O pior é que... Eu falo que é caro, mas o foda é que o hormônio em si não é caro. É tal como um anticoncepcional, muita gente não vai receber o psoríaco barato, você pode estar mais de graça em farmácia popular. Mas o problema é que você tem que muito em médico, tem que muito em endocrinologista, fazer teste de sangue, regular hormônio, e isso é caro, sabe? Tanto problema que poderia trombose, monte de coisa, papo de maluquice. Então, não, nunca consegui. Eu sou muito triste por isso, por causa. A pensa na pessoa trans muitas vezes como uma pessoa feminada, correto? Uma pessoa que transiciona igual uma mulher. Você em particular, o mundo está feminado. Mas é meio que personagem, é meio que personagem, porque a vontade que queria estar aqui agora, não sei se quem está assistindo conhece, se cultura guiou, eu queria ser uma guiaruzinha super fofa, feliz da vida, sabe? Mas eu nasci em Goiânia e Goiás, periferia, preto, homem Ontem mesmo eu tava de saia por cima da calça, sabe? Coisa que eu gostaria de tacar a pernona de fora, com a saiazinha toda fofinha. Mas é um papo que me... porra... Ela tá engraçando, porque eu sei que foi uma pessoa tão sem medo de nada, uma pessoa tão tranquila em relação a falar, sabe? outro assunto, mas, pô, já sofri racismo já, então pra mim é se ignorar, sabe? Mas esse bagulho é um bagulho tão bizarro, parece que é o tipo de preconceito que não dá pra ignorar. Porque, enquanto alguém pode xingar você e você pode ignorar com isso, o fato de eu sair de saia eu posso apanhar na rua.
--	---

	Alguém pode querer fazer um bagulho muito doente pra esse medo de mim. E esse é medo real que eu tenho. É até meio bizarro falar isso, mas eu acho que eu consigo lidar mais tranquilamente com uma pessoa racista do que com uma pessoa transfóbica. O racista manda ele tomar no cu dele, eu boto minha pica de negão pra cima dele e fico de boa. Quando alguém vem ser preconceituoso com a relação a transexualidade, eu me sinto pra baixo, menor, pequeno.
Cena 15 – Transição com logo do programa JOVENZ	Trilha sonora
Cena 16 - Murilo	E para mim o amor é muitas coisas, é muito difícil falar, mas o amor é aquela coisa de ver a pessoa pela primeira vez, ver cada detalhe dela, o cabelo, o sorriso, as pernas, e pensar como aquela pessoa é incrível. Esse é o começo do amor. Mas o amor também é aquele primeiro date, aquele frio na barriga, aquela encostadinha no ombro, o primeiro beijo. Isso também é o amor.
Cena 17 – Adão	É pesado, Você já teve algum relacionamento? Já. Quantos? Nossa! Eu tive... Tive, assim, relacionamento mesmo, assim... Tive um, dois, três, quatro. Tive uns quatro relacionamentos. Um deles, dois deles foi bem tranquilo. Um foi tranquilo no início e ao fim, outro foi tranquilo até na metade. Aí foi pro caralho. E o primeiro e o último foram... Foram caos do início ao fim.
Cena 18 – João Pedro	Já, já, já tive vários relacionamentos assim no geral. Aprendi muita coisa nesse tempo, sabe? Que eu fui uma pessoa que explorou bastante essas coisas. Todos esses tipos de pessoas, porra. Nunca me relacionei com homens em um relacionamento. Eu até pensei isso na minha cabeça, porque agora eu tô namorando a Mariana. Eu até pensei, em um trem que eu acho besteira, sabe? Pensar mais. Eu pensei que eu gostaria de ter um relacionamento amorafetivo na minha vida assim, pra eu uma experiência. Mas se Deus quiser eu não ser parte da minha mulher, então eu não vou ter a oportunidade de ter isso. Mas aí, sei lá, eu gostaria de ter tido uma experiência de relacionamento, saca? Acho que poderia aprender muito. Agregar.
Cena 19 – Hugo	Você já teve relacionamentos amorosos? Já. Um muito longo. Durou sete anos e pouco, alguma coisa assim. E outro que eu tô inserindo agora que tá fazendo sete meses. Hoje? Hoje. Gosto de ficar por bastante tempo e cuidar das pessoas nisso. Ah, começou... É uma história um pouco engraçada. Começou no ensino fundamental, na virada do 8º para o 9º ano. A gente era amigo...

	Foi amigo o ensino fundamental todo. Não, mentira. O fundamental todo não. O fundamental 2 todo. E... Ok. Aí... Deixa eu namorar com ela. Eu fiquei... Namorei com a prima dela por tipo... um mês e meio, dois meses por aí, porém que eu vou que farei isso. Mas, é, teve isso da prima dela que ela que empurrou pra mim porque ela tava meio... sabia se ia, se não ia me ver como amigo, apesar de gostar de mim. Pá, foi uma história engraçada. Quando eu lembro disso eu dou umas risadinhas.
Cena 20 – João Victor	Foi minha primeira namorada. A namorou de 2021 até ano passado, outubro de 2005. A quatro anos e... Acho que... Quatro anos e cinco meses. Quatro anos cinco meses, o namoro. Como foi isso aqui? Cara, foi bom. Cara, eu vi ela no Instagram, comecei a seguir. E aí, tipo... Eu mandei mensagem. Moderno. Foi engraçado. Eu mandei mensagem pra ela, tipo, ah, passa o Zap, mano. Eu nunca tinha visto ela, nunca tinha falado com ela. A gente tinha só seguidores em comum e só isso. E a partir dali gente começou a conversar mais. E foi desenrolando Não vou falar que foi ruim, foi bom. Ali eu aprendi bastante como ser gente também, porque eu era... Eu acho que era um moleque muito engraçado, também desgraçado também. Acho que eu saí sabendo como tratar uma pessoa, velho. Que foi difícil. Foi uma das coisas mais difíceis que eu aprendi. Porque eu nunca fui um cara de ter amizade feminina na escola. Elas são bem racionais, às vezes. Bem sentimentais também. Bem sentimentais. elas falam sobre os problemas delas, coisas que nós vamos fazendo bastante
Cena 21 - Miriam	Mano, com o meu primeiro namoro de verdade, eu aprendi que eu conseguia ser amada. Que tipo, era algo possível. Eu não achava que eu... podia eu me amar, só me amar. Eu tinha que ser útil. Então se eu não era útil, eu não tava sendo amada. Eu aprendi que eu podia ser amada, mesmo errando muito. Eu errei muito com meu primeiro namorado. Primeiro namorado, Eu errei muito com ele. Fui muito com os outros. Errei. Ó, fui pai. Ele me perdoou e a gente continuou se relacionando, a gente continuou se gostando e tal. Então eu aprendi que, tipo, pessoas vão me ver através dos meus erros, sabe? Porque eu vejo, eu vejo através dos erros das pessoas, sabe?
Cena 22 – Giuliana	Eu só sou muito... emocionada e tive muito azar de cair com pessoas muito péssimas e ter que me resseparar dessas pessoas rápido. Eu não gosto muito de ser

	ficante, sabe? Eu gosto de namorar, mano. Eu gosto de com as pessoas constantemente. Eu só sempre fui a pessoa que dava muitas chances. E aí eu dei muitas chances. Meu segundo namorado é um merda com M maiúsculo, um bosta, um boçal Eu queria muito que ele viesse essa entrevista, porque eu nunca tive a oportunidade de falar isso pra ele Porque ele me bloqueou no Instagram e no WhatsApp Ele não tem Twitter, mas deveria ter me bloqueado lá também Porque ele é um fudido, agressivo, possessivo, chato pra caramba Eu acho que ter uma pessoa que te escuta e se importa com você, que não é agressivo, ajuda bastante nas coisas. Tá ligado?
Cena 23 – Isadora	Eu acho que hoje em dia criou-se um nicho na internet muito específico de cultos de relacionamento. Nunca viu? Ah, ele se não fizer tal coisa que ele não gosta de você. Se ele não ligar outro dia, esquece, não sei o que e tal. Se você tá namorando com esse cara e ele não faz tal coisa, pode esquecer, termina. Já vi vários relatos de mulheres que terminaram o namoro de anos por causa desse tipo de conselhos, sabe? Acaba entrando na cabeça. E eu acho que isso parte muito de relacionamentos heterossexuais. Óbvio, não são todos, né? Mas acontece. E esse negócio de... ter que ficar vigiando tal coisa porque senão a pessoa não me ama ou ter que... ah, qualquer coisa do tipo me canso, me canso, me canso
Cena 24 – Carlos	Você já teve algum relacionamento, Katz? Tive dois namoros. Como foram? Bem ruins. Bem ruins? Bem ruins. Por quê? O primeiro foi quando eu estava iniciando na vida cristã, não sabia de nada. E eu fui uma pessoa muito problemática no namoro. Eu me comorri muito mal, cometi muitos erros, falei alto. E no fim das contas eu optei por terminar. ... É ruim, porque eu tendo aí uma pessoa que realmente gostava, uma pessoa que realmente... Tinha esse sentimento por ela, mas eu entendi que não ia dar certo por causa dos nossos conflitos. E o segundo relacionamento, por que também foi? Ah, foi o ruim porque a pessoa me traiu. Tô na fase que eu tô trabalhando bastante, tô estudando bastante. E hoje eu tenho um foco muito grande nas coisas que tô fazendo. Tenho um foco absurdo. E eu não tô tendo nem tempo pra pensar assim. Mas assim, eu sou bem cara de pau. Se eu começar a gostar de uma menina eu vou te dizer que eu gosto de você e bora sair.
Cena 25 - Isadora	Eu acho que eu não me sinto tão interessada em ficar com as pessoas. Eu também não conheço

	muitas pessoas novas que me despertam interesse. Ah, eu acabo não fazendo nada. Sempre chegavam em mim pra ficar enxopada. Mas eu achava muito chato beijar alguém vêmuda. tinha medo de vomitar também. Tenho medo de vomitar no geral.
Cena 26 – Yanna	Teve algumas coisas tóxicas nesse relacionamento, o que foi muito ruim, mas eu volto naquilo que eu falei mais cedo também sobre coisas ruins que vêm pro bem, Eu acredito que essas situações tóxicas fez eu me valorizar mais em relacionamentos futuros, fez eu aprender a lidar com pessoas estáveis, Acredito que tem muito burburinho de relacionamento que eu fico escutando de pessoas em geral, a voz da pessoa que vem desabafar faz um relacionamento. E eu fico pensando assim, mano, eu já passei por coisa tão pior que hoje em dia eu fico olhando assim e nossa, isso pra mim é negócio tão simples de resolver, sabe? Sentar e conversar rapidinho. Se a pessoa não quer conversar, é só engolir o ego que daqui a pouco, quando esfriar, quer conversar, sabe? Mas acredito que no universo hipotético, onde eu tava solteiro, não sei o quê, acho que quando eu avançasse mais a minha transição seria um bagulho mais complicado, né? Aquele lance de, sei lá, mina hétero não querer ficar comigo, mina lésbica talvez não aceitar por causa de genitália e o vice versa também, homem hétero não querer ficar comigo por causa de genitália e talvez homens gays não dá certo também por causa da aparência feminina, sabe? Mas quando eu no relacionamento eu acredito que não vai ter nada não. Eu tenho essa segurança, é. De qualquer forma, acredito que também não, porque eu num relacionamento, eu duvido muito. Duvido muito não. Ela me apoia bastante, eu amo meu amorzinho, obrigado por isso. Então ela acredita que não vai mudar muita coisa, Que é uma pessoa que já tá comigo, já apoia, ciência, é uma pessoa que também é totalmente aberta a qualquer tipo de relação íntima, assim.
Cena 27 – Miriam	Eu ficava pensando nisso, mas será que eu faria uma mulher trans? E aí, um dia, me caiu a pergunta. Uma mulher trans ficaria comigo? Pronto. Sabe? O chapeuzinho da vergonha. A gente tinha que se dar a desimportância. Tipo, assim... Se tinha uma mulher trans chegasse pra ficar comigo, eu ia falar, tipo, vamos, amiga? Ou então, não, amiga? Foi de boa. Depende do corpo. É sobre o faz o corpo esquentar. Entendeu? Eu acredito muito nisso. E, por conta disso,

	acreditar nisso, eu me identificava muito como bissexual por muito tempo, muitos anos. Mas tipo, hoje em dia eu vejo que é só sobre o esquentar. Mano, se o meu corpo esquentar, que eu vou... Sabe, eu tenho 17, eu tenho quase 18 anos, 17 anos. O que eu quero ficar olhando e escolhendo pessoas que sejam do jeito que eu quero, que eu quero casar. Tipo, eu não quero casar esse ano, eu não quero casar no que vem, eu não quero casar daqui 5 anos, sabe? O que eu vou ter que ficar, sabe? às vezes a gente tem que parar de botar a mão na consciência e gozar um pouco.
Cena 28 – Cauã	Cara, eu acho que todo relacionamento é praticamente igual. Sempre começam a vir maravilhas, os dois se amam e falam que vai viver pra sempre por ele e tal. Aí, pro meio vai seriano. Acho que é quando acaba a paixão, E fica só, tipo, se você ama a pessoa de verdade, fica só o amor. Eu passei por todas essas etapas.
Cena 29 – Murilo	Tem muita gente que fala que quando o relacionamento cai no cotidiano ele começa a acabar, mas eu acho que não. Eu acho que quando o relacionamento cai no cotidiano é porque ele está se tornando só amor e não só paixão. E eu acho que muita gente acaba com o relacionamento quando acaba paixão, porque não tem amor. Só que o amor é justamente você entender que tipo não vai ser 100 % do tempo que vai ser flores e a vida vai ser bela e sexo e tudo perfeito.
Cena 30 – Hugo	Eu acho que a parte mais difícil foi o... processo de término, esse de aceitar que não, tá bom, não dá pra ficar me sacrificando, investindo ainda mais tempo nisso daqui sem saber no que que vai, investir mais e mais e ela ficar, não, tá bom, tá tudo bem, depois não, não tá tudo bem mais e vai e vem. Esse processo de aceitar que não tá, eu tenho que ir embora, eu tenho que fazer alguma coisa pra mim agora e me cuidar e vaziar disso daqui e fazer alguma coisa que vai me fazer bem, esse processo acho que foi o mais difícil do que o pós em si. Entender que você poderia ficar sozinho. É, não entender que eu poderia, mas aceitar que eu deveria ficar sozinho, que eu tinha que ficar sozinho.
Cena 31 - Adão	Pode ter pessoas que não se contentam em amar. que tipo, tranquilo em... pra elas o amor realmente não existe. Tem pessoas que o amor realmente existe. Pra mim, existem essas pessoas. Então eu quero moldar o meu universo onde o amor existe. Porque, porra, pra mim eu não acredito em vida após a morte. Eu acho que quando eu morrer eu vou morrer e acabou. Eu

	não quero ter vivido uma vida vazia a esse ponto. De não acreditar nisso. Se isso é algo que eu quero na minha vida, vou lutar para que isso aconteça. Independente de quantos fracassos eu ou outras pessoas ao meu redor tenham.
Cena 32 – Giuliana	Não, acho que ninguém viveria sem amor. Mesmo as pessoas que dizem que viviam sem amor, elas não sabem, mas provavelmente teve alguém que já amou elas.
Cena 33 – João	Cara, é ter alguém pra contar tudo que aconteceu com você. É ter alguém do seu lado mesmo, você tendo um milhão de pessoas contra você. É ter parceria, é ter quem proteger. E quem cuide de você.
Cena 34 – Emanuelle	Eu acho que principalmente quando a é mulher, a gente idealiza muito o amor de conto de fadas e que vai ser sempre perfeito. Só que tem um... tem um momento depois do felizes para sempre. E eu acho que passar por tudo isso não foi nenhuma decepção, mas foi um aprendizado. Aprender que o amor não acaba ali, ele é um processo e que a gente tem que trabalhar a relação todos os dias.
Cena 35 – João Pedro	Eu acho que o romance por si só, hoje em dia, é algo muito uma visão de adolescente banal. Acho que o romance tem que vir de... Uma união forte em que os dois querem se juntar para ir contra o mundo. Saca, não só... Ah, eu amo muito. Não, tem que ser... Estamos juntos para ir contra o mundo e vamos juntos para isso. Acho que o romance do século 26, 2026, é esse. Mano, eu aprendi que tem pessoas que você vai se relacionar uma vez na vida e não vai ser nada pra você e vai ser tudo pra ela. Vai ter pessoas que vai só uma vez na vida que vai ser tudo pra você e nada pra ela. Vai ter coisas que você vai se envolver e quando acabar vai ser difícil pros dois, mas era o melhor. Aprendi que há diversos tipos de amores. Por exemplo... foi... Até uma coisa muito bonita que alguém disse pra mim que é... Você falar que você pode amar uma música, você pode amar uma comida e amar uma pessoa. Mas isso são tipos de amores, saca? São amores e amores. Tem vários amores que você pode ter ao longo da vida e você tem que respeitar isso. São amores. São típicos de amores.
Cena 36 – Cenário programa JOVENZ câmera principal – Enzo Carmignolli Gomes	Ai ai, o amor é lindo, não é? Tirando todas as partes dele que são traumáticas ou terríveis, ele é maravilhoso. Por sinal, acho que chegou a hora de falar sobre um tema que muitas vezes surge do amor
Cena 37 – Cenário programa JOVENZ câmera secundária – Enzo Carmignolli Gomes	Sim já está permitido.

Cena 38 - Cenário programa JOVENZ câmera principal – Enzo Carmignolli Gomes	É agora que nós vamos falar de Sexo. Sim, é hora de, se me permitem: Transar, fazer sexo, ter relações, meter, fazer amor, foder, trepar, comer, dar, brincar de adulto, fazer safadeza, sapecar, coisar, bimbar, fornicar, furunfar, molhar o biscoito, acasalar, nharhar, copular, dar uma penteada, afogar o ganso, realizar o canguru perneteta.
Cena 39 - Cenário programa JOVENZ câmera secundária – Enzo Carmignolli Gomes	O que nossos entrevistados têm a dizer sobre isso?
Cena 40 - Cenário programa JOVENZ câmera principal – Enzo Carmignolli Gomes	Vai puxar a vinheta?
Cena 41 – Arthur	Você faz sexo correto? eu não sei. correto? não, você faz sexo, virgula, correto? Ah, eu pensei que você faz sexo da maneira certa, eu não sei qual é maneira certa Acho que depende do que está acontecendo na minha vida, sabe? Se eu estou atolado com trabalho, com faculdade ou tendo... Só, tipo, tem outras coisas que estão acima na lista de prioridades
Cena 42 – Carlos	Olha, eu acho que o sexo é um dos grandes preenches de Deus da humanidade, que é uma coisa prazerosa, uma coisa boa que Deus deu pra gente. E que nós devemos desfrutar dentro de um casamento. Eu acho que é isso. É uma coisa boa. Os católicos só mandam ter opinião de que é algo só pra ter filhos e não acredite ser geniço. Só isso, eu acredito que é pra ter filhos, acho que a função principal pra você criar filhos é Deus falar nos seus testes sagrados que é... você ter vários filhos é como você ter uma aljava cheia de flechas filhos são uma coisa positiva, uma coisa muito boa, mas eu acho que também é pra você ter uma experiência boa com seu cônjuge, você conviver com ele. E famílias que tem pai e mãe que fazem pouco sexo geralmente são muito problemáticas porque as pessoas não têm aquela união. O casamento é sobre sexo também, não é só isso. Mas é coisa essencial, uma coisa muito boa que foi dada por Deus. E eu acho que a forma como a sociedade hoje trata o sexo é muito libestina, o sexo como se fosse mais alguma coisa. Hoje o beijo é só mais uma coisa, uma coisa bem essencial, se o beijo dando certo. Eu acho que o sexo tem que ser dado a que papel especial que é, mas também não pode ser demonizado como algumas comunidades religiosas fazem.
Cena 43 - Giuliana	eu acho superestimado acho que as pessoas botam sexo como se fosse o apogeu da vida de uma pessoa e nem é tudo isso é bom, eu gosto sexo!

	Você faz sexo onde dá pra fazer sexo de preferência, não na frente de crianças e idosos e de outras pessoas que não queiram ver.
Cena 44 – Gabriela	Mas não é uma coisa que me faz falta, sabe? Eu vejo os colegas comentarem que, tipo assim, isso é uma necessidade muito... Alguns... É uma necessidade muito grande. Elas precisam ter alguma relação sexual com alguém, que aquilo que se eles não têm, tipo, eles mudam muito de... Eles ficam as pessoas mais chatas, digamos assim. Mas isso não me faz falta. Inclusive, ontem mesmo, voltando da faculdade, Surgiu esse assunto e aí eles falaram, ah... pessoas que não transam, elas ficam embucetando as outras elas ficam muito chatas, elas querem acabar com a sua vida e aí eles falam, quem não transa é assim aí viraram pra mim, né, não falaram nada, eu já tinha entendido aí eu falei, não, acho que eu sou normalmente, você não acha?
Cena 45 – Hugo	Vamos lá, cara, sexo eu acho que é uma coisa muito bacana, muito interessante, muito importante também. Não só numa medida de que, a não, se sente bem, o alimento pro ego, sei lá o que. É uma parada de conexão e de amor muito forte que dentro das pessoas. Eu não sei se daria pra me classificar como demissexual ou alguma coisa do tipo, mas eu acho muito... Não, não daria, claro que não, porque dá pra fazer sem. Mas é muito mais interessante, muito melhor e... É, melhor em todos os quesitos, se tem algum sentimento envolvido, se tem algum amor envolvido, algum relacionamento, algum carinho pra ser aplicado ali. Então acaba que... Eu gosto muito, é uma coisa que eu sou apaixonado por isso, muito pela proximidade que dá entre as pessoas, um contato íntimo, um amor muito próximo que tem entre as pessoas que estão se relacionando. E por isso que acho que eu gosto tanto, eu gosto muito de amar e de ser amado.
Cena 46 – João Pedro	Ah mano, não tem como né? Temos 8 bilhões de pessoas no mundo porque os assexuais perderam. Mas fuder é bom mano. É um ato íntimo que eu tenho com a minha mulher, acho que papel dele é esse. Tipo, é um momento íntimo que a gente tem. Mas um bagulho que eu entendo é que o sexo ele vai além disso. Ele é muitas vezes o momento de soltar sentimentos, soltar traumas, soltar a coisa que você tem pra soltar. E aí... Acaba sendo nesse momento, tanto é que o fetichismo está aí pra isso. Pra você poder soltar a parte da sua personalidade em um momento em que meio que feito pra isso.

Cena 47 – Yanna	Ficar com muita gente eu já fiquei de beijo e tal, mas agora a relação sexual não é minha pira de transar fora de relacionamento, sabe? A única vez que eu fiz foi uma vez, a única pessoa que é uma amiga muito querida minha, sabe? assim... Eu fico fortalecendo essa amizade uma vez na vida, sabe? Pra mim... Acho que sexo é um bagulho tão íntimo... Não é nem porque, tipo assim, coisa bonita, o conservadorismo da coisa, sabe? Ah, eu não faço sexo, faço só porco. É, não é isso. É mais questão de tipo assim, mano... Tipo... Provavelmente até eu chegar ao ponto de eu querer fazer sexo com você a já tá namorando, sabe?
Cena 48 - Murilo	Tem muita gente que eu já ouvi falar que trocaria tudo por um diazinho de sexo. Tipo, qual um fissurado que o sexo que acha que a galera é hoje em Nossa! Eu acho que vai muito pessoa pra pessoa, mas eu tenho gente que é muito. Tem gente que precisa transar pelo menos cinco vezes por semana. E eu sou tipo, quando rolar tá ótimo. Você gosta que seja um bagulho natural? Nossa, eu gosto bastante que seja um bagulho natural.
Cena 49 – João Pedro	Pessoas interessantes. Não tem graça se envolver com alguém se ela minimamente faz ter um orgasmo mental antes. Foder corpos é muito banal. Foder pessoas é mais ilegal, ter uma conexão. Tá ali trocar uma piadinha, saca? Fazer uma gracinha. Tá no momento íntimo você ter uma conexão com a pessoa porque ela é interessante e já meio que teve contato com esse lado interessante dela. Mas também existe o sexo casual, O sem ser o ranqueado, que é esse. Que é o sexo de balada, que chega os caras nas mulheres e faz. Eu não tô querendo desmerecer isso daí também porque ele existe. Porra, já tive várias relações já, mas eu, se não sou uma pessoa de... de... ter relação sexual só por ter, sabe? Porra, eu acho que...
Cena 50 – Miriam	assim, tem que ser um bagulho bom pra duas pessoas, assim, tá tipo, da hora, não tem que anular. Eu sou uma pessoa que eu acho que não tem que anular fetiche. Tipo assim, se eu fetiche do outro, não te machuca fazer, não te incomoda fazer, mas eu tenho que tipo, fazer o que tá gostoso pros dois, sabe? Mas tipo, eu tenho os meus limites, sabe? Tipo, eu não gosto de nada que vai ativamente me machucar, por exemplo. Tipo, me deixar marcada, eu não gosto. Eu já gostei muito. Eu apelo de acontecer. Tipo, se eu vejo que tá perto de acontecer, eu apelo, sabe? Eu acho que tem uma música do Tim Bernhardt sobre isso, tipo, chama... Porra! É uma música

	Tim Bernhardt? Você não o da música, porra? Não. Ah, não sei, não dá música, basicamente. Pode? É uma música que fala assim, transar pensando no gozo. E eu acabei tipo, mano, isso é muito real, sabe? Transar pensando no gozo é horrível, sabe? Isso tem que transar pensando no momento, no sentimento. Tim Bernades inclusive é o meu personagem, o meu cara favorito do mundo. Ele é o único homem que eu confio que ele sempre cheio de boas intenções.
Cena 39 - Cenário programa JOVENZ câmera secundária – Enzo Carmignolli Gomes	E esse foi nosso episódio sobre amor e sexo.
Cena 39 - Cenário programa JOVENZ câmera secundária – Enzo Carmignolli Gomes	Você concorda ou discorda dessa galerinha em algum aspecto? Você também sente falta do seu ex? É colega, não tá fácil pra ninguém.
Cena 40 - Cenário programa JOVENZ câmera principal – Enzo Carmignolli Gomes	De qualquer jeito, no próximo episódio de Jovenz, com Z, nós vamos visitar o tópico sensível da Religião, que junto de futebol e política são os indebatíveis na sociedade brasileira. Ou será que não? Eu fico por aqui e até o próximo episódio, de Jovenz, com Z

APÊNDICE III – ROTEIRO EPISÓDIO III – RELIGIÃO

IMAGENS	ÁUDIOS
Cena 1 – Cenário programa JOVENZ câmera secundária – Enzo Carmignolli Gomes	Opa, desculpa, eu não vi você aí. Sacanagem eu claramente vi vocês aí, vocês são uma câmera imensa me gravando.
Cena 2 – Cenário programa JOVENZ câmera principal– Enzo Carmignolli Gomes	Meu nome é Cray e de qualquer jeito, já que o tema desse episódio é religião eu estava lendo a bíblia no meu kindle. Mas relaxa, se você não se sentiu representado, na minha biblioteca nós também temos o Alcorão, o Livro dos Espíritos, a Torá e os Vedas hinduístas.
Cena 3 – Cenário programa JOVENZ câmera secundária – Enzo Carmignolli Gomes	Como nós sabemos a religião é tópico bem polêmico. Algumas pessoas têm, outras pessoas não, e algumas ficam naquele meio entre crer e não creer.
Cena 4 – Cenário programa JOVENZ câmera principal– Enzo Carmignolli Gomes	Eis a questão: o que os jovens pensam sobre religião? É isso que você confere hoje, no Jovenz, com Z.
Cena 5 – Miriam	Você tem alguma religião? Umbanda, sou lomandista. Você é umbandista? Mas tô meio afastada da religião, hoje em dia. Não tô indo. Sem dinheiro pra pagar pra ir, basicamente. também. E terreno? Aham. Ficar longe? Sabe a 44 é tipo meio que pra lá. Tipo não é longe, mas de moto na chuva não dá. Aí caro também não dá. Carro demora muito. E geralmente sai do trabalho com um tempo de 20 minutos pra chegar lá. Então tipo, tenho que sair do trabalho direto. Não dá, velho. Então é meio complicado essas questões. Mas eu planejo voltar aí. Assim que eu tirar a minha CNH, eu não vou andar a pé mais, nunca mais. Nem pagar um real de Uber. Eu me vi muito perdida, sozinha, miserável, pobre, de espírito, podre, me vendo uma pessoa extremamente melancólica, malvada, ruim, e eu falei, véi, temos que mudar isso. E eu falei tipo, aí vou acreditar em Deus. Deus. Até parece, mano, esse cara lá em cima, esse cara, véi. Aí, tipo, um dia eu tava chorando muito e eu falei tipo, véi, por favor, tipo, tire esse sentimento de mim porque eu vou ser melhor, sabe? Se eu merecer me sentir melhor, eu vou ser melhor. E no dia seguinte eu acordei muito melhor. muito melhor. E aí eu falei, mano, eu tenho que ser melhor agora. Então tipo, todo dia eu sendo melhor agora porque me tirou do pior momento da minha vida. Pode ter sido Deus? Pode. Pode ter só eu mesma tendo uma última voto de esperança? Provavelmente. Também. Meu pai falou uma coisa. Meu pai era católico. Meu pai era evangélico e parou de ser. Mas meu pai falou um negócio que é sobre... Enquanto a vida, a esperança. E eu considero que cheguei num

	ponto que eu não tinha mais vida. Eu não vivia. Então não tinha como ter esperança. E aquele foi meu último de esperança, sabe? Meu último. Meu último. socorro, pedido socorro e alguém atendeu. Eu mesma, talvez? Talvez Deus? Talvez meus guias? Talvez Exu? Talvez Maria Padilha? Talvez Jesus Cristo? Talvez Deus? Talvez eu mesma? Talvez o remédio psiquiátrico? Talvez o lítio ter acordado e... na porta? Talvez! Mas é muito mais confortável acreditar que Ele tá aqui, sabe, protegendo e cuidando de mim.
Cena 6 - Carlos	Eu sou cristão. Eu sou cristão da igreja preesteriana, da igreja preesteriana do Brasil e de niagem calvinista. Foi a interpretação que eu achei mais correta em relação a sagradas escrituras. Como cristão, nós somos chamados a ser grátis a Deus por todas as coisas que a gente tem. Independente do que seja. Mesmo na miséria, na riqueza. Então eu acho que essa condição de satisfeito é obedecer a buscá-lo. Óbvio, eu não consigo satisfazer tempo todo porque eu sou um ser humano. E seres humanos tem seus defeitos e tem desejos também que são completamente vários. Eu tenho vários desejos, eu sonhos, tenho vontades. Mas eu acho que essa é a condição que hoje eu tenho na maioria dos dias, não todos. E é que eu mais busco ter, é ser satisfeito. O cristão tem que entrar em todos os espaços. O cristão vive em uma sociedade onde tem muitas pessoas, muito pessoas diferentes. O cristão tem que ter medo de conviver em espaços com pessoas que cometem pecados. Agora é, quando você está nesses espaços, com pessoas que cometem pecados, pessoas que não só temem desacristo, você vai pecar junto? Se o espaço for nocivo, que ataca com alguma coisa, um pecado que pra você é muito fácil de cair, sai desse espaço. Agora é só o que você resiste, cara, fique lá e seja uma boa... Fique lá e seja uma boa testemunha. Fique lá e seja um bom exemplo de Cristo.
Cena 7 - Henrique	Fui criado numa família católica, Pelo menos família dentro de casa é católica, sempre frequentando igreja católica. fiz minha catequese e crisma na comunidade da igreja do bairro. Só que, mano, eu não lembro em que momento, mas na catequese, beleza, eu lembro que, tá, foi um período que ainda estava conectado com a igreja, com a igreja, eu me sentia, certo modo, alguma coisa espiritualmente, mas se for olhar, tipo... Na crisma, mano, eu não sei onde eu me perdi, mas na crisma eu já não queria mais. Mas sabe

	aquele bagulho, tipo... Você faz por contenção de danos também. Você não faz tanta questão de largar o bagulho, mas, tipo... Pra não arrumar problema com os pais, não vou largar agora. Vamos crismar, beleza.
Cena 8 – Giuliana	Momento, eu tô num momento bem espiritualizado, sabe, da minha vida. Eu tô frequentando alguns centros de umbanda. E eu tô gostando! Então, em partes, eu tô indo procurar essa parte espiritual. Acho que sim, quando eu tô com muito medo. Ou muito ansiosa. É... É o último recuso. Mas é porque querendo ou não você tem uma pressão de coisas que você tem que ser e coisas que você tem que fazer pra você continuar como uma comunidade unidos a fêrias e preceitos, tá ligado? Não é a culpa deles, é você que escolhe estar lá. E eu escolhi que naquele momento eu não podia estar tão pilhada em seguir os dogmas e não cometer pecados. E eu tava muito confusa e muito perdida e... É, e me fez bem sair, mas é mais no sentido de tipo, eu não tinha que... eu me sentia muito ansiosa na igreja. Melhorava minha ansiedade, eu não precisava mais parar uma parte do meu dia pra fazer isso, eu tenho mais tempo pra ficar comigo mesma. Isso, em certos momentos, me ajudou. E eu acho que sair da igreja católica nesse momento me fez bem.
Cena 9 - Murilo	Nunca fui apresentado a nenhuma religião. Mas eu acredito. Acredita em quê? Assim, eu acredito em Deus, mas eu não sei se a minha crença é em Deus, ou se a minha crença é só de que tipo, não é possível que tudo isso surgiu do nada, tá ligado? Eu tenho fé de que as coisas podem acontecer se a gente querer muito, mas eu acho que a fé, ela move a gente não por uma questão religiosa, mas por uma questão interna. sabe? então por exemplo, eu tenho muita fé de que eu vou conseguir um trabalho esse ano vou conseguir ganhar dinheiro esse ano será que essa festa não é uma coisa que está te movendo na sua cabeça? Eu acredito muito porque já teve casos e casos de tipo, eu pedir algo, eu mentalizar algo muito forte, ou fazer promessas e isso se realizar. Só que eu nunca foquei isso a uma religião, eu sempre deixei muito aberto ao universo. Entendeu? Igual, toda vez que eu vejo aquela plantinha que você pega e é só pra ela fazer um desejo, eu vou pegar.

Cena 10 – Isadora	Eu acho que não gosto de religião, eu gosto de espiritualidade, né? Qual a diferença? Eu acho que religião eu vou me fechar muito numa vertente específica e... não quero isso, eu quero consumir tudo. Tudo que faz sentido pra mim. Algumas pessoas vão achar isso errado, mas é o que eu acredito e é o que me faz bem. uma parte da minha família sempre foi muito devota, crente, como quiserem falar, de São Jorge. Eu sabia disso, mas nunca foi algo que me chamou a atenção. Até que um dia isso veio na minha cabeça do nada. E aí eu fui pesquisar a oração de São Jorge. É aquele meme, né? Eu abri a Bíblia e tive um êxtase maior do que a cocaína. Não, mas eu vi a oração e eu falei, nossa, caralho, né? É um babado mesmo. Esse São Jorge é do babado. Mas eu acho que foi aí que eu comecei a me interessar mais. Eu comecei a sentir coisas em relação à religião e sentir coisas em relação a São Jorge. E eu acho que eu fui me conectando. Então eu passei a ir em centros espíritas, a ir na missa católica, a ir em culto familiar, culto no lar. E depois de um tempo veio o terreiro de Umbanga. o que só deixou a espiritualidade e religião mais importantes para mim. Eu acho que é um dos lugares que eu mais gosto de frequentar hoje em dia.
Cena 11 – Cenário programa JOVENZ câmera principal– Enzo Carmignolli Gomes	Pô, legal, então a religião tem sim um papel importante pra partes da geração Z. Mas por qual motivo essas pessoas realmente carregam a fé ou a ausência dela dentro de si?
Cena 12 – Cenário programa JOVENZ câmera secundária – Enzo Carmignolli Gomes	Eu ainda não cheguei longe o suficiente no alcorão pra saber a resposta dessa, mas enquanto vocês assistem a resposta do pessoal, eu encontro pra vocês.
Cena 13 – Cauã	Cara, parece meio loucura, se você começar a analisar, eu mesmo, analisando do meu ponto de vista, se você começar a analisar o mundo, é meio impossível que não exista um Deus. Eu não sei se eu consigo fundamentar tanto a minha explicação, mas na minha cabeça faz sentido existir um Deus, não para só punir ou regradar a nossa vida, mas... Para criar a sociedade e tudo, eu não acredito que o Deus veio só para punir a gente. Longe disso. Até se você estudar a Bíblia a fundo, é realmente isso o intuito dele
Cena 14 – Carlos	De onde vem esse chamado pra... Do Espírito Santo. Só que... cristãos cremos que o Espírito Santo trabalha nos corações para nos convencer dos nossos pecados. Convencer do quão ruins somos. Para que agora a entenda. Pera, eu sou

	um pecador. Eu tome caminho errado. Cristo me justificou na cruz. Ele me ama. Ele quer que eu seja salvo. Agora eu vou corrigir a rota. Eu vou ser a pessoa que está mais alinhada com os princípios de Cristo. Sempre vem daí. E claro, Deus usa vários meios. Eu acho que tem uma razão racional e uma razão emocional. Primeiro por causa dos fortes sentimentos que vieram através da pregação do Evangelho que eu tive. E também porque eu não consegui conceber racionalmente a não existência de um Deus. Quando você vai pegar a teoria do Big Bang, por exemplo, do Criaçãoismo, e você vai pegar qual que é a chance de todos os elementos terem se alinhado após uma explosão que fez o universo se expandir e chegar a onde estamos agora com seres humanos tão complexos, com uma loucura. construções são complexas, com um mundo tão complexo, com um ar perfeito pra gente respirar, com tanta água, com a iluminação perfeita pra gente não queimar, nem gente passeja pro gelado. Você vai olhar a chance disso, é tipo em 1 vez 10 a... eu não lembro qual o nome é, 10 a 40, alguma coisa muito absurda. E eu falei assim, cara, entre isso e o design de um deus criador, faz muito mais sentido um deus criador. Justamente porque as coisas não são sem sentido. Todo o nosso design tem sentido. Todas as coisas que na sua volta tem algum sentido. A ciência é tão bela por causa disso, porque a estuda o design de Deus. A estuda aquilo que foi feito. Todas as nossas coisas são meticulosamente feitas pra não darem errado nas mínimas coisas. Comigo via através da pregação do meu melhor amigo. Eu fui entendendo a magnitude do meu pecado e fui convencido pelo Espírito Santo de que Deus é verdadeiro e esse Deus se expressa em Cristo Jesus. E foi difícil de aceitar isso? De que você tinha eles? Não. Porque foi muito doloroso. Difícil na palavra. Tipo assim, será que eu tenho eles? Não. Foi esse. Eu dei o eu. Foi doloroso. Tipo assim, nossa, olha o tanto de eu que eu tenho. Olha o tanto de coisa que eu fiz errado. Nesse sentido foi doloroso, mas no sentido de... Oração, devocional, leitura das sagradas escrituras, pregação do Evangelho e obras que ajudam as outras pessoas de qualquer tipo, caridade, ajudar a carregar uma caixa, enfim. É assim que se expressa a fé cristã.
--	--

	Oração se inserindo na minha rotina tanto de manhã como de noite, leitura das sagradas escrituras também. de manhã de noite, ler a Bíblia, estudar a Bíblia. Estudar a Bíblia também é esporar, também é maluco assim o meu horário, então é quando dá. Mas é todo dia que eu tô tentando estudar alguma coisinha da Bíblia que tô tentando estudar. A questão de pregação do Evangelho, eu acredito que o que a gente tá tendo conversando agora, eu falando pra você das graças de Jesus, longo de toda essa conversa eu inseri Cristo, porque é Cristo que faz as coisas boas de mim, nada de bom há em mim, tudo de bom é Cristo. Acho que isso é pregação do Evangelho pra você, pra todas as pessoas que estão assistindo.
Cena 15 - Isadora	Eu não sei, depois que eu comecei a frequentar tantos lugares e pegar pra mim o que faz sentido e descartar o que não faz, eu acho que eu fiquei... eu sou uma pessoa mais centrada e mais realmente espiritualizada em pensar de outros modos. Então, por exemplo, eu poderia estar muito, muito triste e decepcionada com a fase que eu estou agora. E não que eu não esteja. Mas eu prefiro acreditar que é por um motivo maior. que vai me ensinar alguma coisa e que eles estão tentando me mandar um recado que eu preciso aprender do que realmente ficar frustrada, chateada, ponto porque com certeza ficaria muito mais difícil passar por essa situação do que agora, do que como estou agora. Eu acho que o ser humano precisa acreditar em coisas, né? Eu acho que seja religião, ou seja filosofia, ou seja qualquer outra coisa, o ser humano é baseado em acreditar. Acreditar que tudo vai melhorar, ter fé de alguma forma, porque se a gente não tiver fé no que quer que seja, seja no universo, no futuro, qualquer coisa, a gente acaba empacando, né? Fica meio sem propósito, eu acho. Então, eu gosto de acreditar. que vai melhorar, tem motivo. Porque me mantém com pé no chão
Cena 16 – Henrique	Mas, velho, hoje em dia eu acho que eu me afastei muito da religião, acho que por uma questão mais... a parte mais ideológica, vem muita gente que sofre por causa da religião, muita gente que não só sofre, mas a parte que pensa muito... É, cabeça muito fechada, espalha muita desinformação, tem muita variação, então acaba que, tipo assim, entra muito nessa parada de tipo, como é você põe credibilidade num bagulho que tem tanta linha de pensamento e tá meio que todo mundo unido no só, sabe? É até

	difícil definir, explicar direito, mas entra mais nisso.
Cena 17 – Gabriela	É porque assim, eu não sou uma pessoa que tem crenças, né, e tal, então a minha base é naquilo que é mais científico, naquilo que é tipo... daqui mesmo. Você é uma pessoa mais para no chão. Isso. E aí eu lembro que quando eu tava começando a desincular da igreja, eu acho que eu tava seguindo o canal Epifania Experiência. Acho que era esse. Eu era o do Viajante, era um desses dois. E aí eles são mais centrados, Mais racionais e tal. E aí eu lembro de comentar em que a lógica era... Bom, se Deus existe, se existe alguém que é maior, alguém que é salvador, porque quando estavam tendo períodos de genocídio, o nazismo ou a ditadura militar, porque não teve interferência disso? Porque não foi falta de aclamação ao sagrado, as pessoas, elas, clamavam sim. E aí eu meio que penso nisso em relação à matriz africana, tipo no período... da colonização, né? Que teve isso. E aí eu fico... mano, é uma lógica, sabe? E é isso
Cena 18 – Miriam	Eu sou, tipo, perd... Eu perdoo muito, muito mesmo. Tipo, eu tô distribuindo perdão pros outros. Eu considero, uma coisa que aconteceu na minha vida, considero que eu era ateia, 100 % E aí eu comecei a pra religião da Umbanda E na Umbanda tem o cientismo religioso de Jesus Cristo Então tipo, querendo ou não, me pegou um pouco essa questão de Jesus E eu acredito que Jesus é nossa imagem semelhança Só que pra isso nós temos que ser a imagem semelhança dele, né? E Jesus perdoou, quem sou eu pra não perdoar, sabe? Mesmo se não vai ter um negócio eterno que você vai sofrer pra resto da vida Que eu não acho justo ter um inferno, por exemplo Por mais que eu ache que eu quero algumas pessoas que ivan pra lá Mas eu não acho que seja justo, eu quero que algumas pessoas vão, mas eu fico... Gente, Deus não deveria fazer isso. Mas tipo assim, eu acho tem que perdoar, sabe? Então tipo, se Deus perdoou os maiores pecadores que já foram vistos na Terra, mano, quem sou eu pra não perdoar alguém de 16 anos que errou comigo? Sabe?
Cena 19 – João Victor	Já fazem quatro anos quando eu vou pra igreja mais. Por questão também de evolução de mente. Não vou falar que povo lá não é evoluído. Mas... É, eu comecei a pensar diferente da galera de lá e vi que na minha cabeça não fazia sentido aquilo

	ali. E eu ia seguir uma coisa que não fazia sentido na minha cabeça, Cara, eu vou falar uma que me engingou bastante, mas não é uma fofoca tão intrigante assim. Teve uma vez que um cara... Um casal de membros chegou lá na igreja e eles eram donos de... Os dois eram donos da panificadora que tem lá na região, que é a mais famosa, a Terra Aspãs. Caralho, que corte-se. Os dois eram empresários. Os dois eram empresários, tinham dinheiro pra caralho. E aí coincidentemente, mano, esses dois viraram liderança na igreja, tipo, pouco tempo depois. E tipo, quando era mais novo eu tinha essa... Essa percepção, pra você ser liderança da igreja, você tem que estudar, que ter um monte de coisas, que participar a partir de coisas pequenas. Começava por coisas pequenas. Já não era assim, E depois de velho, quando fui perceber que os dois literalmente alcançaram a liderança da igreja porque eram empresários, eu fiquei meio assim... Do nada, falei, realmente porque a galera tem dinheiro.
Cena 20 - Henrique	Eu prefiro ter minhas dúvidas. Não por medo, mas tipo... Porra, será, Sabe? Acho que fica muito mais nesse lado. E... Eu também tive amigos próximos que não se afastaram. Outros que se afastaram e... Mas sei lá, tipo... São meio que não praticantes. Mas eu... Mas ainda, tipo, não é que pra mim seria uma vontade isso. Não acho que... Acho que até pela parada, respeito à religião, sabe? Eu prefiro... Eu prefiro me manter de fora se eu não sinto que eu tenho conexão do que só usar meio que de título.
Cena 21 – Cenário programa JOVENZ câmera principal– Enzo Carmignolli Gomes	Que bom que eles responderam essa pergunta, por que procurando aqui na Torá, eu percebi que eu não sei ler hebraico.
Cena 22 – Cenário programa JOVENZ câmera secundária – Enzo Carmignolli Gomes	Mesmo assim pessoal, eu espero que esses papos tenham sido produtivos pra vocês compreenderem melhor a religião da juventude atual.
Cena 23 – Cenário programa JOVENZ câmera principal– Enzo Carmignolli Gomes	No próximo episódio, nós vamos falar sobre uma coisa que todo mundo tem.
Cena 24 – Cenário programa JOVENZ câmera secundária – Enzo Carmignolli Gomes	Problemas
Cena 25 – Cenário programa JOVENZ câmera principal– Enzo Carmignolli Gomes	Família, trabalho, faculdade, vícios... o que não falta é picuinha nessa vida. Então respira, se prepara e eu vejo você no próximo episódio do Jovenz, com Z.

APÊNDICE IV – ROTEIRO EPISÓDIO IV – DESAFIOS

IMAGENS	ÁUDIOS
Cena 1 – Cenário programa JOVENZ câmera principal – Enzo Carmignolli Gomes	Sejam bem-vindos de volta ao JOVENZ, com Z. Hoje, temos que resolver algumas coisinhas Como eu disse no episódio passado, e como tá escrito no título do vídeo, o tema de hoje são os desafios da nossa juventude brasileira. Trabalho, dinheiro, bebida, cigarro, saúde mental, muitas vezes dá pra pensar que nessa vida tem mais coisa ruim, que coisa boa. Mas sabe qual é o berço de como nós lidamos com os nossos problemas? Nossas famílias. Será que nossos jovens têm famílias? Pergunta óbvia, claro que eles têm, é assim que a reprodução humana funciona. Puxa a vinheta!
Cena 2 - Giuliana	Você é próxima da sua família? Sou próxima. Da minha família materna. Só também. Da paterna não? Não. Mais ou menos. Assim, bem menos do que pra mais. Porque meu pai, ele é um boçal completo e... Minha família paterna bem que... descredibiliza minha família materna que é... a parte que eu gosto. a gente não se dá muito bem, a gente não é muito próximo não. eu meio que sou 100 % influenciada pela minha família materna. De certa forma tem... trancos e barrancos, mas a gente se dá bem. Minha mãe se divorciou do meu pai, foi em, sei lá, 2020, 2019. Então, eu meio que cresci com meus pais sendo casados, só que meu pai sempre morou em Jataí. Minha mãe sempre morou em Goiânia. Até o divórcio acontecer. Foi por um motivo horrível. às vezes eu sinto... não é exatamente... sinto falta de uma presença paterna. É mais uma curiosidade de como é que seria ter uma figura paterna do meu lado. Porque minha mãe sempre foi a figura máxima de autoridade. Eu não sei dizer até que ponto isso foi porque ela é mulher, enfim, ou só ter mulheres ao meu redor, ou o que isso influenciou, porque eu não sei o que teria mudado, sabe?
Cena 3 – Yanna	Então posso dizer que o meu pai, a minha vida toda, foi meu irmão mais velho. Meu irmão mais velho sempre foi a pessoa que eu confiei. Sempre, tipo, acredito que, mano, se eu estiver no fundo do fundo do poço, não vou estar sozinho, que o meu irmão vai dar um jeito de estar lá comigo, me ajudar, sabe? Mas em relação ao divórcio com meu pai, eu era muito criança na época. Eu tinha 4 anos, então assim... papo de memória que o seu cérebro nem

	lembra mais. Só fragmentos, holograma, sabe? Então assim, é até difícil pra mim... Tentar entender o que eu não tive, diferente das outras pessoas, sabe? Eu não vou mentir que quando eu vou na casa de algum amigo meu, exemplo, que tem uns pais casados, bonitinhos e tal... que deve ser louco, né? Porque tipo assim, você tem duas figuras que, certa parte, tem obrigação de cuidar de você, sabe? Porque tipo assim, porra, pra mim eu tenho minha mãe, sabe? Quando a minha mãe não tá podendo ser mãe, ou é um assunto que não posso falar com ela, que é um assunto delicado, que eu acho que ela não entenderia, que talvez queria ir em uma discussão, eu não tenho o pai. Então... Sinceramente é um negócio tão cinza pra mim, É um papo de... Não sei nem que palavras usar exatamente. tipo assim... triste, é triste, mas... Foi essa tristeza, essa situação triste que fez a pessoa como eu hoje, sabe? Seja ela qual for a situação, sabe?
Cena 4 – Gabriela	Então, a minha família com a que eu vivo, minha mãe, meu pai e meu irmão, eles falam que eu sou diferente, que eu não tenho tanto esse negócio de... de contato, sabe? Eu sou mais fria, vamos dizer, e eu consigo ser mais decisiva na coisa. É até engraçado, porque eu vivo na mesma casa que o meu pai, mas eu não, não tenho tanto assim, aproximação igual tenho com a minha mãe ou meu irmão. mas o eu sinto é que meu pai não faz muita questão de estar presente em momentos familiares. Mas eu não sei dizer se isso é certo ou errado, porque o meu pai não é uma pessoa de se expressar muito e eu também acho que ele nem consegue se expressar de uma forma satisfatória que as outras pessoas vão entender. Eu acho que é os dois, porque assim, quando criança eu faria muita questão, mas agora... É, já não... E você sente falta? Ah... Eu sinto falta porque... Momento. Quando a gente vê alguém que tem uma figura paterna, presente, a gente sente falta. E eu tive isso. Tive essa falta. Mesmo dentro de casa Eu tenho uma amiga. A gente é amiga há muito tempo. Desde o fundamental, acho que segundo ano. E aí... Eu saía muito com ela, eu saio ainda. Já viajei e tal. E aí eu tenho contato com a família dela. E quando a gente ia para o parque, gente costumava muito ir no Oscar Niemeyer, andar de patins. E aí eu sempre via o pai dela participando. Tudo bem que ele tenha jeito dele.

	Mas ele participava, ele jogava bola com ela, ele fazia essas coisas. aí eu sempre tive vontade, inclusive eu falava isso pro meu pai, ele nunca... nunca se interessou. E se ele interessou, ele não falava, eu não sei se tem um motivo exatamente.
Cena 5 – Adão	Na fé, tipo assim, no sentido emocional, meu pai sempre foi distante e eu não gostava dele porque, porra, ele é um babaca. Ele era um babaca, ele ainda é um babaca. Então, de certa forma, eu estava querendo que realmente isso acontecesse. Porque ele era insuportável em casa. Mas aí eu ficava com medo, tipo assim, ah, o que que vai ser daqui pra frente? Só que isso nunca ocupou muito minha cabeça, não. Sonegador de primeira. Teve uma caralhada de crime fiscal, e o caralho. Sujou o nome da minha mãe sem ela saber. Uma quantia absurda de dinheiro. Ele era alcoolista, ele é alcoolista ainda, eu acho, não sei. Não tenho mais contato.
Cena 6 – Henrique	Ah, eu acho que é normal pra muito moleque da nossa geração mesmo, que é a relação com o pai mais complicada, mais fechada. Meu pai teve criação... Meu pai era da roça, né? Então, cara vem do interior e não... Não tem esse bagulho de carinho e tudo mais. Aí a gente cresce, às vezes tem gente que... Tem muito moleque que a gente convive, que... a masculinidade muito mais fechada, tipo assim, até mesmo... Gera muito preconceito também, de certo modo. tipo, eu vejo pra ele da forma como ele só me olha. Às vezes eu não preciso falar nada. Eu falo, caralho, mano, parece que o velho não me quer mais em casa, sabe? Tipo assim, tem, tem... Óbvio, pode ter um exagero da minha parte, mas... É como se ele perdesse o brilho com o crescimento dos filhos, sabe? Eu acho meio foda isso, é meio complicado, mas... Faz parte. eu diria que a minha paixão por futebol vem muito por essa parada de ainda tentar manter contato com o meu pai. Foda-se, ele meio que, hoje em dia caga, sabe, pro futebol. E quem vai falar essas paradas pra ele, geralmente é eu. Vai dar notícia. Tipo, não sei porque que meu pai se preocuparia, mas eu tô sempre atualizando o que que tá acontecendo, sei lá, quarta de final da Champions, tá ligado? Se o Bodo Glimt passou do Sporting, sabe, pra ele. Tanto faz, é tipo, sensação dessa Champions, pai. Pô, o time da Noruega, o bagulho, tal. Ele, bacana. Mas, assim... das poucas coisas que eu tenho pra falar com ele. Porque eu não desenvolvi muita coisa pra falar com meu pai.

Cena 7 – Murilo	Mas assim, é engraçado essa questão de pais desbordiados, porque eu acho que tem muita gente que tem pai desbordiado. é engraçado, a galera perguntou tipo assim... Aí eu falo, ah, tô indo pra casa dos meus pais. eles... Qual? Fala, qual? Aí eu falo, os dois? Como assim os dois? Os pais moram juntos? Tá ligado?
Cena 8 – Cauã	Mais da parte da família da minha mãe. Meus pais são divorciados. Eu moro com a minha mãe. E vejo mais a parte da família dela. Minha tia, meu avô, por parte de mãe. Meus irmãos também moram com ela. Não, eu converso bastante com o meu pai. Mas... Mais por mensagem, eventualmente eu vejo ele. Sai pra ver ele, sai com ele, comer alguma coisa com ele.
Cena 9 – João Victor	Quando eles separaram eu tinha quatro anos na época No começo me pegou muito porque eu que eu era muito ligado ao meu pai também e aí... Sei lá. Acho que eu não consigo desenvolver essa parte, não. E aí meu pai foi morar em outra cidade acho que 2018 ou 2019, ele veio pra Goiânia Aí quando ele voltou, ele quis se aproximar mais, e aí... Tipo, eu tô tentando, sabe? tentando, tá tentando certo. Eu não consigo ter muito assunto com ele, sabe? E aí, nossas opiniões são sempre diferentes, sabe? Cara, minha mãe, ela faz tudo por mim, Ela... Tipo, eu inspirei bastante nela, dando que ela foi guerreira, sabe? Ela desde quando eu era mais novo do... Ela ia trabalhar e deixava eu e minha irmã com a minha avó. assim, eu mal via minha mãe também, mas sempre vi que ela era bem trabalhadora assim nessa. Pra ter o sustento.
Cena 10 - Gabriela	A minha mãe eu tenho um contato bem mais próximo. É tranquilo, tudo bem que já teve momentos que não eram, acredito até pela adolescência, que é uma fase mais complicada. Mas hoje em dia é bem tranquilo e eu sou próxima, eu falo muita coisa com a minha mãe. Inclusive eu saio muito com a minha mãe. A minha mãe eu acho que ela sempre foi pai e mãe, apesar dela ter um marido
Cena 11 – Miriam	Meus pais se ajudam, mas eles estão muito estragados financeiramente também. Eles deram péssimas decisões. o meu pai que me sustentava, me viu essa parte inteira de que 2028 até hoje, era o meu pai que me ajudava mais. E minha mãe perdeu meu avô, que era a maior fonte de renda dela. acabou que complicou, Pra achar dinheiro, velho. Não tinha dado pra tirar,

	sabe? E aí, entre minha mãe comer, meu pai comer e eu não comer, eu preferia que eles comece e ia me dar um jeito, sabe? Eu arrumava uma forma. E aí eu fui deixando de lado, priorizando eles, meus gatos, principalmente. Meus gatos nunca chegaram a ficar um dia sem ração, sabe? Em algum momento a vida ia funcionar. Eu tinha muita fé, basicamente. Eu tinha fé que em algum momento eu ia conseguir comer, sabe? E eu tive muito suporte, tipo, da Raquel, da minha irmã também, de tipo, pô, você não tem, mas eu tenho, eu vou comprar uma coisa pra você, sabe? Comer pipoca, por exemplo. Nossa, eu comi tanta pipoca quando tava passando necessidade, sabe? Pipoca, tomate, é... Coca, sabe? Pra... Eu comecei a fumar muito também, porque fumar tira fome. Então eu fumava muito, comecei a fumar muita maconha. Muita maconha, porque a maconha me deixava... O mundo é belo de novo. E aí isso foi piorando minha saúde mental, mas me deixava com menos fome. Na época era que eu tinha, sabe? Ou passava fome, ou meus amigos me davam droga. Eu vivo muito no survival. Tipo, eu vou dar um jeito. Em algum momento eu vou conseguir, sabe? Comer, algum momento eu vou conseguir beber água, em algum momento eu vou conseguir... Vingar, sabe? Mas enquanto isso não acontece, priorizar quem não tem uma escolha. Por exemplo, se eu tiver 50 reais pra comer e minha amiga que tá tipo, pô, amiga, não almocei hoje ainda, pô, 50 reais é pra ela, sabe? No máximo 25, 25 pra cada uma, eu pago dela, eu como menos e eu dou pra ela pra ela comer, sabe? Mas tipo assim, priorizar quem prioriza antes de mim mesma, sabe? Porque eu vou... eu não vou morrer de fome, sabe? Eu não vou morrer de sede, eu não vou morrer dessas coisas, eu acho que eu sou estrelinha. Eu vou ser exceção à regra, sabe? Então, tipo... Mas eu vou vivendo assim, vou fazendo.
Cena 12 – Hugo	HUGO 21:05 eu não costumo ficar muito em casa, eu não costumo conversar tanto assim com eles Eu acho que eu não sou tipo um exemplo de filho próximo da família, dos pais e tal 21:43 Pra mim, pessoalmente, é uma coisa que é meio diferente. Não faz muito diferença se seria mais próximo ou menos próximo e tal. É uma questão, eu tô confortável.

	22:02 Na forma que eu estou no relacionamento que eu tenho com eles. você ama seus pais? Sim, muito, tenho raiva deles, nem desgosto nenhum outro tipo. Só não acho que eu sou tão próximo assim deles. a minha avó materna, que ficava comigo maior parte do tempo até ela morrer também. A maior parte da minha infância ela que estava mais presente, ela levava pra escola, me trazia de volta. Porque minha mãe trabalhava também, ela nunca parou de trabalhar enquanto a gente estava sendo bebê, criança. Então eu fui muito próximo da minha avó, até ela partir do nosso plano corpório. Ela atuou bem como primeira figura materna mais próxima que eu tinha também.
Cena 13 – João Pedro	Minha avó com certeza. Eu moro com a minha avó desde os 15 anos de idade. gente mora junto desde os 15 anos. E minha avó ela tem câncer, aí na época que os dois estavam gravando, alguém tinha que ficar com eles, saca? Aí eu falei, foda-se, Eu vou ficar com eles mesmo e é isso, vou ficar cuidando deles. Então até que antes de vim para cá, eu estava ajudando, eu coloquei ele na cama. Meu avô quente, toda noite faz. Foi meio que uma questão de necessidade, em primeira instância, mas depois é comodismo. Lá... É muito bom estar lá com eles. Eu moro com os meus avós e ela é tipo um QG Minha avó, minha tia, meu pai e minha mãe sempre... Sempre próximo assim, sempre todos juntos. A gente é meio fraternal, a gente é bem juntinho.
Cena 14 – Kézia	Porque lá de casa eu sou próxima dos três. Acho que são proximidades diferentes, por exemplo. Para contar coisas do meu dia a dia. Eu acho que eu sou mais próxima do meu irmão, porque a gente se encontra mais. E também porque ele tem uma idade mais próxima a mim. 06:06 Em geral, pra contar coisas mais delicadas da minha vida, sou mais próxima da minha mãe, porque eu acho que a minha mãe é a pessoa que mais me conhece na vida. E pra sair, pra me divertir, pra contar coisas... contar qualquer coisa assim, eu sou mais próxima do meu pai.
Cena 15 - Emanuelle	Eu tenho uma boa relação com meu pai e com a minha mãe E... Sou próxima deles, a gente gosta de fazer as coisas juntos E... É uma boa relação em família, sim

	Eu tenho uma relação mais próxima com o pai, mãe, irmã, alguns tios, algumas tias. Algumas pessoas da família não têm muito contato, mas é uma boa relação familiar, Eu vejo as vivências deles, Eu acho que eu me espelho muito no que eles vivem. No que eles viveram para não cometer os mesmos erros ou para cometer os mesmos acertos. Então eu acho que me influencia muito. eu sou uma pessoa muito... Eu gosto muito de saber a opinião deles sobre as coisas. Então quando eu vou fazer algo que eu considero importante para mim, eu sempre peço a opinião do meu pai, da minha mãe.
Cena 16 – Carlos	Eu sou próximo dos meus pais. Muito reza minha família, eu não sou muito próximo, não. Alguns deles é que minha família tem alguns problemas entre elas, Uma coisa bem difícil assim de lidar. Mostrar a família com as tuas festas, várias brigas, várias rixas. E também pela questão de... Eu acho que esse é o principal, as pessoas tem dificuldade de conviver umas com as outras sem causar confusão. Eu acho que Famílias Unidas acabam dando uma base para a pessoa muito maior. Você encontra pessoas de locais diferentes, de profissões diferentes, de passados diferentes, de experiências diferentes, e acaba tendo esse diálogo, pessoas que estão dispostas a te ajudar, pessoas que no futuro você pode contar, e que por elas podem contar com você. Você tem uma rede de cooperação entre as pessoas muito maior. E esses são os benefícios de ter uma família unida.
Cena 17 – Murilo	Hum... Eu sou próximo, mas eu não sou íntimo. Como assim? Eu sempre cresci sendo muito na minha dentro de casa, sabe? Então eu nunca me abri com os meus pais, eu nunca me abri com os meus irmãos. Eu acho que eu nunca sequer falei, tipo, eu te amo pra alguém da minha família, apesar de que eles saibam, sabe? Eu não sei dizer como que isso me afetou, mas eu acho que eu cresci... dentro de uma casa com pouco afeto. Por muito tempo, quando eu era bem novinho, eu era uma pessoa muito grudada. Então eu era muito grudado assim o tempo inteiro abraçando minha mãe, minha irmã. E quando eu fui crescendo, eu percebi que as pessoas não gostavam tanto disso, grude. E eu fui me tornando uma pessoa mais apática.
Cena 18 – Isadora	Eu cresci muito sozinha. Porque a minha mãe não deixava eu brincar com as amiguinhas do

	prédio quando eu era pequena. eu não tinha irmã. Eu fui ter irmã só quando eu tinha 9 anos. Então eu já era bem crescida. Então, ter uns amigos só da escola quando se é pequeno e fica só 4 horas por dia com eles, não é lá essas coisas. Principalmente porque no resto do dia você meio que fica sozinha. E meus pais sempre trabalharam o dia todo. Então eu ficava sozinha. E brincar sozinha é muito ruim. Você já brincou sozinha? É terrível. Eu era péssima brincando sozinha. Então eu ficava com a TV. E não era o que eu queria.
Cena 19 – Hugo	Eu não costumo ficar muito em casa, eu não costumo conversar tanto assim com eles Eu acho que eu não sou tipo um exemplo de filho próximo da família, dos pais e tal Pra mim, pessoalmente, é uma coisa que é meio diferente. Não faz muito diferença se seria mais próximo ou menos próximo e tal. É uma questão, eu tô confortável. Na forma que eu estou no relacionamento que eu tenho com eles. você ama seus pais? Sim, muito, tenho raiva deles, nem desgosto nenhum outro tipo. Só não acho que eu sou tão próximo assim deles. Você não casca de bala deles? Não, não.
Cena 20 – Cenário programa JOVENZ câmera principal – Enzo Carmignolli Gomes	Bem, se tem algo que nós aprendemos nessa parte do programa é que grande parte das famílias brasileiras são desunidas e que nós temos péssimas figuras paternas Seu pai também te abandonou quando você era pequeno? Relaxa meu amigo, tem um monte de gente que foi obrigado a crescer sem pai, você tá longe de ser o único. Mas convenhamos, nem todos os nossos problemas são hereditários e a maioria dos que são são só um pontapé pra desafios ainda maiores. Por quais perrengues nossos queridos jovens passam? Isso você confere no JOVENZ, com Z.
Cena 21 – Cauã	Eu acho que eu sou animado. Feliz. Pra você ter noção. Sei lá, eu tô dirigindo aí, passa aqueles caras no semáforo, eu puxo e converso com ele, fico mexendo com ele. Enchendo o saco, às vezes É difícil você me ver num dia assim que eu tô quieto, calado. Se você me ver num dia que eu tô triste, quieto, calado no canto é porque aconteceu alguma coisa. Porque 99 % das vezes eu tô sempre feliz conversando com todo mundo. Pra você ter noção. Sei lá, eu tô dirigindo aí, passa aqueles caras no semáforo, eu puxo e converso com ele, fico mexendo com ele. Enchendo o saco, às vezes

Cena 22 – Hugo	Eu acho que... Eu sou um pouco pra baixo, mas não porque eu sou triste. Eu não sou triste, eu não tenho muitas coisas do que reclamar. Até porque, como falei mais cedo, quando tenho algum problema eu gosto de resolver os problemas, eu gosto de resolver problemas, então quando eu tenho problemas eu não costumo ficar tão triste assim. Mas eu não sou uma pessoa muito energética, de pular por aí, ou correr, de fazer muitas coisas, eu sou mais quieto. Mas eu acho que, de forma geral, eu sou uma pessoa bem neutra, bem tipo um quadro em branco.
Cena 23 – Carlos	Eu acho que ser feliz não deve ser o objetivo de ninguém. Eu acho que ser feliz é uma grande mentira que propagaram aí após a sociedade pós-moderna. Você deve ser feliz, você deve sempre ser feliz, que você deve buscar a felicidade e não. Você vai ter que lidar com pessoas, você vai casar. Você vai casar, você vai lidar com uma pessoa muito feliz de você e você vai brigar com ela. Você pode até estar um momento não feliz com ela, mas você deixou de seus deveres de cônjuge? Você pode não estar feliz com seu filho, ele deixou de ser seu filho? A vida não é sobre ser feliz, a vida é sobre... Lutar junto com pessoas que estão ao seu lado e fazer o mundo um pouquinho melhor.
Cena 24 – Giuliana	Tipo, eu estou feliz, eu vivo momentos felizes, mas eu acho que é conviver constantemente com um elefante no meio da sala, um elefante triste no meio da sua sala, que é conviver com a depressão desde sempre. 7 anos que eu vou no psicólogo, faz 7 anos que eu tenho depressão e 7 anos que nunca melhora. eu falo com meus amigos que eu tomo um bingo de remédio, que se tivesse um bingo de antipsicótico, antidepressivo, alguém fizesse, eu provavelmente ia ganhar. Porque eu já tomei de tudo quanto a remédio, atualmente eu estou bem estável com a minha medicação atual.
Cena 25 – João Pedro	Tipo, eu sou muito ansioso, eu tenho um T H atacado. E como se diz, né, depressão não tem cura. vez que você tem, não se cura, né? Tipo, necessariamente nunca nem tive interesse de tentar saber, saca? Eu acho que se eu tentar saber isso vai virar meio que um escapismo pra mim e eu não quero ter que justificar quem eu sou por um transtorno. Eu sou uma pessoa muito feliz, só que eu acho que se fosse pra me definir em algo seria... Eleitoriedade barra impulsividade. Acho que... Isso é o que acaba me definindo, mas que eu sou uma pessoa que sempre vai estar com um humor inconstante, porque é um bagulho que eu gosto

	de experimentar. Quando eu tô triste eu não foco em ficar feliz, eu foco em focar porque eu tô triste. sei lá, tô com raiva, eu tento entender, assim. Mas no geral eu acabo colocando muito como alegre, porque eu acho que eu não quero... É muito mais divertido estar sorrindo e tentar se divertir do que ficar só pra baixo negativo, saca?
Cena 26 – Yanna	Acho que eu sou uma pessoa feliz vivendo um mundo muito triste, velho. Eu acho que é isso. Eu sou uma pessoa feliz que tenta ser feliz com as coisas da minha volta, mas o mundo é um mundo triste, sabe? A maioria das pessoas são rancorosas, guardam muita mágoa. Pô, quantos preconceitos já me sofreram na vida? Por ser preto, por ser trans, por ser meio aviadado. Na época que não tinha saído da armária ainda. Então assim... Eu acho que o mundo é difícil, mas eu acho que se você se esforçar, você consegue viver o bem do mundo, Não é sobre... questão de privilégio, sabe? Eu tenho a sorte de viver numa vida boa. Eu acho que até no fundo do poço tem o que você aprender, sabe?
Cena 27 – Murilo	Eu me considero uma pessoa feliz e ansiosa. Eu acho muito difícil eu ficar triste, triste de verdade. Porque eu sempre tentei ser uma pessoa que vê muito o lado bom das coisas. Porque pra mim tudo é experiência. E se a gente não vive pra aprender, a gente não se torna melhor. Então eu sempre tento manter os ânimos. Mas ao mesmo tempo que eu tento manter os ânimos, a ansiedade bate muito forte.
Cena 28 – Emanuelle	Eu acho que eu sou uma pessoa muito ansiosa. Eu sou feliz, mas muito ansiosa. E essa ansiedade dá uma balançada nos outros sentimentos. Recentemente, há um mês, eu fui diagnosticada com bipolaridade. Meu médico, meu psiquiatra me diagnosticou com bipolaridade. E eu acho que hoje, eu medicada e fazendo o tratamento correto, eu me vejo como uma pessoa feliz. Mas o último ano ali, pra mim, foi um ano muito difícil. Então, normalmente quando a fala da bipolaridade, gente pensa nos picos, né? Um pico muito alto e um pico muito baixo. Eu ficava nos dois, eu ficava oscilando muito. E hoje eu vejo que eu tenho essa consciência emocional e consigo trabalhar melhor isso em mim mesma
Cena 29 – Miriam	É bom ver que a maluquice é genética, Então, por exemplo, a minha avó paterna, ela se matou porque ela tinha transição alimentar e bipolaridade. E eu acho isso muito lindo, porque eu sou igual a ela. Nós somos iguais. Eu também sou bipolar por conta dela, praxar provavelmente, porque é genético, né

	Véi, eu tenho o principal que me cerca hoje em dia é absorção de imagem, né? Eu não tenho mais problema com comer. Eu como o que eu quiser comer. Só que eu fico... Eu, às vezes, eu me olho no espelho e eu me vejo, tipo, 6 vezes maior ou 4 vezes menor do que eu tô. E aí eu fico, tipo, véi, eu nunca tô, tipo, uma magra saudável, sabe? Ou eu tô imensa de gorda na minha cabeça ou eu tô caquética de magra, sabe? Minha mãe. A minha mãe ela é borderline também, bipolar também, e ela tem obesidade mórbida. Ela tinha né, quando eu tava crescendo. Então ela era muito ligada com saúde, com comer direito, pra poder ela mesmo emagrecer. Só que aí ela tipo, um dia a gente tava comendo pâté de atum com aqueles biscoitos de arroz que não tem gosto de nada. Sabe aqueles biscoitos redondos? Péssimo. Com pâté de atum tipo, três calorias, De almoço, lanche e janta. E em outro dia a gente tava almoçando lasanha, jantando McDonald's, comendo rabibi de madrugada. Então, tipo, eu não tinha muita certeza. Eu tinha muito insegurança alimentar. E aí isso me pegou muito.
Cena 30 – Cenário programa JOVENZ câmera principal – Enzo Carmignolli Gomes	Ansiosos, deprimidos, neurodivergentes... Parece que todo mundo hoje em dia tem um probleminha dentro da cabeça que afeta todas as suas ações. Seja com, ou sem diagnóstico, quando nós temos problemas nós costumamos tentar resolver eles. Você tem diversos métodos ótimos para fazer isso. Terapia, meditação, remédios controlados, esporte, até a religião pode te ajudar. Mas você também pode encher a cara e fumar que nem uma caipora. (sorriso)
Cena 31 – Adão	Você fuma, então? Fumo. Você fuma muito? Fumo muito. Você diria que você é viciado? Com certeza. Eu fumo... Eu diria que fumo por conta da ansiedade. Mas eu acho que nem por conta. Obviamente isso ajuda, mas não é por conta da ansiedade. Eu acho que porque eu não me importo. Nunca me importei muito assim comigo e tal, no sentido de saúde, me importo, óbvio, vou no médico. Tento, me preocupo assim, uma hora tenho que parar, não pretendo fumar apesar da minha vida. Penso em tentar diminuir, só que eu não tenho vontade, porque eu não... Eu sinto que, pelo menos hoje em dia, não tem nada assim pra... É, pra mim não tem um motivo.

Cena 32 - Kézia	Acho que próximos, próximos de mim... Acho que uns dois, três que fuma. Essa galera não tem muita vida, Não. Eu acho que a galera acha que eu fico julgando eles. Mas eu não julgo, eu só não... Não quero.
Cena 33 – João Victor	É uma parada que eu odeio bastante. Eu odeio fumar. Dei do começo. Eu não sei nem por que ideia eu comecei essa porra. Não sei explicar. Acho que eu tô me sentindo mais sozinho. E aí, quando eu fumo, eu sinto uma paz, ligado? Tipo, uma organizada. Tipo, make a home, reload. Volto pro checkpoint. Cara, eu fumo todo dia, só que eu bolo um tabaco pra durar um dia. aí eu fumo... É, fica mais ou menos desse tamanho aqui, Só que um terço dele é piteira. Eu não sei, eu não tô tentando parar, acho que se eu tentar eu consigo. Eu acho que se eu tentar eu consigo. É que nem aquele... É que nem aquela... aquele amigo seu que eu fumo pra caralho e fala, ah quando quiser eu paro, mas tipo, o moleque nunca para. Acho que eu nem sei, velho. Mas eu acho que quando eu quiser parar, não sei, velho. Não sei se vai ser fácil, provavelmente vai ser difícil. Provavelmente vai ser difícil, mas eu vou tentar.
Cena 34 – Gabriela	Eu detesto o cheiro. Seja de qualquer coisa. Seja maconha, seja paieiro, seja cigarro normal, seja vape, nagle, o que for. Eu detesto o cheiro de qualquer uma dessas coisas. E eu vou buscar não estar no mesmo ambiente. Então assim, não tenho nada contra você que fuma. Você quer fumar, tudo bem, ok, mas eu não quero estar presente naquele momento, entendeu? Eu não vou falar pra você, nossa, para de fumar, você vai morrer por causa disso. Não, mano, faz o que você quiser.
Cena 35 – Yanna	Na verdade, o que mais me deu efeito até hoje foi cigarro. Eu comecei a fumar quando eu tinha saído de um relacionamento. E aí mano, não sei o que deu na minha cabeça, acho que eu nunca tive naquele momento. É nem eu falei, eu sou uma pessoa muito astral, feliz e tal, otimista. Mas naquele momento mano, eu tava muito imprimido e tal. falei mano, eu preciso fumar pra me acalmar, eu tava tremendo, tá ligado? Já, mas tipo assim, um cigarro, uma vez na vida, outra na morte, sabe? E aí naquela época mano, eu comprava massa de cigarro, assim, menos uma semana, acabava com massa inteira, sabe? Menos dois dias, então. E aí eu comecei a fumar muito, e a partir daí... Até esse meu momento de me curar dessa grande situação que estava passando, eu fumava normalmente, Até que eu comecei a sair muito

	com meus amigos e tal, e fumava também, não só com meus amigos, né? Bebia, fumava e pá. Até que comecei a cuspir sangue com a do cigarro, todo dia. Aí eu falei, mano... que parou. Que parou, não fumo mais, que... Não sei se é bagulho meu, não sei explicar, mano, porque conheço muita gente que fuma muito Maipita todo dia e nada aconteceu. eu, mano, hoje em dia mesmo, acho que se eu voltar a fumar cigarras, se eu fumar uns dois cigarros, eu que eu começo com os pissolengue de novo, sabe? Então, assim, é um bagulho que não consta pra mim nem um pouco.
Cena 36 – Cauã	Cara, eu acho que... Tudo que vicia a pessoa... Tudo que me vicia eu tento evitar porque eu sei que eu vou viciar se eu continuar usando aquilo.
Cena 37 - Miriam	Fumo muito desde os 14 também. Foi a etapa durante a pandemia então? Eu comecei a fumar um pouco antes. Eu fumava na narguile, com uns 12. Minhas amigas tinham irmãos mais velhos, essas irmãs mais velhas fumavam. Então aí eu só fumava com elas. aí depois eu comecei a fumar com um cator... Depois eu comecei a fumar com 13, com o meu primeiro pódio. E aí do pódio eu fui para paieiro, cigarro, depois eu filmei um ano inteiro só cigarro, sem fumar pódio. Aí depois eu voltei a fumar pódio porque eu não gosto de ficar fedida, basicamente. Chegou no ponto de ser uma carteira de cigarro por dia.
Cena 38 – Giuliana	Já fumei maconha, também nada que eu fale que vontade, tá ligado? O máximo que me dá é nem eu falei. Vou dar uma vontade de tomar uma cervejinha com meus amigos, só. Talvez fumar um berco com meus amigos. De vez em quando. Tipo assim, de especial.
Cena 39 – Adão	Tem semanas que eu fico sem beber. Mas se eu vou pra um rolê pra beber, eu vou lá e bebo. Ah, porque eu acho divertido. Parece que... Pô, você se... Você se sente idiota. E... É tão difícil você se permitir ser idiota, às vezes? Até pra você mesmo? Que é legal! Então... Eu diria libertador, mas eu diria diferente.
Cena 40 – Carlos	Você bebe? Bem ocasionalmente. Já ficou bêbado? Uma vez eu me arrependo profundamente. Na minha defesa era antes de eu ser pete. Como foi essa experiência? E por que você se arrepende tanto? Ah cara, eu acho que... É porque não era uma experiência agradável e assim... O pós. O pós é o momento que você... entende a agudeza daquilo que você fez, a consciência. É, e muitas pessoas ignoram isso e

	assim, não, quero aquela êxtase do momento. E realmente, a êxtase do momento é muito boa. Mas é aquele negócio, depois que eu fui mudando, eu me converti ao cristianismo, que fui pensando sobre as coisas bem assim, estar embriagado não é algo bom para as pessoas que estão à minha volta, não é bom testemunho para os outros, e também não é uma coisa tão boa assim, sabe, assim, é um sentimento muito, muito vão, muito temporário, é uma coisa que passa depois que você chega em casa e dorme. Não é uma coisa que eu busco, eu quero buscar coisas maiores do que isso.
Cena 41 – Yanna	Porra, eu comecei a beber muito cedo, mano. Comecei beber muito cedo. A primeira vez que eu bebi na vida, foi um copão de vodca, acho que foi... Ficou marcado no meu código, no meu DNA, assim, no meu sangue desde esse dia. Tinha 14 anos de idade, mano. Bebi um copão de vodca do BK, 400ml, eu acho, tem um copo do BK. assim... A partir daquele dia, pra mim, assim, ah mano, gasolina, né, velho? O carro tem que andar com combustível, né SOMBRA 23:03 Eu bebo quando dá na telha, mas não necessariamente quando dá na telha. Eu não sou aquela pessoa que tá no dia a dia e fala, nossa, que vontade de beber, sabe? Eu não sinto falta. Mas se tivesse uma garrafa que agora estava nessa entrevista com a garrafa de vó e o amor aqui bebendo, sabe? Eu acho que, mano, chega a ser artístico a minha bebelosia, se é quando tem. É performático. É... Não sei se seria performático, né? Que gente deturba muito significado da palavra performático, né? Mas... cesáuro, uma vibe. É, exatamente, mano. Beber pra mim é o estilo de vida, eu acho. Então, tipo assim... Não é sempre que você pode sair na academia, mas quando você vai, você tá vivendo a vida da alguém na academia, sabe? Fica comigo na minha coisa. Não é sempre que eu botar a garrafa de na mão, mas quando eu tiver, eu tô vivendo a vodka
Cena 42 – Gabriela	Já tive contato com álcool, mas eu não sou uma pessoa que é viciada. Se o ambiente não tiver álcool, ok pra mim. Então é algo mais casual, né, que eles falam. E eu bebo também. Não é pra ficar bebo, eu nunca fiquei bebo. vontade nenhuma de ficar, é mais pelo gosto, tanto é que as pessoas falam que eu sou chata pra beber e eu sou mesmo. Gente, cerveja é péssimo, vinho é muito ruim, eles amargam, de amargo já basta a vida, eu não quero coisas que não tem aquele doce, sabe?

Cena 43 – Miriam	E eu bebo muito vinho. Porque é uma coisa que... Meu pai bebe muita cerveja. E ele bebe, tipo, todos os dias dele. Alcooltra. E eu também já fui diagnosticada com alcoolismo. Então, tipo, bebo menos. Porque eu não quero parar de beber nunca. Então eu tenho que beber menos. Pra me matar menos. Pra poder beber pra mais tempo. Então eu bebo bastante vinho com muita frequência. Com 14 anos eu fui psicologicamente diagnosticada com o alcoolismo. Eu tava na pandemia, pai bebia muito e meu pai sempre foi do tipo que não bebe. pai não bebia na minha infância. E aí ele começou a beber. Aí eu falei, então por você pode não posso? E ninguém me explicou porque eu não podia. Ah, porque a idade? Ah, porque você não pode legalmente? Eu tipo, tá, mas isso não me explica. Me dissequa a informação, fala por que eu não posso. Hoje em dia, se tiverem falado assim, que vai danificar seu cérebro pra sempre, eu falo, ok, não vou beber. Mas tipo, não me explicaram isso. E eu bebia, eu dormia bem, eu tinha depressão, tava tipo, extremamente depressiva. Então tipo assim, eu bebia, cava... No meu próprio quarto, eu vi uma música do Tim Bernardes, assim, Eu não matava, eu ficava tipo, mano, é isso. Quem precisa de remédio psiquiátrico? Bebida Mas a doença não se dissipa, uma vez que já comecei a você nunca mais para de ser alcoólico.
Cena 44 – Henrique	Não bebo mano. Não assim. Bebo não com frequência. Geralmente socialmente, mas eu não faço questões de bebê. Sabe? Cara... E... Mano, eu tenho muita parada de beber alguma coisa que eu não considero ruim, sei lá, é foda. Eu não gosto de cerveja, eu não sou muito fã. Pra mim cerveja boa é cerveja que mais fraca, então sei lá, tomou mistério. Mas eu não faço questão de, tipo, eu vou comprar isso pra beber em tal evento. Vou comprar, sei lá, uma bits, uma canelinha que eu gosto, lá, algum bagulho assim doce. E fica por isso.
Cena 45 – Murilo	A minha relação com a bebida... Eu tenho uma relativamente ruim com a bebida. Porque meus pais são duas pessoas que não são saudáveis por causa da bebida. E eles são tipo de pessoas que bebem todos os dias. Não de tipo encher a cara, ficar bêbado, fazer merda. Mas eles bebem todo dia. E é uma coisa desagradável. Então eu tenho uma regra que eu só posso beber sexta-feira depois das 17. Então de segunda a sexta, se eu for beber é tipo um drinquezinho. Nem uma cerveja. Só um drinquezinho. E aí

	sábado, domingo... Domingo eu não bebo, mas o sábado escaralha. Todo sábado eu sinto escaralho.
Cena 46 – João Pedro	Você bebe? Bebo. Muito? Hoje em dia não mais tanto. Tô tentando evitar beber meio de semana, mas já teve época da minha vida assim, Fih, que era vodka pesado diariamente. Ali o meu final de terceiro ano, mano, era todo dia me anestésico pesado na vodkzinha, mano. Por quê? Mano... Porque é bebida, porque se fosse comida com meloía, eu acho que... Acho que minha intensidade na época eu descontava muito na bebida. E aí, pelo mesmo motivo que toda alcoólatra bebe, eu bebia. Quando você começa a ter os sintomas físicos assim, e tá mal, você vira e se eu quero manter esse estilo de vida, tenho que dar uma regrada, saca? E... Porra, saúde ruimzona, saca? Eu lá pros meus R-78, o diarreia explosiva toda hora, era papo de ficar doidão, fazer merda, brigar na rua, passar mal. Me machucar e não perceber porque eu tava anestesiado, depois ver que eu tava fudido, vomitar sangue... Uns trem meio pai assim, saca? E foi tipo estopi.
Cena 47 - Isadora	Hoje em eu só tenho um vício na vida, que é o Neossoro. Gente, como que pode um negócio tão pequeno causar tantos estragos? Nossa, é muito bom, meio que custa 5 reais. Você coloca seu CPF lá na drogazine, eu saio por 6 reais no máximo. É muito bom. Na N6, sai 4, às vezes. Você tem o Nelsoro aí? Com certeza! Eu carrego ele pra todos os lugares
Cena 48 – João Pedro	Eu bebo, eu fumo e raramente eu dropo ácido. Já teve época que eu dropei muito ácido assim, só que não faz bem, mexe com a cabeça absurda. E aí eu prefiro dropar raramente assim só como diversão. Porque... Mexe com a cabeça, Tô até... Qualquer esses sintéticos aí, mano, mexe. Mas quando é mexe pra porra, pra porra, mas mexe muito menos que esses sintéticos. Eu trato droga como uma poção mágica em um jogo, saca? Eu tô jogando a literária, tenho que tomar a poção de... Brotar mais inimigos, porque eu tenho que farmar. Vou lá, faço L e tomo. Tô no my rave, meu pé tá dando pra porra. Caralho, vai L e um MDzinho. Caralho, tô aqui num rolezão, mano. Pelo celular ok, papó, cocaína. Saca, acho que... Os momentos, as substâncias, problema está no tópico do vídeo, o vício, o uso constante.
Cena 49 – Yanna	Droga mais pesada já. Já, mas nunca foi minha vibe não, mano. O verde, o fino de sempre. Já,

	mas nunca bateu legal em mim. Não é nem questão de bad trip, foi só tipo assim... Fiquei com sono e eu falei, nossa, se eu quiser ficar com sono eu durmo, porra. Sei lá, tome melanina. Melanina não. Melanina já tem demais.
Cena 50 – Miriam	Alguma substância ilícita, traquecerona? Maconha, apenas, é a coisa que mais me aproxima de Deus. É a maconha, de verdade. Eu fumo em casa e eu fico tipo, mano, Deus é lindo. E eu tento ser uma pessoa melhor porque eu tô fumando. E eu fico vendo beleza nas árvores naturais e eu fico tipo, mano... Ancestralidade, isso é lindo, sabe? Ai, tão ancestral, acho que é pensando que eu tava pouca-ronta, sabe? Fico, ai, que coisa linda de viver. E eu fico só tão suave, fico tão tranquila, não tenho ansiedade, não tenho trauma, não tenho nada me perseguindo, não tenho nada me seguindo, não tenho nem passado, não tenho presente, não tenho futuro, é apenas a droga. É apenas a brisa. É apenas a marola. E você fica tão... Que delícia, sabe? Todo vídeo que você tá com... Todo conteúdo que você consome é mais gostoso. Qualquer música que você seja mais gostosa, o frio é mais gostoso, o calor é mais aconchegante, as músicas são mais melancólicas, sabe? Tudo é mais gostoso, sabe? Bebe um copo de água, você é tão grato pelo copo de água, sabe? Você come uma comida gostosa, fica tão grato por isso, tipo, mexe mais próximo de Deus, sabe? Fico tão grata pela existência na nossa, sabe?
Cena 51 – João Pedro	Só que um bagulho que eu queria falar desde o início do é que todo mundo tem um vício. Não existe uma pessoa no mundo em que ela não seja viciada em algo. Todo mundo tem algo. E vício não é só aquilo que te traz prejuízo. Vício é tudo aquilo que você não dá conta de viver sem, saca?
Cena 52 – Kézia	Você usa muito celular? Uso muito. Você acha que é um problema? Acho que é um problema. Por que você usa tanto celular? Eu não sei. Eu realmente não sei. Você pensa em alguma coisa para mim? Sim. É um objetivo meu esse ano, inclusive, diminuir o meu tempo de tela, de uso de celular. Aí eu comprei coisas para fazer bordado. Eu me irritei muito para colocar a agulha na linha e fazer o bordado. Só que nesse momento de estresse eu fiquei uma hora fora do celular. Acho que para mim já valeu a pena. Mas eu vou ficar boa no bordado ainda, só falta o treino.

Cena 53 – Gabriela	A nossa geração cresceu muito com o celular, tirar isso é muito difícil porque meio que faz parte da gente, né?
Cena 54 – Isadora	Eu acho que quanto mais tempo eu passo no celular hoje em dia, mais inútil eu me sinto. Mas ao mesmo tempo tem uma certa coisa que me conforta em ser viciada no celular é porque eu realmente consumo coisas que me deixam feliz. Eu consumo muito YouTube, muito documentário, então eu acho que tem sua parte com ele, com certeza né Mas não dá pra lutar contra hoje em dia, então o que eu posso fazer é tentar fazer algo de útil com ele E é isso! É difícil também? Ai muito, Twitter né, é o mais Muito!
Cena 55 – Henrique	Mas, porra, a gente se acostumou muito nesse jeito de receber informação a todo momento. Então o celular meio que vira parte nossa. Tipo assim, porra, aí vai, pô, você vai pra um lugar sem internet e você já fica meio assim, porra. 46:36 que tem o que fazer lá, porque senão eu vou ficar maluco, tá ligado?
Cena 56 – Giuliana	É que três horas é muito... Se o nosso dia tem 24 horas, a passa 12 horas acordado, três horas é o quê? Um quarto do seu dia? É muita coisa, Eu gostaria. Eu odeio mexer no celular quando eu tô saindo. Eu gosto muito de sair porque eu gosto de com outras pessoas. E pra mim é isso. Se eu estou com outras pessoas, eu não quero estar mexendo no celular.
Cena 57 - Cauã	Eu não sinto que me prejudica não eu usar o celular. Ainda mais com tudo os avanços que tem hoje, tecnologia. Tudo que... Você tem uma dúvida aqui. Onde que eu vou pesquisar? Você vai lá e pergunta para qualquer inteligência artificial. Ele te explica ali da melhor forma.
Cena 58 – Carlos	Mas é um pouco difícil hoje porque nós somos dependentes do celular pra muitas das suas atividades. Isso é uma coisa que não tem romântica de tirar. Mas é sempre assim. Já pegar o celular pra resolver algum problema, a gente vai abrir o Zap. Já chegar o celular pra resolver algum problema e abrir o Instagram. Esse é um problema que eu vi mutado ativamente, mas sim, o meu tempo de tela, dos 6 meses pra cá, reduziu substancialmente, mas que ainda não seja satisfatório pra mim.
Cena 59 – João	Quer usar sua maconha? Use Mas tenha controle Quer beber seu álcool, seu negrone? Beba, mas escolha um dia Não, desde que isso trabalhe sua vida Não perca suas familiares, não perca suas famílias, não perca seus amigos. Tome cuidado com seus vícios.

Cena 60 – Cenário programa JOVENZ câmera principal – Enzo Carmignolli Gomes	Okay, como apresentador do programa eu acho importante dizer algumas coisas. Número 1 a idade mínima para consumo de bebidas alcoólicas e fumo é de 18 anos. Numero 2 não abuse de substâncias. Numero 3 sempre que possível procure ajuda. Número 4 não, não é normal tossir, cuspir, vomitar, urinar ou defecar sangue! Mas, fora tudo que a gente acabou de escutar, o que esses jovens promissores tem na cabeça pro futuro? Por que afinal, a gente não vai ser jovem pra sempre. Será que dá pra pensar no nosso futuro nessa economia? Com todas as guerras, crises políticas, sociais, tecnológicas.... Você confere isso no Jovenz, com Z.
Cena 61 - Arthur	Você fecha os seus olhos pro futuro, assim? No relacionamento pelo menos? Pra várias coisas, Acho que pra isso também. Por quê? Eu não sei, eu não vejo muita vantagem em gastar... esforço mental nisso, Porque eu não consigo... Só se ficar pensando em mil cenários, não vai impedir que algum deles aconteça ou não vai garantir que outro aconteça, sabe? Então, eu prefiro tentar ir deixando acontecer.
Cena 62 - Hugo	Eu gosto de pensar sobre o que tá nas minhas mãos, sobre algo que eu possa fazer, algo a respeito. Então, à medida de ter algo que eu possa fazer, que esteja sobre o meu futuro ali, eu gosto de pensar sobre. Com certeza me afeta, deixa preocupado, frustrado, irritado, parado, mas eu sei que eu não posso fazer nada a respeito. Então não é uma coisa que eu invisto muito do meu tempo, da minha energia, das minhas forças pra pensar a respeito.
Cena 63 – João Victor	Cara, eu pretendo ser bem firme nas paradas que eu começo a fazer, porque eu tenho um grande problema de começar algo e não terminar. Acho que a faculdade está sendo um desafio pra mim por conta disso. Agora já pensei em trancar, mas também quem nunca. Mas eu quero ter essa resiliência. Não vou falar que eu sou fraco também, mas tipo essa parada de se eu comecei, tudo bem, eu vou terminar.
Cena 64 – Cauã	Cara, é aquele negócio. A minha vida depende só de mim, né? Se eu quero conquistar algo, depende de eu ir atrás para conquistar aquilo. Então, não vou falar assim que eu não procrastino, que eu tô sempre tentando ir atrás. Lógico, tem uns dias que... Você está numa preguiça lascada, você está num desânimo, vezes acontece alguma coisa na sua

	vida que te desanima. Mas eu sempre tento buscar meus objetivos, correr atrás do que eu quero, porque eu sei que se eu não for, ninguém vai por mim.
Cena 65 - Carlos	Mas enfim, daqui a cinco anos talvez eu saia com alguém que eu gosto. Talvez até que cinco anos eu esteja disposto a me apaixonar. Não tenho vontade de correr pra casar não, não desespero não. Eu acho mais importante você... Quando você está solteiro, aproveitar o momento para se solidificar na palavra de Deus, de você solidificar com o profissional, é porque, desculpa, você não vai sustentar o casamento com amor não, tá? Tem que pagar.
Cena 66 – Murilo	Nos próximos anos eu gostaria de... arrumar um bom trabalho, ter a minha própria casa, não uma casa, mas um apartamento, um lugar assim meu. Arrumar uma esposa. Sabe, morar com alguém que eu gosto de verdade. É... Eu quero... principal ponto é tipo, ter o meu lugar e uma estabilidade financeira. Tá ligado? Fazer concursos, estudar, trabalhar. Focar no que importa pra ter uma vida boa.
Cena 67 – Giuliana	Eu quero fazer mestrado e doutorado. Fora do país doutorado. Eu quero... Talvez casar e criar uma família, ter um emprego legal, estar viva é importante para fazer tudo isso. É isso. Sim, eu quero ser mãe. acho que só 12 pessoas da entrevista aí falam sim pra isso. Eu gosto, eu gosto. Cara, é porque eu acho que é muito legal você criar uma família. E eu sei que famílias são vários formatos, tá ligado? Só que eu acho legal, eu não sei, eu acho legal ideia de ter filho, tá ligado? Eu acho fofo a ideia de criar uma pessoa para o mundo e ver ela se desenvolver e ver ela ter suas próprias escolhas e ver ela criando escolhas além de você e você tipo, caralho, de onde surgiu isso? Mas surgiu em lugar. É bem legal. Eu sinto que muitas vezes eu me sinto um coach, né? Mas se eu for ficar pilhada com o que pode acontecer de ruim no meu futuro, eu não vivo nem o presente, nem o futuro que eu quero. Então é melhor eu acreditar que ele vai acontecer.
Cena 68 – Henrique	Mano, eu acredito muito nessa de tipo, pelo menos eu tenho um olhar bem positivo em relações, sabe? De dar progressão... Nisso, eu penso... É engraçado porque se você olhar muita gente da nossa geração mesmo, pessoal mais novo, às vezes pensam em não ter filho, de primeiro momento. Beleza, são muito

	novos também, mas já pensam, tipo, não quero pensar nisso, já não quero ter filho e tal. É uma parada que eu penso, mas cada um tem sua visão de mundo, como foi criado e tal. Só que assim, pra mim eu penso e eu acho que tem um pouco de influência sobre... sobre... querer ter filho, eu acho que é passar adiante... coisas melhores, tipo o que eu pude extrair de bom da minha relação com os meus pais, mas tudo ao redor, né? E, eu penso em formar uma família. E... Ter dois filhos, uma casa. E... Eu gosto muito do Brasil, Muito. Tipo... Mesmo que, às vezes, a situação não melhore. Que eu ganhe o máximo de dinheiro para ter estabilidade para a minha família, que eu consiga ainda me manter no país que eu nasci. Eu gosto muito daqui. De verdade.
Cena 69 – Miriam	Mas eu acho que daqui a pouco passa. Porque daqui a pouco eu vou o ser, né? Tipo, vai ter algum momento, acredito em Deus, com fé em Deus, que vai ter algum momento que eu não vou ter que esperar virar mãe, que eu já vou ser mãe, que eu não vou ter que esperar casar, que eu já vou ter casado, que eu não vou ter que esperar me informar, porque eu já vou ter me informado. Tipo, eu espero que essas coisas aconteçam cada vez mais frequentes, cada vez mais... Em algum momento eu ser feliz, sabe? Tenho uma certeza sobre isso.
Cena 70 – Emanuelle	Por exemplo, eu sei que eu fiz as minhas escolhas e que a minha vida é minha vida, mas a gente vê amigos em momentos de vida muito diferentes, né? Então tem amigos meus que já estão formados, que já têm trabalho, que estão casando, amigos meus que têm filhos. Então é uma loucura. Tem... Da minha idade, é. Tem gente que tipo, formou comigo no ensino médio e tá com dois filhos. e tipo, tem casa, apartamento e aí você vê que tipo, eu tô na faculdade, eu tô me matando pra pagar minhas contas, não tá sobrando dinheiro pra nada, não tenho previsão nenhuma de ter uma casa própria, de ter um carro, e a galera tá, tipo, deslanchando na vida, sabe? Meus pais pagam as minhas contas. Então, quando eu formar, o que eu vou fazer? Meus pais pagam as minhas contas para eu estudar. quando eu formar? Eu vou ter um emprego para pagar minhas contas. O meu emprego vai pagar o meu aluguel, minha alimentação. E eu ainda vou ter tempo e dinheiro para o meu lazer. E como eu te disse, eu gosto muito de ler. Então, cara, livro é muito caro. Eu fui ver de comprar um livro ontem, não comprei, mas eu fui ver de comprar um livro

	ontem e o livro estava a 50 reais. 50 reais é o almoço dois dias. É dois dias de almoço num lugar barato, porque com 25 reais é um almoço em qualquer lugar. Então acho que é isso, acho que o que mais me pega na ansiedade é a questão de financeiro.
Cena 71 - Adão	Ah, com certeza. Eu não consigo me ver daqui cinco anos e eu nem quero também. Tipo, tem as coisas que eu quero alcançar, quero fazer um mestrado e tal, quero publicar o livro, tem essas coisas que eu luto pra fazer. Só que, porra, eu não tenho tipo, ah, vou, quero estar necessariamente casado morando em necessariamente tal lugar. Minha vida já virou de cabeça pra baixo tantas vezes. Eu não quero ter algo pra seguir também. Eu gosto de ver meio que assim, sabe? Meio que tipo... Porque eu acho que faz parte de você ser aberto também. Vai que às vezes apareça uma maior oportunidade da minha vida, sei lá. Sei lá, o Toguro me chama pra lançar um maromba. Ai eu, pô, tô indo! O que hoje vocêalaria que é a sua vida e que é verdadeiro amanhã, pode não ser mais. E é muito angustiante você viver nisso. E hoje em dia, porra, é o padrão você viver nisso.
Cena 72 – Arthur	Eu gostaria de aprender mais coisas. Não só no sentido de coisas para que vão me ajudar no futuro profissional, também coisas relacionadas à história, filosofia, religião, teologia, etc. Viajar. E gostaria de passar mais tempo com meus amigos. E provavelmente não vai acontecer, mas eu gostaria de ter mais tempo livre.
Cena 73 – João Victor	Cara, acho que a humanidade tá tendência a ser mais idiota do que é. Tipo, eu não sei o que esperar, sabe, do futuro. Cara, eu sinto angústia, sabe, que a gente tem muito ponto social, principalmente a nossa geração. Só que a gente tá mais pro comodismo, sabe? E... Sei lá, mano, a gente tem muito potencial pra caralho e às vezes a gente não enxerga esse potencial que a tem. A gente vê uma parada na política que acontece. gente não tem mais a coragem de lá no canal reclamar, de fazer um apoio no protesto e reclamar. A primeira coisa que a pessoa vai fazer é ir no Twitter reclamar sobre aquilo ali. Aí as autoridades pra falar que aqui dali é um controle que ela pode ter, elas vão ceder, né? Mas tipo, quem garante que daqui 20, 30 anos, se você reclamar no Twitter vai adiantar alguma coisa?

Cena 74 – Carlos	E eu acho que o mundo está se encaminhando pra momento muito sombrio do jeito que está indo agora também. Eu acho que o mundo está se encaminhando pra várias e várias guerras. E é isso. Eu acho que o mundo não tem uma perspectiva boa da rota que está indo. Mas nós como jovens temos a missão, né? E não uma missão extraordinária, assim. Não é como se nós fôssemos escolhidos, uns grandes heróis, não. É porque os jovens não lideram só o futuro. Os jovens lideram o presente.
Cena 75 – João Pedro	Eu acho que botar mais alguém no mundo é meio que crueldade hoje em dia. Porque eu não tenho muita perspectiva de melhora para a humanidade. Na minha cabeça só vai piorar, só vai ficar cada vez mais quente. Eu acho que é miserável botar um filho meu para andar na rua e 50 graus, saca? Ser um jovem daqui 10 anos. Ter sua vida jovem daqui 10 anos pra mim é uma miséria.
Cena 76 – Murilo	Acho que muita gente, assim como eu, pensa que é um merda porque a gente vê tudo que os nossos pais fizeram com a nossa idade e pensa, por que eu não estou igual a Mas a gente não tem que se comparar com eles, a gente não tem que se comparar com ninguém na verdade, mas acho que sempre tenta trazer tudo pra realidade onde a gente vive. Tipo, é muito injusto com nós. A gente se comparar com nossos pais que tinham um carro com 18 anos, uma casa com 20, filhos com 22, uma vida estável com 25. Sendo que hoje em dia tudo é mais caro, tudo é mais rápido, tudo tá muito... volátil, sabe?
Cena 77 – Giuliana	E eu tenho medo da política atual, eu tenho medo da onda crescente de movimento Red Pill, misoginia, 3 mil... viadolfos e muçolésbicas que estão surgindo tá muito doido o mundo as pessoas são horrivelmente misóginas atualmente isso é assustador porque eu pentei papo de umas cinco vezes antes de botar esse short que eu tô usando pra sair na rua porque as pessoas tão lelesíssimas deu eu morrer também, não quero morrer de preferência não é isso? Eu sou mais esperançosa do que eu tenho medo. Eu tenho que ser mais esperançosa do que eu tenho medo, senão eu não vivo.
Cena 78 - Gabriela	Porque a vida tem que ser mais do que sobreviver, do que trabalhar, apesar de que eu não sou pessoa que tem dificuldades grandes, Eu sei que tem gente muito pior que eu. Eu nunca passei fome, nem nada do tipo. Eu sempre tive a minha família pra poder me amparar. E eu sempre consegui realizar muitas das coisas que eu queria. Meus pais sempre conseguiram me

	dar aquilo que eu gostaria. Mas, tipo, é muito ruim ver que não é todo mundo que tem isso. muito ruim. São muitos anos de revolução, muitos anos de sociedade para poder voltar as sociedades que não eram... que não sabiam conviver com um diferente, que não sabiam dialogar. Então isso me preocupa. acha que vamos regredir então? Eu acho que tem sim uma grande chance, ainda mais que ano passado a gente ainda tá vivendo essa bipolaridade política, Ai Lula, Bolsonaro... E tipo assim, as pessoas ficam focadas nisso, elas não parecem que elas... Parece que vimos aquele negócio com o cavaluzo que não sei o nome, que ele só olha pra frente, ele não olha pro lado. E assim, coisas boas e coisas ruins sempre vai ter em qualquer lugar, qualquer instância, em qualquer movimento. Então, o que eu acho que a gente tem que fazer é, a gente tem que ser crítico em qualquer coisa que a gente está disposto a fazer, ou a querer saber mais.
Cena 79 – Isadora	Se uma nova guerra não acontecer, eu acho que a gente não vive muito não. 55:03 Eu acho que questões políticas, etc. tal, mais mais do que isso, mundo mesmo, a terra em si, eu acho que em breve todo mundo vai colapsar. Em questão de natureza, desmatamento, aquecimento global, etc. Eu acho que por mais que a gente acha que vai demorar, não vai. Porque eu acho que tá tão acelerado tudo e tão congumpido tudo, não vamos durar mais tanto tempo.
Cena 80 - Arthur	Assim, eu até penso sobre, mas eu não chego em lugar nenhum, sabe? Tem muita coisa acontecendo e só eu de cinco anos atrás não conseguiria prever o que está acontecendo hoje. Eu não acho que eu, eu agora consigo imaginar o que vai estar acontecendo daqui cinco anos. Eu tento ser otimista, então eu vou dizer que eu acho que vai melhorar
Cena 81 – Cenário programa JOVENZ câmera principal – Enzo Carmignolli Gomes	Uau, o que falar da perspectiva de futura da Geração Z hein? Não, sério, o que falar? Eu legitimamente não sei. Como jornalista eu de fato deveria ser imparcial, mas é difícil não se alinhar com a desesperança e ansiedade da maioria. Olha, agora vamos falar de coisa boa, no próximo, e final episódio, nós vamos ver o que os nossos queridos participantes concluíram sobre o que significa ser jovem.

	Depois de toda essa jornada, eu espero vocês lá, pra finalizar com chave de ouro. Meu nome é Cray e até depois, no Jovenz, com Z
--	--

APÊNDICE V – ROTEIRO EPISÓDIO V – JUVENTUDE

IMAGENS	ÁUDIOS
Cena 1 – Cenário programa JOVENZ câmera principal – Enzo Carmignolli Gomes	Seja bem vindo de volta ao JOVENZ, com Z. Meu nome é Cray e chegamos então ao nosso último episódio, mas não comemora ainda, por que nós temos alguns minutos de conteúdo fresquinho para vocês.
Cena 2 – Cenário programa JOVENZ câmera secundária– Enzo Carmignolli Gomes	Depois de 5 episódios, onde nós falamos sobre lazer, amor, família, religião, vícios e futuro, eu trago a vocês as conclusões dessa nossa querida produção.
Cena 3 – Cenário programa JOVENZ câmera principal – Enzo Carmignolli Gomes	Finalizamos com o nosso tema principal, Jovens Mas afinal, o que é ser jovem? É o que a lei fala? "São jovens aqueles entre 18 e 25 anos?" Ou deveríamos observar o que música popular nos diz e falar que “temos nosso próprio tempo”?
Cena 4 – Cenário programa JOVENZ câmera secundária– Enzo Carmignolli Gomes	Olha eu não tenho uma resposta definitiva para isso, por esse motivo nós entrevistamos toda a galera que a gente viu nos outros episódios.
Cena 5 – Cenário programa JOVENZ câmera principal – Enzo Carmignolli Gomes	No final de cada entrevista, naquele momento lúdico que as pessoas acabaram de falar de todas suas intimidades pra você, eu fiz a seguinte pergunta "O que é ser jovem?" As respostas podem te surpreender.
Cena 6 – Yanna	Cara, pra mim ser jovem é ser um fodido, véi. Sinceramente. Não do sentido negativo, mas... Porra, em todos os sentidos, na verdade. Mas não ser jovem... Cara, ser jovem é lidar com muita coisa, Ser jovem é lidar com o peso de um mundo que tá ficando cada vez mais fodido, querendo ou não. É o peso de, além de viver num mundo fodido, é tentar consertar o mundo fodido que nos foi entregue, né? E ao mesmo tempo tentar se encontrar num mundo fodido, sendo um fodido, sabe? Obviamente, existem pessoas que têm privilégios, né? Seja a condição financeira melhor, ou famílias mais aceitáveis, mais aceitáveis não, mais receptivas. em questões ideológicas e tudo mais. Mas até pra esses pesquisados é difícil. Porque eu que não nasci com nada. É difícil pra mim que eu tenha que arrumar minha vida, arrumar trampo, estudar, ser alguém na vida, pro cara que nasceu no berço de ouro. Por mais pesquisado que ele seja, tendo um pouco de empatia, é um cara que tem que aprender a lidar com pressão dos pais que existe, é alguém que tem que aprender a lidar com o mundo que só vai ver ele como... O mercado talvez, possivelmente. Aquele famoso filho de médico que só vive pra ser médico também, sabe? Então mano, ser jovem,

	mano... É arcar com mundo, mano? Querendo ou não. Porque... Agora a gente é jovem. Agora a gente vai ter que ouvir merda de quem é velho e não evoluiu. A gente sendo jovem, a gente vai ter que ser o que vai carregar esses velhos na previdência. A gente como jovem vai envelhecer e ser os adultos chatos da nossa geração que vem. E a gente como jovem vai ter que ser exemplo pra quem é mais novo que a gente. E talvez nessa equação enorme de tanta coisa que a gente tem que lidar, talvez será o mundo melhor, acredito. Eu como pessoa otimista acredito que a gente consegue, a nossa geração vai criar mundos melhores.
Cena 7- Isadora	Eu acho que ser jovem... muito complicado, né? Porque eu tô com medo de dar uma resposta muito malhação. Mas eu acho que é... Falar ser excêntrico e ser original e ser... Sabe? É muito complicado porque o original pra uma pessoa pode ser o mais simples e manjado pra mim do mundo. Mas eu acho que é ser o que você quer ser. que você acredita que você é e não o que os outros esperam que você seja e não fingir o que você não é entende? eu acho que ser jovem é muito bom eu acho que ainda tem tempo pra pensar nas coisas que eu posso fazer eu tenho tempo pra fazer essas coisas, além de pensar eu tenho tempo pra viver do mais sujo ao mais clean possível e eu acho que tempo é uma coisa que... não dá para recuperar né então acho que ser jovem também andar com um diamante nas mãos e me encanta né quem não quer um diamante
Cena 8 – Giuliana	Cara, ser jovem é ter entre 18 e... Tá brincando. Cara, ser jovem é você lutar constantemente para um futuro que tá mais distante do que o passado. Acho que é isso, ter que acordar. Todo dia e lutar todo dia contra 50 milhões de notícias repentinas sobre morte e desgraças constantes no mundo. E mesmo assim você escolher e falar, cara, estamos aqui, mais um dia e eu quero que o mundo seja melhor do que isso.
Cena 9 – Hugo	Eu acho que ser jovem é estar no caminho de encontrar quem você é e o que você quer fazer. Seja o que você quer fazer pro resto da sua vida, o que você quer fazer agora, como você se sente a respeito de assunto X, assunto Y, seja política, religião, família, amizades. Quais os ambientes que você quer frequentar, o que você tem a oferecer pras pessoas, o que você quer receber das pessoas também. Eu acho que ser jovem é saber quem você é, onde você está e o que você quer fazer.

	está no processo de descobrir, entender e aceitar e ajustar isso para se tornar uma pessoa completa, vamos dizer, ser alguém por inteiro tanto para a sociedade quanto para si mesmo quanto para que seja lá quem você estiver se relacionando um a um ou em grupo.
Cena 10 - Murilo	Acho que ser jovem de forma idiota falando é aproveitar a vida. Seja lá como você queira aproveitar. Acho que a gente pode ser jovem aproveitando a vida, tacando foda-se e vivendo até os 23 fazendo merda e depois disso escolher fazer as coisas certas. ou você pode ser um jovem que vai escolher ser estudioso, arrumar uma namorada cedo, se casar cedo, fazer o que você quiser. Só que acho que ser jovem principalmente é aproveitar o que você pode aproveitar agora, sabe? Tipo, o seu corpo aguenta fazer certas coisas, o seu fígado aguenta certas coisas, o seu rin aguenta certas coisas, o seu pulmão ainda aguenta, o seu cérebro ainda não derreteu, tá ligado? Então, aproveita. Vai fumar maconha, fuma um cigarro, bebe álcool, mas não deixa de estudar. Não deixa de procurar um trabalho, fazer dinheiro. Ser jovem, principalmente na casa dos 20 até uns 28, a antidade, é muito a idade que a gente está entre a adolescência e a vida adulta. Então a gente tem que aprender a conciliar os dois. Tem gente que quer cortar um dos dois sempre. Mas acho que se a gente achar esse equilíbrio, tudo pode dar certo. Então encontre seu equilíbrio, seja feliz, faça merda, use camisinha ou não, use drogas ou não, mas experimenta, tá ligado? Se alguém algum dia te oferecer um baseado, fuma! Você vai deixar de viver isso? Você vai filmar um baseado quando você tiver 40 anos de idade? Muito paia, né? Muito paia.
Cena 11 – João Pedro	Ser feliz, mano, acho que única fase da nossa vida é a tem oportunidade de fazer merda, saca? Tipo... Os jovens tem que fazer merda, tem que errar, tem que aprender, tem que testar, tem que fazer as coisas, mano. Porque senão você chega no futuro cheio de amargura e aí você vai fazer que nem a velhinha aqui que se matou na T-36. Eu acho que ser jovem verdadeiramente é você experimentar, quebrar a cara, fazer merda, se fuder, saca? E no que se fuder, ver que não é o fim do mundo. E se fuder, aprendendo, desenvolvendo, amadurecendo, evoluindo, conhecendo, perdendo... perdendo preconceitos, criando preconceitos, conhecendo pessoas, desconhecendo pessoas.

	Saca, você ainda tem 25 anos, se tu tiver saúde assim, você ainda vai ter mais, no mínimo, 50 anos pela frente, então é época de você despirocar, saca? Não diga nem o exemplo que eu dei pra aplicar golpe e ser preso por fraude, mas... sei lá, saca, dá um PT, desmaiar na rua, vomita. 01:18:08 Faz merda, chega na garota que você gosta, leva um fora na cara, vai lá, faz uma bosta, cria uma empresa que faliu e te deu um prejuízo, e aí depois você arruma uma forma de tentar arrumar e você nem tenta, dá que cinco anos a dívida caduca, saca? Faça a merda que você quiser e dê tempo ao tempo, mas nunca desiste, saca?
Cena 12 – Gabriela	Ser jovem, eu acho que não tem muito que explicar porque é uma coisa que se vive Ser jovem é também... tá sempre mudando e a gente precisa mudar, a gente não pode ficar estagnado numa coisa só de uma forma só. É... Ser jovem é muito bom, eu gostaria que todo mundo fosse jovem. Mesmo tendo... envelhecido, mesmo tendo 60, 90, a idade que seja, acho que todo mundo deveria ser jovem.
Cena 13 – Adão	Ser jovem é você não ceder ao absurdo da vida. Se você se revolta com o absurdo da vida, porra, pode enterrar. Porque... aceitar como se não fosse nada... ou qualquer coisa do gênero ou simplesmente dropar, porra, não dá. Pra mim, você ser jovem, você não cede ao absurdo da vida. Porque quando você não cede ao absurdo da vida e você cede à volta, você sempre tá incomodado. E se você sempre tá incomodado, você sempre tá em movimento. Então é isso.
Cena 14 – Emanuelle	Pra mim, ser jovem é você viver o máximo de experiências que você pode viver Conhecer tudo que você tem pra conhecer E... Cara, bater com a cara na porta e errar e ir embora Faça tua próxima Acho que ser jovem é errar, aprender e seguir a vida Sim! Eu juro que sim, a liberdade de errar E... Saber que, tipo, cara, você é jovem e você tem a vida inteira pela frente pra arrumar isso aí. Acho que até quando você é adulto e quando você é idoso, você tem essa... Claro que quando você é idoso é muito mais difícil, mas... Saber que você pode mudar o tempo inteiro. Eu acho que as pessoas, algumas mais que outras, mas somos completamente mutáveis. E a gente tem essa liberdade de se... Reescobrir todos os dias.
Cena 15 – Henrique	Eu acho que junta muitas coisas, eu diria que é um momento que a gente pode ser tudo, ou querer ser tudo, sabe? não necessariamente, assim, óbvio, no literal da coisa.

	Mas cara, você projeta muita coisa pro seu futuro quando você ainda é jovem. Óbvio, a gente não deve se prender somente a expectativas. Mas a gente cria muito disso durante a juventude. ser jovem... Ah, ficou uma bosta, mas... jovem é passageiro. Mas é bom demais.
Cena 16 – Miriam	Mas hoje em dia eu considero que ser jovem... é poder recomeçar e recomeçar e recomeçar e recomeçar várias vezes quando você quiser. Tem uma música do Tim Bernhard sobre isso também. Chama Recomeçar. Eu amo Tim Bernhard, a tem música sobre tudo. Mas, assim, em algum momento eu posso olhar pro meu relacionamento e falar, porra, não tá mais da hora. E terminar, sabe? Vai ser difícil, vai ser horrível, vai ser péssimo, vai ser, tipo, muito complicado, ser muito difícil. Só que eu não tenho casamento, eu não tenho... Eu não tenho casamento, eu não tenho filhos pra pensar, eu não tenho que divergir hipoteca, sabe? Eu posso... Pô, não mais da hora, sabe? E me reencontrar, e recomeçar. Eu posso ver o que a tá fazendo e falar, pô, eu não tô me identificando, e recomeçar. Eu posso ver o meu cabelo e falar, hum, não tô gostando. E repintar, sabe? Eu posso me recomeçar e me reconstruir pra sempre. Mas é bonito. De jovem é bonito. É isso. Não tem mais o que falar. Fiquei nervosa. Tô falando demais já.
Cena 17 – Kézia	Eu acho que ser jovem é ser cheio de vida, cheio de oportunidade, ser cheio de curiosidade, de energia para experimentar coisas novas, para experimentar a vida. Ser jovem é não ter medo, ter certeza de tudo e não ter certeza de nada ao mesmo tempo, sabe? Se você é jovem, para mim é isso. Eu gosto de ser jovem. Eu gosto de ter tempo para errar, para acertar e para consertar as coisas. Eu acho que é isso.
Cena 18 – Murilo	Eu sou um cara jovial. Você é um cara jovial? Eu sou jovem, com Z.
Cena 19 – Cenário programa JOVENZ câmera secundária – Enzo Carmignolli Gomes	Bem pessoal, chegamos ao fim do Jovenz, com Z. Espero que você saia daqui com alguma coisa a mais do que quando você entrou, e se você não conferiu os nossos outros episódios, vale a pena. Até o próximo episódio, de Jovenz com Z, onde nós não falaremos sobre nada por que acabou o programa.

	Então tchau! Fiquem bem, lembrem de passar fio dental, e não se esqueçam de uma coisa, ser jovem é legal pra caralho!
--	---

APÊNDICE VI – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE PRODUÇÃO ACADÊMICA



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3080
www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO nº038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Enzo Cormignolli Gomes
do Curso de Jornalismo, matrícula 20222012700072,
telefone (62) 982137771 e-mail cormignolli@gmail.com, na
qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos
do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o
Trabalho de Conclusão de Curso intitulado
JOVENZ

gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões
do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado
(Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG,
MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a
título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 28 de maio de 2026.

Assinatura do(s) autor(es): Enzo C. Gomes

Nome completo do autor: Enzo Cormignolli Gomes

Assinatura do professor-orientador:  Documento assinado digitalmente
ROGERIO PEREIRA BORGES
Data: 14/06/2026 20:00:47-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Nome completo do professor-orientador: Rogério Pereira Borges